

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS
BACHARELADO EM DESENVOLVIMENTO RURAL
PLAGEDER

JOSUÉ KUHN VÖLZ

A SERRA DOS TAPES E O SISTEMA-MUNDO:
relações entre os sistemas agrários de uma região no Rio Grande do Sul/Brasil e os
ciclos da economia-mundo

Pelotas

2022

JOSUÉ KUHN VÖLZ

A SERRA DOS TAPES E O SISTEMA-MUNDO:

relações entre os sistemas agrários de uma região no Rio Grande do Sul/Brasil e os
ciclos da economia-mundo

Trabalho de conclusão submetido ao Curso Bacharelado em Desenvolvimento Rural - PLAGEDER, da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Desenvolvimento Rural.

Orientadora: Profª. Dra. Daniela Garcez Wives

Coorientador: Msc. Leonardo Bohn

Pelotas

2022

JOSUÉ KUHN VÖLZ

A SERRA DOS TAPES E O SISTEMA-MUNDO:

relações entre os sistemas agrários de uma região no Rio Grande do Sul/Brasil e os
ciclos da economia-mundo

Trabalho de conclusão submetido ao Curso Bacharelado em Desenvolvimento Rural - PLAGEDER, da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Desenvolvimento Rural.

Aprovada em: Porto Alegre, ____ de _____ de 2022.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Nome Completo – Orientador UFRGS

Profa. Dra.

Instituição

Prof. Me.

Instituição

RESUMO

O presente trabalho se configura como o estudo das transformações da Serra dos Tapes (RS) e sua integração à economia-mundo através das eras. Nesse sentido, a investigação faz uso de uma aplicação conjunta da teoria dos sistemas agrários de Marcel Mazoyer (1986) e a noção de sistema-mundo desenvolvida por Immanuel Wallerstein (1990) para ilustrar os desdobramentos produtivos agrícolas da região em relação à sua participação no capitalismo moderno. Trata-se de uma monografia centrada na problemática "como a inserção da Serra dos Tapes (RS) no sistema-mundo influenciou o desenvolvimento de seus sistemas agrários?" e que levanta a hipótese de que a posição periférica dos agentes regionais nas cadeias produtivas foi um fator decisivo para o desenvolvimento da atual forma social local. Dessa maneira, compreende-se que a configuração capital-terra-trabalho corrente é fruto da sobreposição de cinco modos produtivos distintos: o sistema agrário guarani, o sistema agrário das sesmarias, o sistema agrário quilombola, o sistema agrário colonial e o sistema agrário contemporâneo. E as mudanças entre tais momentos estiveram condicionadas, principalmente, às disputas pela hegemonia ocorridas no centro da economia-mundo.

Palavras-chave: Serra dos Tapes. Sistemas agrários. Sistema-mundo. Economia-mundo. Abordagem sistêmica.

ABSTRACT

The following research aims to report Serra dos Tapes (Rio Grande do Sul - Brazil) transformations and its world-economy integration through the ages. In this sense, the joint investigation and application of Marcel Mazoyer (1986) theory of agrarian systems and the notion of world-system developed by Immanuel Wallerstein (1990) illustrate the relationship between agricultural productive developments and the region's form of participation in modern capitalism. It is a monograph focused on the problem "how did the insertion of Serra dos Tapes (RS) in the world-system influence the development of its agrarian systems?" raising the hypothesis that the peripheral insertion of the territory in the productive chains was a decisive factor for the construction of the current local social form. In this way, it is understood that the current configuration of capital-land-labor was developed through the superposition of five distinct productive modes: the Guarani agrarian system, the sesmarias agrarian system, the quilombola agrarian system, the colonial agrarian system and the contemporary agrarian system. And the changes between such moments were conditioned, mainly, on the disputes for hegemony that took place in the center of the world-economy.

Keywords: Serra dos Tapes. Agrarian systems. World-system. World-economy. Systemic approach.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Representação da constituição de um sistema agrário e de sua relação com demais sistemas	22
Figura 2 – Séculos longos e ciclos sistêmicos	27
Figura 3 – Localização da Serra dos Tapes no mapa do Rio Grande do Sul/Brasil, em relação ao Escudo Cristalino Sul-rio grandense e à floresta Estacional Semidecidual	30
Figura 4 – Representação do sistema agrário constituído pelas aldeias guaranis na Serra dos Tapes	34
Figura 5 – Impacto do sistema agrário sesmeiro na Serra dos Tapes	44
Figura 6 – Sistema agrário regional	53
Figura 7 – Sistema agrário local integrado ao complexo agroindustrial transnacional	64

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Evolução da produção (em toneladas) de frutos perenes utilizados na fabricação de conservas nos municípios localizados na Serra dos Tapes ao longo das décadas	59
Gráfico 2 – Variação na produção (em toneladas) de grãos commodities nos municípios localizados na Serra dos Tapes ao longo das décadas.....	60
Gráfico 3 – Crescimento da produção (mil litros) de leite nos municípios localizados na Serra dos Tapes ao longo das décadas	63
Gráfico 4 – Evolução da produção de alimentos (em toneladas) nos municípios localizados na Serra dos Tapes ao longo das décadas	65
Gráfico 5 – Evolução da produção de fumo em folha (em toneladas) nos municípios localizados na Serra dos Tapes ao longo das décadas.....	69

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AFUBRA	– Associação dos Fumicultores do Brasil
BAT	– British American Tobacco
CONICQ	– Comissão Nacional para Implementação da Convenção-Quadro para o Controle do Tabaco
COOPAR	– Cooperativa Mista dos Pequenos Agricultores da Região Sul Ltda.
EMBRAPA	– Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
EUA	– Estados Unidos da América
IBGE	– Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
JTI	– Japan Tobacco International
ONU	– Organização das Nações Unidas
ONG	– Organização Não Governamental
PTB	– Partido Trabalhista Brasileiro
PL	– Partido Liberal
PLAGEDER	– Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural
SIDRA	– Sistema IBGE de Recuperação Automática
SindiTabaco	– Sindicato Interestadual da Indústria do Tabaco
UHT	– Ultra-high-temperature
USAID	– United states Agency for International Development

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
1.1 OBJETIVOS	14
1.1.1 Objetivo Geral	14
1.1.2 Objetivos Específicos	14
1.2 JUSTIFICATIVA	14
2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	16
2.1 DISCUSSÃO TEÓRICA	16
2.1.1 O paradigma simplificador	16
2.1.2 A emergência de um novo paradigma	18
2.1.3 Construindo a abordagem sistêmica	19
2.2 A TEORIA DOS SISTEMAS AGRÁRIOS	21
2.2 LIMITAÇÕES DO ENFOQUE ESTADO-CÊNTRICO CARACTERÍSTICO À CIÊNCIA POLÍTICA OCIDENTAL	23
2.3 A ABORDAGEM DOS SISTEMAS-MUNDO	24
3. METODOLOGIA	28
3.1 OBJETO DE ESTUDO	28
3.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	30
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO	32
4.1 ASCENSÃO E QUEDA DO GUARÁ (NAÇÃO GUARANI) NO TAPÊ (CAMINHO)	32
4.1.1 Fluxo migratórios e Guaranização do território	33
4.1.2 Etnocídio e periferização: a inserção do Tapê na economia-mundo	36
4.2 CICLOS DA ECONOMIA-MUNDO EM SEU IMPACTO À SERRA DOS TAPES: O SURGIMENTO DE DOIS SISTEMAS AGRÁRIOS NA REGIÃO	39
4.2.1 As disputas pela hegemonia do tráfico de africanos escravizados	39
4.2.2 A importância do charque pelotense	41
4.2.3 Resistindo ao sistema-mundo Colonial, o antissistema quilombola	43
4.3 ESTABELECIMENTO DO SISTEMA AGRÁRIO COLONIAL NA SERRA DOS TAPES: OS MARGINALIZADOS DO CENTRO FLUEM PARA A PERIFERIA DA PERIFERIA	46
4.3.1 Intensificação e espraiamento das dinâmicas capitalistas na Europa	47
4.3.2 Branqueamento como força de atração	48
4.3.3 Tapes das colônias	50
4.4 FORMAÇÃO DO SISTEMA AGRÁRIO CONTEMPORÂNEO ATRAVÉS DA INTENSIFICAÇÃO DO CAPITAL NA SERRA DOS TAPES	54
4.4.1 Declínio do hegemom Britânico	55
4.4.4.1 A guerra mundial chega às colônias	56
4.4.2 Consolidação da Hegemonia Norte-Americana e a importância da Revolução Verde	56
4.4.3 Integração dependente: especificidades da Serra dos Tapes	58

4.4.3.1 Desigualdade na cadeia fumageira	67
4.4.3.2 O fumo na agricultura familiar da região	68
4.5 SISTEMAS EM DISPUTA, UM BALANÇO DO PRESENTE	71
4.5.1 Antissistemas na Serra dos Tapes	72
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	74
REFERÊNCIAS	77

1 INTRODUÇÃO

Ao observar a sociedade contemporânea, um sujeito preocupado com suas problemáticas latentes se depara com um complexo quadro. Nota-se o acréscimo de incertezas que trespassa diversos campos, enquanto que a concepção consolidada de conhecimento, e portanto realidade, não aparenta dar conta das crises vivenciadas. O que, para Morin (2015), é devido à ausência de um método capaz de apreender a extrema complexidade do fenômeno humano e suas relações para com o meio.

Em diálogo, Capra e Luisi (2014) indicam que as principais inquietações atuais, desde as inseguranças alimentar e financeira até as problemáticas energéticas e de mudanças climáticas estão imbricadas entre si. De forma que são problemas sistêmicos, interconectados e interdependentes. Enquanto que o conhecimento científico frequentemente se concentra no esforço de “dissipar a aparente complexidade dos fenômenos a fim de revelar a ordem simples a que eles obedecem” (MORIN, 2015, p. 5).

No intuito de abordar tal contradição, circunscrita à área de conhecimento condizente com o vigente bacharelado de Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural (PLAGEDER), elencam-se temas que merecem especial atenção. Assim, ao retomar a trajetória das ciências agrárias, nota-se que o desenvolvimento de tecnologias baseadas na abordagem analítica da agricultura acarretou amplas mudanças. De um lado, o desenvolvimento do maquinário diminuiu a dependência de mão de obra e possibilitou o ganho de produtividade por unidade de trabalho. A descoberta de fertilizantes sintéticos, aliado à criação de cultivares transgênicos permitiu a ampliação do período e da área cultivada de determinados gêneros alimentícios. E ainda, a gerência de extensas cadeias comerciais, de produção e distribuição, possibilitou o alcance global de padrões alimentares anteriormente particulares a locais específicos (PETRINI, 2009).

Esse processo, entretanto, foi baseado no desenho de sistemas agrícolas simplificados, que acarretam na perda de biodiversidade e são insustentáveis no longo prazo (DAL SOGLIO; KUBO, 2016). Assim como, engendrou-se um sistema agroalimentar extremamente dependente de recursos não-renováveis e que estimula a monopolização dos mercados e das propriedades (DAL SOGLIO; KUBO, 2016. PAULA, 2017). Como resultado, se percebe o aumento nas lacunas sociais, cristalizado no agravamento da insegurança alimentar e nutricional e no distanciamento competitivo entre as economias de diferentes países (PAULA, 2017). Sendo também notória a dissipação de novos hábitos de consumo entre a população,

que crescentemente demanda alimentos como mero produto industrial, apartados de sua identidade rural (*Ibidem*).

Neste cenário se insere a presente pesquisa, que busca abarcar as transformações da agricultura em uma região específica, a Serra dos Tapes, que se situa no sudeste da unidade federativa brasileira Rio Grande do Sul. Tal localidade fora escolhida pelo autor devido à sua circulação na região, intensificada na última década, ao passar a residir em Morro Redondo e Pelotas e, posteriormente, cursar o bacharelado PLAGEDER no polo São Lourenço do Sul. Ainda, optou-se pelo enfoque de uma unidade física do relevo visando rastrear os elementos comuns à história das proximidades, conforme o entendimento de que o ecossistema é partícipe de tal processo.

Para tal empreitada, foi vital a apresentação da abordagem sistêmica, num geral, e da teoria dos sistemas agrários, em específico, a partir de Miguel (2018). Graças à noção de que as relações entre o meio e a sociedade que o ocupam se dão de forma mútua e sistêmica, fora possível traçar a mudança entre os diferentes modelos de agricultura vigentes na região ao longo do tempo. De forma que, partindo de Neves (2004) e Góis (2018) foi feita uma reconstituição da evolução dos sistemas agrários, ainda que para o trabalho de conclusão de curso, tenha-se traçado uma nova delimitação, a partir do constatado durante a pesquisa.

A dizer, o texto postula que o primeiro sistema agrário identificado na Serra dos Tapes foi o guarani, que perdurou entre os séculos IX e XVIII. Posteriormente, o sistema agrário das sesmarias engloba a Serra dos Tapes periféricamente às suas atividades a partir de 1777. Mas é o sistema agrário quilombola que, em paralelo, irá se estabelecer como principal modo de vida do terreno serrano até a metade do século XIX. Momento em que passam a ser criadas uma série de colônias de povoamento europeu na serra. Formadas principalmente por alemães, italianos e franceses, se estabelece o sistema agrário colonial. Na atualidade, há a consolidação do sistema agrário contemporâneo, formado principalmente por agricultores familiares, que desde meados do século passado vem sendo integrados ao sistema agroindustrial transnacional.

Durante as pesquisas, no entanto, notou-se pouco aprofundamento sobre as transições entre os distintos sistemas agrários, sendo extremamente limitado o rastreamento de causas para movimentos tão amplos. Assim, o tratamento dessa questão foi buscar amparo nas inovações analíticas promovidas pela corrente histórico-social Braudeliana. Procurando traçar, portanto, dinâmicas estruturais de longa duração que transpassaram as metamorfoses assinaladas. Enquanto isso, se pensava na região inserida em um amplo contexto, em relação às questões da arena internacional.

A utilização de tal viés, em específico, advém da formação anterior do presente autor, Bacharelado em Relações Internacionais no âmbito da Universidade Federal de Pelotas. Durante a qual houve participação em dois grupos de estudo, um que tematizava os movimentos do comércio justo e da economia solidária, e outro, um projeto de iniciação científica que tratava da abordagem decolonial às teorias de Relações Internacionais. Ao que culminou no trabalho de conclusão de curso, versando sobre as classificações e hierarquizações dos países¹ a partir de certo discurso sobre o desenvolvimento. Foi esse o momento, também, em que houveram os primeiros contatos com a teoria do sistema-mundo (WALLERSTEIN, 1990), subsídio da corrente investigação.

A trajetória acadêmica descrita, então, se aliou aos estudos feitos ao longo da presente graduação, visando articular as relações internacionais ao desenvolvimento rural da realidade imediata. Destarte, um primeiro questionamento que se traz é: de que maneira a inserção da Serra dos Tapes (RS) na economia mundial impactou nas mudanças em sua agricultura? Tendo-a em conta, é abarcada uma hipótese central. A posição periférica da região na economia-mundo e, portanto, a alocação de seus atores em cadeias produtivas em elos de baixa acumulação de capital, influenciou o processo de transformação dos sistemas agrários da Serra dos Tapes. O que não se deu unilateralmente, mas sim friccionou com aspectos internos (questões edafoclimáticas, produtivas, políticas, etc) e a própria busca de seus componentes (instituições, empresas, famílias, Unidades de Produção Agrícola) por um melhor posicionamento durante as relações estabelecidas com outros sistemas.

O presente texto, por conseguinte, inaugura as possibilidades de diálogo entre as distintas vertentes que serão destrinchadas. Em miúdos, a monografia almeja tratar a evolução e diferenciação dos sistemas agrários da região da Serra dos Tapes (RS) em relação ao desenvolvimento histórico do sistema-mundo. Cabe dizer, o texto está organizado em quatro momentos. O presente, uma breve apresentação da arquitetura e dos anseios que movimentam a pesquisa. Um segundo, que busca em bibliografia adequada inspiração para resolver os problemas propostos. Posteriormente, é explicitada a metodologia utilizada. Na quarta parte se traz, de forma inovadora, o entendimento do processo de evolução e diferenciação dos sistemas agrários da Serra dos Tapes ao circunscrevê-lo ao desenvolvimento do sistema-mundo contemporâneo. Por fim, há um panorama da pesquisa como um todo.

¹Desenvolvido/subdesenvolvido, primeiro mundo/segundo mundo/terceiro mundo e norte global/sul global.

1.1 OBJETIVOS

A seguir, os temas que direcionam as reflexões, acompanhados dos subtemas, organizados respectivamente à estrutura do trabalho.

1.1.1 Objetivo Geral

Analisar a evolução dos sistemas agrários da Serra dos Tapes, averiguando as suas transformações em relação aos ciclos hegemônicos do sistema-mundo.

1.1.2 Objetivos Específicos

- a) Reconstruir e descrever os diferentes sistemas agrários presentes ao longo da história na Serra dos Tapes;
- b) Levantar aspectos das disputas pela hegemonia do sistema-mundo que tiveram importante impacto na região;
- c) Sublinhar as implicações (sociais, econômicas, ambientais, etc) da capitalização do campo na Serra dos Tapes;
- d) Traçar os principais temas da atualidade e vislumbrar a emergência de atores antisistêmicos.

1.2 JUSTIFICATIVA

O primeiro argumento gira em torno da capacidade de expansão do pensamento complexo para diversas áreas do conhecimento. Tem se mostrado frutífera a instrumentalização da abordagem sistêmica, muitos foram os avanços e descobertas engendradas. Porém, como será apontado, sua utilização é marginal, se comparada à análise hegemônica — o método analítico. Aqui são dados alguns passos na tentativa de racionalizar acerca de sistemas que tendem a ser estudados separadamente, e até percebidos como desconectados (agrário e internacional), mas que, como argumentado, se constituem mutuamente. De quebra, são exercitados os conceitos do pensamento sistêmico, na medida em que são tensionados sistemas paralelos e os diferentes níveis de abordagem: do ecossistema/ suprasistema ao sistema/ subsistema. Portanto, a pesquisa almeja contribuir para

o entendimento dessa relação entre um contexto amplo, do âmbito interestatal, com a realidade próxima, o território em questão.

No mais, a pesquisa busca compreender, não só a realidade, mas também os mecanismos vigentes na sua transformação. Toda esta tarefa, portanto, não encontra somente valor em si. Se reconhece como objetivo fim a intervenção no meio. Faz parte do movimento de reflexão sobre as principais problemáticas do sistema agrário vigente, delineando suas origens, para que se possa compreender profundamente o atual estado das coisas. Em um segundo momento, há o intuito de pensar e agir no sentido de colaborar para a emergência de novos sistemas, que superem as mais danosas contradições do presente. Por fim, há de se dizer que o material bibliográfico disponível dá suporte à pesquisa. Todavia, o empreendimento está calcado no diálogo, até então inexplorado, entre duas vertentes teóricas distintas.

2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

A presente seção inicia indicando a metodologia referencial para a pesquisa, a abordagem sistêmica. É feito um esboço sobre sua construção e aspectos de relevância para todo o exercício decorrente. O que vem a evoluir para a sua aplicação nos estudos da agricultura: a teoria dos sistemas agrários. Após indicar os principais pontos que os conformam, traz-se o questionamento sobre a escassez de trabalhos acadêmicos que tratem da relação de outros sistemas para com os sistemas agrários. Aqui, entra-se em um segundo momento, em que é apresentada a noção de sistema-mundo. Da mesma forma, são trazidas suas principais e mais importantes ideias. Tal revisão bibliográfica é vital para a seção 4 quando pretende-se aliar a matriz metodológica citada às contribuições últimas, no entendimento de parte da história de longa duração da humanidade, em particular, a localizada na Serra dos Tapes.

2.1 DISCUSSÃO TEÓRICA

A seguir, uma avaliação dos principais entraves na pesquisa científica para que haja uma compreensão frutífera da realidade. Seguido dos pressupostos trazidos por um paradigma emergente, que visa superar as problemáticas elucidadas através de uma abordagem complexa. O debate aqui empenhado foi possibilitado através da construção argumentativa de Maria José Esteves de Vasconcellos feita em *Pensamento Sistêmico: O novo paradigma da ciência* (2006), mas também são vitais os questionamentos empreendidos por Pablo González Casanova em *As novas ciências e as humanidades: da academia à política* (2006). Não sendo possível deixar de mencionar o cânone que situa metateoricamente a abordagem delineada: *Introdução ao pensamento complexo* (MORIN, 2015). Questões essas, cujo embrião surgiu em *Dinâmica e diferenciação dos sistemas agrário* organizado por Lovois de Andrade Miguel (2018), e sua contribuição é explicitada ao longo do texto.

2.1.1 O paradigma simplificador

Segundo Vasconcellos (2006), o modo vigente de manuseio e organização do conhecimento está assentada em determinada interpretação do mundo, que a autora chama de paradigma tradicional da ciência. Que por sua vez, é intimamente atravessada por três

pressupostos: simplicidade, estabilidade e objetividade. Esses serão tratados brevemente na sequência. O primeiro diz respeito à necessidade de simplificar os objetos de pesquisa. No fazer acadêmico, existe essa tendência de isolar o que é estudado de seu contexto relacional, ao mesmo tempo em que se busca desmembrar o objeto em partes menores, para que sejam analisadas separadamente. Nesse sentido, o objeto de pesquisa precisa ser percebido como estável, admitindo que a interação entre as partes, e do objeto com seu meio, possuem resultados que nunca se alteram.

Se aprofundando no pressuposto da estabilidade, segundo o qual a realidade é regida por leis imutáveis, percebe-se o afã de descobrir as relações funcionais entre os fatores que estão sendo pesquisados. A descoberta desses gera uma explicação e possibilita fazer previsões, e portanto exercer controle. Daí a importância do laboratório, como ambiente controlável, em que se estimula somente aqueles aspectos da natureza que se deseja — através da experimentação. Tal verificação empírica gera um protocolo reproduzível, sujeito a quantificação e matematização (*Ibidem*).

Por fim, a autora (VASCONCELLOS, 2006) diz que o pressuposto da objetividade supõe um distanciamento do observador/pesquisador, que, livre de sua *doxa* (opinião subjetiva), consegue fazer a descrição neutra do real. O fenômeno da descoberta científica fica atrelado ao escrutínio de outros observadores independentes, que asseguram, portanto, a certeza sobre a verdade anônima descrita pelo autor oculto. Tal metodologia advém da primazia por alcançar uma compreensão plena do mundo, entendendo que isso é possível através da racionalidade. Nesse sentido, a pesquisa científica possuiria capacidade de identificar a causalidade linear que condiciona os comportamentos dos objetos examinados.

No campo da física, o paradigma simplificador se consolidou na medida em que eram claros os ganhos tecnológicos advindos de suas descobertas, e este passou a ser tido como modelo de cientificidade. Já as ciências biológicas demonstraram dificuldades em replicar os três pressupostos em sua abordagem, principalmente no que tange à estabilidade dos objetos de estudo (VASCONCELLOS, 2006).

Às ciências humanas nunca foi possível atingir o modelo de racionalidade das ciências da natureza/objetivas, apesar do esforço simbolizado no pensamento sociológico de Comte. Sempre fora vista como menor, pela dificuldade em mimetizar comparável objetividade e exatidão, amargando o rótulo de *soft sciences*. Uma divisão departamental que, diga-se, nunca fora pacificada, devido a dificuldade em fazer ciência em estritos moldes. A exemplo das limitações derivadas da separação dos aspectos biológicos e culturais na compreensão das sociedades. No mais, a concepção de causalidade eficiente destoava de uma análise que

tenderia a ser subjetiva. Coube às humanidades romper com as ciências da natureza/objetivas, finalmente, quando se consolidou a percepção de que a pesquisa não poderia se desvincular dos valores que informam a prática dos próprios cientistas (*Ib.*).

2.1.2 A emergência de um novo paradigma

Diversas foram as críticas às limitações do paradigma simplificador, anteriormente citado. Para o presente trabalho, é trazida a proposta de exercitar uma nova forma de compreender o mundo e pesquisá-lo. Levando isso em conta, Vasconcellos (2006) propõe três novas dimensões para um paradigma emergente na ciência contemporânea — que se contrapõem diretamente aos da ciência tradicional.

Partindo da noção de complexidade, é dada atenção às interações entre todos os fenômenos do universo, portanto o objeto de estudo é sempre visto a partir de sua contextualização. Nesse sentido, a operação deixa de ser de disjunção e redução — a tentativa não é de simplificar o objeto. Do contrário, há um movimento de distinção e conjunção: o cientista realça o fenômeno de seu contexto sem isolá-lo, sem perder de vista as inter-relações que o constitui (VASCONCELLOS, 2006). Ainda, a causalidade é vista como recursiva, ou seja, o *output* também pode impactar no *input*, no sentido de que o elemento pode produzir sua própria causa. A causalidade, não mais, segue uma linha unidirecional. Pelo contrário, é pesquisado “um processo em que os produtos e os efeitos são, ao mesmo tempo, causas e produtores daquilo que os produziu” (MORIN, 2015, p. 74).

Outro pressuposto é o da instabilidade. Tendo em vista uma realidade em que os fenômenos são imprevisíveis, irreversíveis e incontroláveis, não há como determiná-la com precisão (VASCONCELLOS, 2006). Também é questionada a opinião de que a realidade é independente ao observador. A despeito, o conhecimento científico passa a ser apreciado como construção social, fruto, então, de um consenso formulado em determinado espaço por diferentes indivíduos. Ou seja, cada domínio linguístico é responsável pela sua própria versão da realidade, o que dá consistência a um “multi-versa”, não mais a um uni-verso. Dessa forma, é priorizada a intersubjetividade (*Ib.*).

2.1.3 Construindo a abordagem sistêmica

Essa abordagem inovadora surgiu de um conjunto de contribuições, advindas de diversas áreas do conhecimento. E, apesar de notáveis precursores, coube ao biólogo Bertalanffy (1925–1960) apresentar coesamente a Teoria Geral dos Sistemas na década de 1940. Cujas diferenciações entre sistema aberto e fechado foi de grande valor. Enquanto que um sistema fechado está isolado e tende a se deteriorar devido à entropia², um sistema aberto se conserva vivo através do fluxo contínuo de matéria e energia, mantendo um estado de equilíbrio dinâmico (CAPRA; LUISI, 2014). O enfoque de Bertalanffy (1951) foi de estudar problemas essenciais, que surgem da interação dinâmica entre as partes, visto que o comportamento separado das partes tende a ser outro. Em paralelo, a cibernética desenvolvia uma série de estudos sobre os padrões de comunicação. Sendo as noções de *feedback*, autorregulação e auto-organização revolucionárias quando introduzidas à abordagem sistêmica (CAPRA; LUISI, 2014). Nesse ramo, dominou a figura do matemático Wiener (1930–1956) devido à elaboração da Teoria Cibernética.

Aqui foram citadas referências fundamentais à elaboração do pensamento sistêmico, no entanto, muitas foram as mãos que construíram tal abordagem, cujo intuito é abarcar conjuntos amplos e complexos, reconhecendo a importância constitutiva da interação dinâmica entre seus elementos (WALLISER, 1977 *apud* MIGUEL *et al.*, 2018). Outro audacioso objetivo dessa perspectiva é a composição de uma linguagem unitária, que possibilite a articulação de diferentes modelos teóricos (MIGUEL *et al.*, 2018). No que trespasa tais abordagens, pode-se identificar a construção argumentativa do que é um sistema, como um conjunto complexo e globalmente estruturado, constituído por diferentes elementos que imprimem interações mútuas e dinâmicas entre si. Assim, a sinergia entre tais partes gera uma dinâmica de interdependência, cujo resultado é não-linear e exponencial — diferente do que ocorreria caso estivessem isoladas.

A potência do abstrato conceito de sistemas está na sua aplicação, em diferentes escopos e níveis. Ou seja, uma célula pode ser vista como um sistema, mas também o animal que a abriga, assim como a unidade rural que mantém o animal, e uma sociedade humana que contém essa propriedade. Nesse sentido, “[u]m conjunto de elementos inter-relacionados que atua dentro de uma estrutura definida caracteriza um sistema de forma geral” (MIGUEL *et al.*, 2018, p.16). Ou seja, a interação entre distintos sistemas pode conformar outro sistema, de

²Dissipação de energia ao longo do tempo.

diferente nível hierárquico, sendo que a leitura e o estudo sobre determinado sistema depende do intuito da pesquisa.

O que se fará de interesse no estudo é a existência de sistemas abertos, ou seja, sistemas que conseguem se manter organizados e operantes, apesar da tendência natural de aumento da entropia³. O fazem através do insumo de energia e informação (MORIN, 2015) e pela saída de dejetos (CASANOVA, 2006). Esse fluxo energético desequilibrado é o que impede seu definhamento. Ainda que o sistema precise manter certas fronteiras com o mundo exterior, para que não se desintegre (MORIN, 2015). Morin (2015. p. 22) arremata que “[a] realidade está, desde então, tanto no elo quanto na distinção entre o sistema aberto e seu meio ambiente.”

Importante passo na construção desse novo paradigma emergente é o pressuposto epistemológico da complexidade. A autora Vasconcellos (2006) aponta que, apesar de seu reconhecimento recente, o tema vivencia uma forte expansão há 50 anos. Como marco, houve o debate *O problema epistemológico da complexidade* (1983), ocorrido em Lisboa, e o colóquio *As teorias da complexidade* (1984), em Cérisy, França. Neste último, o filósofo Edgar Morin se alçou à figura central do debate. Para ele, a complexidade aparece marginalmente na teoria da informação e na cibernética, mas somente na segunda metade do século XX ela passou a ser vista como “pressuposto epistemológico transdisciplinar”. Isso porque, conforme já dito, a física experimentava claras falhas na sua empresa simplificadora, principalmente nos fundamentos da *physis* e nos caracteres do cosmos⁴.

A brecha microfísica revela a interdependência do sujeito e do objeto, a inserção do acaso no conhecimento, a desreificação da noção de matéria, a irrupção da contradição lógica na descrição empírica; a brecha macrofísica une numa mesma entidade os conceitos até então absolutamente heterogêneos de espaço e de tempo e quebra todos os nossos conceitos a partir do momento em que eles eram transportados para além da velocidade da luz (MORIN, 2015. p.18).

Em resposta, a noção de complexidade busca abarcar uma realidade composta por um grande número de unidades e interações que fogem das possibilidades de cálculo. Visto a incerteza emergente de sistemas semi aleatórios, além dos limites do conhecimento humano. Ainda que não se negue a clareza, a ordem e o determinismo, o acaso também é reconhecido.

³A Segunda Lei da Termodinâmica postula que a evolução dos processos dissipa energia, portanto, sistemas fechados, que não são alimentados por fontes externas nem descartam subprodutos, tendem a evoluir para a máxima entropia e desorganização (CASANOVA, 2006).

⁴Entre as páginas 107 e 109 de *Pensamento sistêmico: O novo paradigma da ciência*, Maria José Esteves de Vasconcellos (2006) destrincha sobre o impacto das inovações conduzidas por Planck, Einstein, Bohr, Boltzmann e Heisenberg no questionamento das principais bases da Física mecanicista.

E a ciência passa a perceber a complexidade como princípio regulador do tecido fenomênico (MORIN, 2015).

Para tanto, se faz útil a noção de sistema complexo, que pode ser entendido como uma organização, um organismo que emerge a partir da interrelação de suas partes. Wittgenstein (1921, *apud* VASCONCELLOS, 2006, p. 110) enfatiza que a partir de uma percepção complexa os objetos são sempre vistos em conexão com os demais. À vista disso,

[...] o sistema é mais do que a soma das partes, porque sua organização faz surgir qualidades que não existiriam fora dela: emergências constatáveis empiricamente, mas não dedutíveis logicamente. E, por outro lado, também o sistema é menos do que a soma de suas partes, porque a organização implica restrições que inibem a manifestação de qualidades próprias às partes (VASCONCELLOS, 2006, p. 155-116).

2.2 A TEORIA DOS SISTEMAS AGRÁRIOS

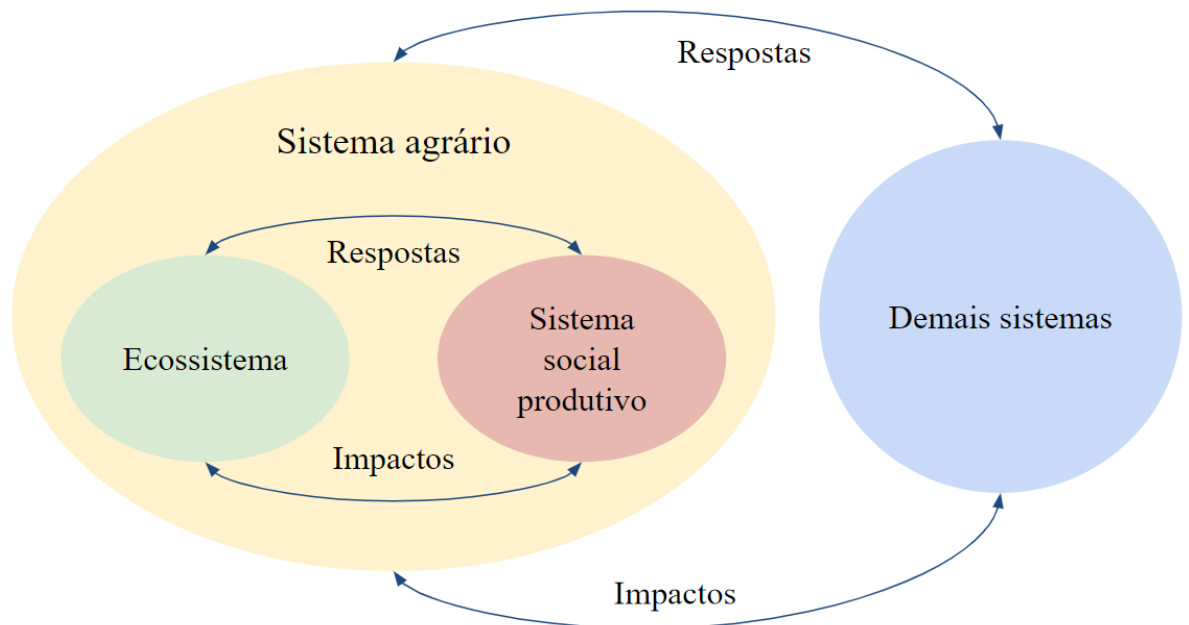
As reflexões aqui ensejadas vem tendo impacto nas mais múltiplas áreas do conhecimento, contribuindo para o estreitamento de diálogos, enquanto fomentam compreensões inovadoras. Nas ciências agrárias, em específico, essa abordagem diferenciada começa a delinear uma série de novos entendimentos. A própria agricultura, passa a ser interpretada como resultado de múltiplos componentes em interação, organizados sistematicamente, no intuito de alcançar certos objetivos (WÜNCH, 1995). De acordo, Mazoyer (1986 *apud* MIGUEL *et al.*, 2018, p.31) aponta que um sistema agrário é a forma como determinada força de produção se adapta às condições bioclimáticas, condizentemente às suas necessidades sociais. Nesse sentido, o meio é artificializado conforme os instrumentos de produção vigentes, e o produto é repartido de acordo com as relações de força e propriedade de tal sociedade (MIGUEL *et al.*, 2018). Portanto, a teoria dos sistemas agrários busca se debruçar sobre a exploração da fertilidade de determinado ecossistema, e como ela está assentada em um sistema social produtivo contingente, fruto da interação entre aspectos geográficos e históricos de certo território.

Levando a discussão adiante, pode se passar a um micro enfoque das ciências agrárias, ou seja, inserido aos sistemas agrários existem uma série de Unidades de Produção Agrária. Essas, por sua vez, são organizadas por um sistema social, que interage com o sistema de produção. E o sistema de produção, abarca os sistemas de criação e cultivo e as atividades de transformação, bem como suas inter-relações (MIGUEL *et al.*, 2018).

Todavia, o que se nota é uma relativa ausência de produção acadêmica no sentido oposto. Ou seja, pouco há de literatura que pense nos sistemas agrários em relação a sistemas

externos. Por conseguinte, a presente pesquisa se debruça sobre a constituição de determinado sistema agrário, e de que forma as suas interações com outro sistema foram cruciais para a sua atual configuração. Na figura 1, a seguir, buscou-se retratar as relações a serem averiguadas.

Figura 1 - Representação da constituição de um sistema agrário e de sua relação com demais sistemas



Fonte: Elaborado pelo autor

No presente texto, portanto, se pensa nas transformações dos sistemas agrários da Serra dos Tapes, como sistemas abertos, que sofrem impactos advindos de uma estrutura externa e buscam se reorganizar constantemente. Há, nesse sentido, o esforço de buscar uma área do saber que dialogue com a presente matriz e acrescente novos entendimentos. Ao refletir sobre os diferentes períodos e os sistemas agrários consolidados no território, fica evidente a importância de interferências exteriores para as rupturas em sua estrutura interna e, conseqüentemente, inauguração de diferentes períodos. Assim, ao se traçar uma origem coesa às mudanças testemunhadas, houve um entendimento inicial de que os impactos coercitivos advindos da arena internacional são os mais significativos. Ou seja, se ventila a hipótese de que a matriz de ligações que conforma o sistema social do território possui relações rastreáveis à dinâmica das Relações Internacionais. De forma que, os arranjos e fluxos empreendidos internamente estariam sob influência desse sistema.

Por tanto, é buscada uma bibliografia abarcante de longos períodos históricos, que possibilite descrever as transformações do ambiente socioeconômico global, em relação às disputas de diferentes sistemas agrários, justificando a emergência de determinadas hegemonias na configuração terra-capital-trabalho. Isto posto, nas passagens vindouras é feita

uma argumentação sobre a importância do arcabouço teórico empenhado, a partir de sua caracterização.

2.2 LIMITAÇÕES DO ENFOQUE ESTADO-CÊNTRICO CARACTERÍSTICO À CIÊNCIA POLÍTICA OCIDENTAL

Como postulado por Wallerstein em *A Análise dos Sistemas-Mundo como movimento do saber*, capítulo do livro *O Brasil e o capitalismo histórico: passado e presente na análise dos sistemas-mundo* (VIEIRA et al., 2012), as ciências sociais ocidentais foram baseadas na diferença epistemológica radical entre si e o resto do mundo, e ao mesmo tempo, em uma rígida compartimentação do saber. A dizer, a pesquisa sobre o passado de suas sociedades foi atribuída à história, enquanto a contemporaneidade era distribuída em três disciplinas a “Economia estudando o mercado, a Ciência Política estudando o Estado, e a Sociologia estudando a sociedade civil” (WALLERSTEIN in VIEIRA et al., 2012. p. 18). Às demais sociedades se destinava a antropologia, focada em “tribos” ou os estudos orientais, das altas civilizações estacionadas no passado. Entretanto, o entendimento da complexa realidade pós-1945 se tornava um desafio para tal matriz (WALLERSTEIN, 2012).

Impasse este, que se tentou superar por meio de quatro tentativas, malogradas segundo Wallerstein (2012). A primeira, expressa na teoria da modernização, formulava que as sociedades não eram diferentes em seu cerne, somente estavam em etapas distintas, portanto havia a possibilidade de “alcance” a um patamar moderno por parte de todos os países, até mesmo dos subdesenvolvidos. Em resposta, a teoria da dependência postulou que o próprio processo de desenvolvimento atrasou outros países, fazendo uma análise centro-periferia da estrutura do mercado internacional. Haveria, no entanto, uma possibilidade de *catching up* através de ações tidas como corretas nos ramos da economia e da política (WALLERSTEIN, 2012.).

Houve ainda o revisionismo marxista⁵, que em parte de suas correntes indicava a União Soviética como modelo a perseguir. Um de seus ramos trouxera a discussão sobre o modo de produção asiático, e como principal feito, aponta Wallerstein (2012), esteve a possibilidade de repensar criticamente a linearidade histórica e centralidade das instituições europeias. Já a perspectiva de longa duração empreendida por Braudel abarcou uma maior

⁵Não cabe aqui discutir a amplitude e a diversidade das contribuições marxistas. Para um primeiro contato ao tema, recorrer a *Introdução às teorias do desenvolvimento*, organizado por Paulo André Niederle e Guilherme Francisco Waterloo Radomsky. UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016.

importância à história sócio-econômica de *longue dureé*⁶ e menor na episódica, personalista (AGUIRRE ROJAS, 2003).

Segundo Wallerstein (2012), tais movimentos tiveram relativo sucesso, até que suas limitações fossem expostas por uma “revolução mundial”, marcada pelas rebeliões juvenis de 1968. Cujo questionamento tinha como enfoque as estruturas de poder conservadoras, gerenciadas em “conluio” pelos Estados Unidos da América e seu único rival à altura, a União Soviética. Também havia essa percepção de impotência dos movimentos sociais tradicionais europeus, que ocupavam cargos de poder mas não tinham mudado significativamente o mundo. Com o avanço desse processo, demais participantes englobaram reflexões sobre como as próprias estruturas de saber excluíam determinados atores da construção de conhecimento e impediam as transformações desejadas. Portanto,

[a] análise dos sistemas-mundo como um movimento do saber nasceu neste momento e dentro deste contexto. O que a análise dos sistemas-mundo tentou fazer foi tomar elementos de cada uma das quatro tentativas revisionistas e, juntando-os, construir uma ferramenta que fosse capaz de desafiar as premissas epistemológicas até então dominantes e que tinham moldado as assim chamadas disciplinas — como argumentos intelectuais, como aparatos organizacionais e como fenômenos culturais (WALLERSTEIN, 2012. p. 23).

2.3 A ABORDAGEM DOS SISTEMAS-MUNDO

Antes de adentrar a abordagem específica, cabe ressaltar que tais enfoques são especialmente subsidiários às inovações analíticas promovidas pela perspectiva histórico-social Braudeliana. Principalmente no que diz respeito à busca por padrões de tendências de longa duração encontrados na existência do capitalismo, ao mesmo tempo em que leis abstratas e universais produzidas no ramo da economia eram questionadas (CECILIO, 2012 *apud* RIBEIRO; DINIZ, 2017). Como visto em Wallerstein (2006, *apud* RIBEIRO; DINIZ, 2017), era proposto um modelo que contrapunha o ideografismo da história e o nomotetismo das ciências humanas universalistas.

Em seu esforço para entender a expansão e hegemonia do capitalismo, Braudel (1988, *apud* OLIVEIRA, 2018) elaborou o conceito “economia-mundo”, uma fatia da economia mundial, aut centrada em seu funcionamento particular. A partir de tal matriz, Ribeiro e Diniz (2017. p. 6) apontam três aspectos básicos sobre as economias-mundo:

⁶Braudel propôs uma divisão tripartite na compreensão da história: haveriam os acontecimentos, as conjunturas e as estruturas, respectivamente, de curta, média e longa duração - esse último de maior importância. Destoando, portanto, da visão unitária e linear do tempo (ROJAS, 2013 *apud* RIBEIRO; DINIZ, 2017).

[...] 1) ocupam um espaço geográfico determinado, ainda que potencialmente suscetível a rupturas; 2) organizam-se em torno de um centro ou núcleo, um polo representado por uma cidade dominante; e 3) dividem-se em zonas sucessivas: o centro, as zonas intermediárias e as margens. Considerada a organização hierárquica da sociedade mundial, essas zonas concêntricas são progressivamente desfavorecidas à medida que se distanciam do núcleo – locus dos preços e salários altos, das indústrias lucrativas, do desenvolvimento técnico-científico e do afluxo de metais preciosos, de moedas e de títulos de crédito.

Em concordância, Wallerstein (2012) buscou incorporar tal noção a uma unidade de análise que superasse a divisão disciplinar, de áreas/enfoques temáticos⁷. Buscando, portanto um estudo unidisciplinar, surge a ênfase no sistema-mundo, que não é o globo propriamente dito, mas sim

um sistema social com limites, estruturas, grupos associados, regras de legitimação e coerência. Seu funcionamento caracteriza-se pela presença de forças em conflito constante, cuja tensão o mantém unido, ao mesmo tempo em que o dilacera na medida em que cada grupo busca remodelá-lo em seu próprio proveito. Um sistema-mundo assume também características dum organismo, com uma vida limitada ao longo da qual mudam certos aspectos enquanto outros permanecem estáveis (WALLERSTEIN, 1990, p. 337).

Wallerstein (2012) argumenta ainda: tais sistemas são definidos e governados por um conjunto de regras⁸ que se alteram ao longo do tempo, ou seja, são situados historicamente. E, ao, dialogar com a ideia dos ciclos sistêmicos de Kondratieff⁹, são percebidas tendências de auge e declínio dos ciclos de acumulação no capitalismo. Sendo que Wallerstein (1996 apud PREVIDELLI; SOUZA, 2012) aponta a impossibilidade de retorno às condições iniciais após cada ciclo. Ou seja, existem movimentos de expansão econômica, liderados pela articulação entre certa estrutura estatal e determinada classe acumuladora de capital, seguido do esgotamento desse específico conserto. Tal curso costuma apresentar tendências seculares, com cerca de cem anos. Após isso, o trabalho é reorganizado em nível mundial, surge um novo centro hegemônico, composto por novos agentes, interessados em atividades outras (ARENTI; FILOMENO, 1996 apud ARAMOR, 2018). Tal padrão é identificado em quatro longos ciclos de acumulação desde o século XV. Sendo o ciclo genovês o primeiro, que fora seguido do holandês e posteriormente o britânico. Atualmente, o sistema-mundo se encontra sobre o ciclo estadunidense (ARRIGHI, 1996).

⁷Uma limitação notada, à época, foi o estudo restrito a atores como o Estado, a sociedade e/ou a formação social (WALLERSTEIN, 2012).

⁸O estabelecimento de regras no sistema internacional depende, principalmente, da capacidade de Estados fortes impô-las aos demais (WALLERSTEIN, 2001).

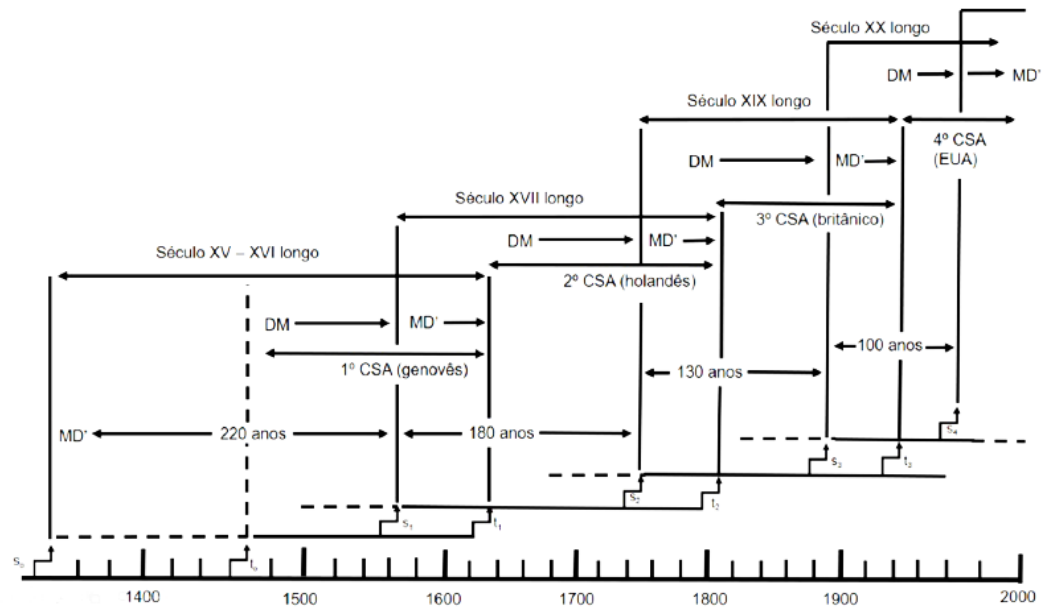
⁹O economista soviético Nicolai Kondratieff (1892–1938) apresentou a constatação empírica de que o capitalismo se move através de Ciclos Longos de 50 a 60 anos. O que é composto sócio-economicamente por uma subfase de expansão, seguida de outra, de declínio. Para uma breve apresentação da construção sobre o tema acessar Previdelli e Souza (2012).

Ainda que nas formações e expansões de cada etapas sejam identificados diferentes momentos de especialização, há continuidade no padrão de repetição. A dizer: há ascensão de determinada hegemonia, engendrada pelo Estado líder do sistema interestatal em conluio com o grupo capitalista que monopoliza as principais cadeias mercantis. Ao que sempre se segue de uma queda desse grupo e uma transição (geralmente violenta) para outro momento. Quanto à troca entre os ciclos sistêmicos de acumulação, Wallerstein (2001) chama atenção para o padrão percebidos na Guerra dos Trinta Anos (1618 a 1648), nas Guerras Napolênicas (de 1792 a 1815) e nos conflitos de 1914 a 1945. “Cada hegemonia foi selada por uma “guerra mundial” — uma disputa maciça, terrestre, altamente destrutiva e intermitente ao longo de trinta anos, envolvendo todas as principais potências do momento” (WALLERSTEIN, 2001. p.51).

Todavia, o fator militar não bastou para garantir o sucesso das novas potências. Foi central a capacidade de acumular capital, através de seus agentes, em setores chave: na produção agroindustrial, no comércio e nas finanças (*Ib.*). No mais, tais ritmos cíclicos são estabelecidos a partir das contradições que surgem na própria estrutura de longa duração do sistema-mundo. Tendo em vista que o sistema capitalista contemporâneo se consolidou em um esquema centro/periferia com lacunas ascendentes, que tendem a gerar desequilíbrios e, conseqüentemente, crises estruturais.

Nesse sentido, é possível identificar historicamente os centros da economia-mundo, em sua vanguarda durante os períodos. A dizer, seus padrões de centragem, descentragem e recentragem. Partindo da fórmula geral do capital de Marx (DMD') Arrighi (2003 *apud* RIBEIRO; DINIZ, 2017, p. 360) buscou uma explicação para tais ciclos, postulando D (capital dinheiro) como o primeiro momento, de privilégio a um meio com extrema liquidez. Posteriormente, M (capital mercadoria) indica a expectativa de lucro sobre o investido. Já D' (incremento de capital) expressa a expansão da liquidez citada, o último estágio de certo ciclo hegemônico, de financeirização extrema. Tais etapas são melhor representadas a seguir, na figura 2, em que são ilustrados os ciclos de hegemonia do capitalismo.

Figura 2 – Séculos longos e ciclos sistêmicos



Fonte: ARRIGHI, 2003 *apud* RIBEIRO; DINIZ, 2017, p. 361.

Importante notar que esta dinâmica somente passou a ter impacto no objeto de estudo (Serra dos Tapes) quando tal região inicia a ser incorporada à economia-mundo, graças à colonização de seu espaço. O que se argumenta é que, posteriormente, as transformações mais notórias dos sistemas agrários da região estarão, em grande parte, associadas aos fluxos da economia-mundo e às disputas pela sua hegemonia. Essa conexão está assentada na interpretação de que os atores locais ocuparam posições periféricas nas *commodity chains*.

Segundo Hopkins e Wallerstein (1986) as cadeias de *commodities* são uma rede de processos específicos da economia mundial, cujo resultado é um bem de consumo final. Essa trama é moldada pelas hierarquias do sistema-mundo, e a riqueza é distribuída conforme as pressões competitivas mundiais. Ainda, os ciclos anteriormente mencionados impactam nos comportamentos de tais processos. Períodos de expansão para novos mercados demandam menores gastos com a transação e uma maior integração vertical, enquanto que no momentos de contração há necessidade de reduzir custos operacionais e diminuir a especialização produtiva.

3. METODOLOGIA

A pesquisa possui, em grande parte, cunho teórico e está assentada em fontes secundárias. A seguir constam os procedimentos empreendidos na busca dos objetivos propostos.

3.1 OBJETO DE ESTUDO

O estudo está concentrado em agentes-chave componentes dos sistemas abordados, bem como nos processos por esses engendrados. A dizer, no plano internacional os Estados centrais cumprem elevada proeminência nas dinâmicas. Também se traz o papel de Organizações Internacionais, instituições e empresas transnacionais reprodutoras de certos interesses geopolíticos. A análise afunila-se às disputas no seio da sociedade brasileira, bem como as políticas públicas decorrentes. Para, ainda, centrar-se nos aspectos sócio-econômicos da área sondada (Serra dos Tapes). Dessa maneira, há um constante trânsito entre diferentes níveis de análise, mas mantêm-se como referência o sistema agrário da Serra dos Tapes. A dizer, os aspectos são abordados conforme seu impacto, sua relevância na constituição de tal sistema.

A área mencionada, Serra dos Tapes, é designada a partir de fatores geomorfológicos e históricos. Se encontra ao sudeste do estado do Rio Grande do Sul e corresponde à porção sul da formação de relevo denominada Serra do Sudeste, que vem a ser repartida pelo rio Camaquã em duas sub-regiões. Enquanto que a Serra de Herval corresponde à parte norte. Para o presente estudo será admitida a porção inserida nos municípios de Arroio do Padre, Canguçu, Morro Redondo, Pelotas, São Lourenço do Sul e Turuçu, conforme Salamoni *et al.* (2021) devido à importância dos aspectos edafoclimáticos na conformação dos sistemas agrários especificados. Porém, outros autores compreendem uma área maior, que engloba Capão do Leão (NEVES, 2014) e até Cristal e Cerrito (GOMES *et al.*, 2013).

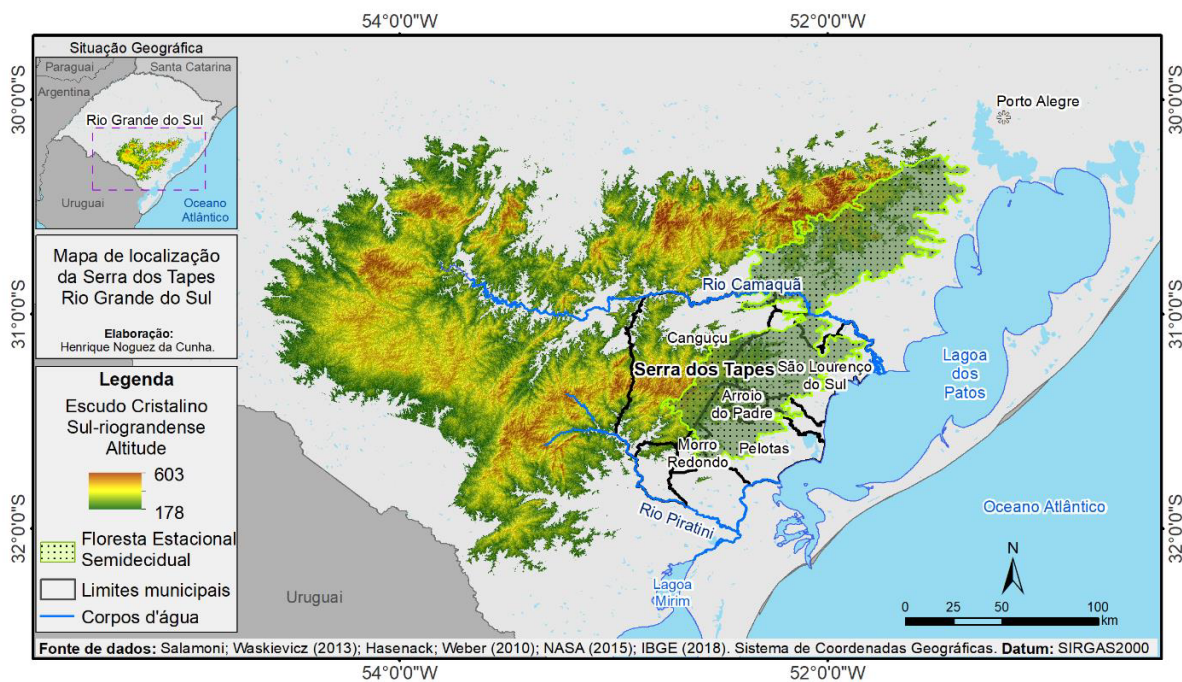
A partir de Laux *et al.* (2018), pontua-se que a região serrana está situada sobre o Escudo Sul Riograndense, de formação geológica decorrente da amalgamação dos crátons Rio de La Plata, Congo e Kalahari. Sendo que o terreno em questão se assenta na porção do Batólito Granítico Pelotas, com unidades litodêmicas que remontam ao neoproterozóico (suíte Viamão e suíte Pinheiro Machado) e o cambriano (suíte Dom Feliciano).

Superficialmente, a área configura a encosta que vai do relevo acidentado no Planalto Uruguaio Sul Rio-grandense, em direção às Planícies ou Terras Baixas Costeiras

(SALAMONI; WASKIEVICZ, 2013). De forma que está na transição, sentido sudeste, entre as unidades de paisagem escudo Sul Rio-grandense e a Planície costeira, segundo a classificação de Suertegaray e Guasselli (2004). Possui um relevo que varia entre 200 e 400 metros de altitude, composto por colinas onduladas e vales com matas de galeria (RAMBO, 1954 *apud* GOIS, 2018). Em seus afloramentos, predominam as rochas graníticas e migmatíticas (ROSA, 1985 *apud* GOIS, 2018), mas também há áreas mais rebaixadas e planas nos locais de deposição (SUERTEGARAY; GUASSELLI, 2004).

Nesse sentido, há grande variação na geomorfologia da serra. Notando-se a forte presença de litossolos com afloramentos rochosos, pouco favoráveis à agricultura, principalmente nas encostas mais elevadas. O que se soma ao regime de chuvas, criando um terreno propício à erosão, testemunhado na presença de certos aluviões. O que, todavia, intercala com áreas de relevo mais suave e solos mais profundos, de melhor drenagem e fertilidade (SALAMONI *et al.*, 2021). Estando ao sul da floresta atlântica, configura um encontro com a vegetação campestre, sendo naturalmente ocupada por uma Floresta Estacional Semidecidual de submontanha (GOMES *et al.*, 2018), cujos remanescentes se concentram às margens de cursos d'água e em terrenos mais íngremes (SALAMONI *et al.*, 2021). A seguir, na Figura 3, a representação cartográfica da região com enfoque nos aspectos mencionados.

Figura 3 – Localização da Serra dos Tapes no mapa do Rio Grande do Sul/Brasil, em relação ao Escudo Cristalino Sul-riograndense e à floresta Estacional Semidecidual



Fonte: TAVARES, 2020, p. 92, elaborado a partir de dados de Hasenack e Weber (2010), IBGE (2018), Salamoni e Waskiewicz (2013).

Hidrograficamente, se posiciona sobre a Bacia do Rio Camaquã e a Bacia Piratini-São Gonçalo-Mangueira, possuindo uma profusão de rios e arroios menores. Dentro do domínio climático subtropical (SALAMONI *et al.*, 2021), os valores de precipitação tendem a estar entre 1.400mm e 1.800mm anuais. Já as temperaturas médias variam de 20 a 24 graus celsius no verão e de 8 a 16 graus celsius no inverno (MDA, 2006 *apud* GOIS, 2018). Ao que se aponta que o ecossistema regional é resultado da interação de fatores geomorfológicos, bióticos e climáticos. Dessa forma, as populações que ali se estabeleceram passaram a imprimir inter-relações com o meio e engendrar outros sistemas que serão abordados no tópico dos resultados.

Tal configuração viria a ser constituinte de determinadas dinâmicas sociais, de forma que se estabeleceram ali uma diversidade de grupos étnicos (CERQUEIRA, 2010). Primeiramente, indígenas de origem guarani — que batizaram a localidade como *Tapê*, que significa caminho, passagem (NEVES, 2014). Seguidos pelos primeiros colonizadores lusitanos, e as pessoas africanas escravizadas, que muitas vezes encontravam abrigo para quilombos em sua geografia dobrada (*ibidem*). E em um terceiro momento haveria forte impacto de outra leva de europeus, formada então por franceses, italianos e alemães, com destaque para os pomeranos. Tais grupos empreenderam entre si múltiplas relações, que variaram complexamente em seu teor de disputa e cooperação, algo a ser tratado na pesquisa.

O que se faz central, nesse aspecto, são os movimentos do sistema-mundo que vieram a ditar a hierarquização e miscigenação entre tais estratos, da forma que se encontra impressa demograficamente no sistema agrário contemporâneo. Por exemplo, a partir dos fluxos migratórios ou da própria posição deles em outras instituições, a dizer, sistemas sociais, a reprodução do modo de vida de determinados grupos seria suprimida ou privilegiada. São feitas reflexões, portanto, sobre o impacto da dinâmica de sistemas externos à Serra dos Tapes, na medida em que internamente existem adaptações às suas coerções. Ou seja, há uma constante disputa sobre o estabelecimento de uma hegemonia de técnicas e culturas agrárias na região, o que por sua vez, é delimitado e/ou potencializado pelas suas condições físicas. Assim, o que o estudo visa compilar é a repercussão da estrutura desigual do sistema-mundo nos rumos do desenvolvimento dos sistemas agrários da Serra dos Tapes.

3.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Como apontado, os dados necessários serão acessados por meio de pesquisa bibliográfica. Assim, foi feita uma extensa revisão de literatura acerca da constituição do

sistema agrário da Serra dos Tapes e dos fatores contingentes no seu desenvolvimento, onde as variações demográficas e produtivas cumpriram importante fator de análise. A natureza qualitativa do estudo se justifica pela riqueza em conhecimento produzida que visa os sistemas agrários do Rio Grande do Sul, em contraste a certo *gap*, quando se pensa na sua integração a outros sistemas.

Em um momento inicial, desenvolve-se uma pesquisa exploratória, dada a necessidade de sistematizar conhecimentos relacionados ao tema. Portanto, foram utilizados os textos de Suertegaray e Guasselli (2004) e Miguel *et al.* (2018) acerca dos sistemas agrários do Rio Grande do Sul. Enquanto que Salamoni (2001), Cerqueira (2010), Salamoni e Waskiewicz (2013), Neves (2014), Gois (2018) e Salamoni *et al.* (2021) apresentaram as informações acerca das especificidades da Serra dos Tapes. De maneira que se leva em conta as perspectivas explicitadas, porém, retomando tal conhecimento a partir de um viés distinto. A dizer, uma análise sistêmica.

Articula-se, ainda, à abordagem teórica, as reflexões de Wallerstein (1990, 2001, 2010, 2012) sobre as dinâmicas de longa duração conformantes do capitalismo. Em concordância, autores subsidiários a este pensamento, como Koçak (2006), Vieira (2012), Rojas (2013), Aramor (2018) e Soendergaard (2018) são de fulcral importância. No mais, são utilizadas as informações produzidas e disponibilizadas pelo Instituto Brasileiro De Geografia e Estatística (IBGE), principalmente no que diz respeito aos Censos Agropecuários.

Sua execução, no entanto, não se restringe à revisão bibliográfica, visto o caráter inovador em pensar a realidade abordada através das lentes descritas. Seu valor estaria não só na costura entre diferentes trabalhos, mas na própria revisão e reinterpretação dos argumentos apresentados. O que se dá de mão dupla. Ao ser verificada a congruência da matriz teórica para com a materialidade dos processos e ao problematizar o entendimento dos autores na interpretação dos dados que são trazidos. Por fim, argumenta-se que o intuito central é enriquecer a compreensão da realidade social de certo processo, por meio do exame dos dados disponíveis.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com o presente exercício, busca-se encontrar fatores-chave na constituição dos vários sistemas agrários identificados ao longo da história da Serra dos Tapes. Para tal tarefa, foram seminais os trabalhos *Evolução e diferenciação dos sistemas agrários na Serra dos Tapes, Rio Grande do Sul* (GOIS, 2018) e *A Ocupação Humana no Espaço da Serra dos Tapes: os casos dos distritos de Cerrito Alegre e Quilombo/Pelotas-RS* (NEVES, 2014) em seu caráter sócio-histórico, e *A Geografia da Serra dos Tapes: natureza, sociedade e paisagem* (SALAMONI *et al.*, 2021) em vias de estabelecer uma visão ampla da atualidade.

Com tal embasamento, foi feita uma reformulação sobre as sucessões de etapas dos sistemas agrários. No entanto, o enfoque da pesquisa é dado aos constrangimentos externos a esse local. Ou seja, leva-se em consideração os principais impactos do ecossistema social na formação e dinâmica de cada um dos sistemas agrários.

Nesse sentido, o texto inicia abordando o sistema agrário nativo, faz-se um breve relato, baseado em estudos arqueológicos, sobre a expansão do sistema social Guarani até o território e as relações que este imprimia com os sistemas ao seu redor. A dizer, a sua importância na constituição da paisagem natural, e de que forma construiu uma influência mútua para com os demais grupos que habitavam nas proximidades.

Posteriormente, dá-se largada a outra etapa da discussão: em que a noção de sistema-mundo passa a ser central para o entendimento das mudanças identificadas. Firmado na hipótese de que a inserção do território na economia-mundo, em sua condição periférica, gera sucessivas rupturas nas dinâmicas de seus sistemas agrários.

4.1 ASCENSÃO E QUEDA DO *GUARÁ* (NAÇÃO GUARANI) NO *TAPÉ* (CAMINHO)

Apesar de vestígios da presença de outras tradições que não a Guarani na Serra dos Tapes (KERN, 1991), não há como identificar o estabelecimento de um sistema agrário anterior na região. Partindo da pesquisa arqueológica empreendida por Rafael Guedes Milheira (2008) na dissertação *Território e estratégia de assentamento Guarani na planície sudoeste da Laguna dos Patos e Serra do Sudeste-RS* o próximo trecho buscará relatar brevemente as motivações da consolidação do sistema agrário inicial. Em um segundo momento, será relacionado o término do mesmo com o movimento de incorporação do território por parte da empresa colonial, e consequente anexação à economia-mundo.

4.1.1 Fluxo migratórios e Guaranização do território

Segundo o modelo de expansão Tupi-Guarani mais aceito, proposto por Brochado (1984 *apud* MILHEIRA, 2008), sua população passou a se deslocar partindo da Amazônia há cerca de três mil anos. A expansão de aldeias seguia um padrão descrito como enxameamento, apontando que estes tendiam a se mover¹⁰ radialmente pelo território no intuito de mapear novos recursos. Estabelecendo assim, relações políticas, sociais e econômicas com demais grupos, enquanto interferiam na paisagem através de um manejo agroflorestal (MILHEIRA, 2008).

O ramo de interesse (Guarani) fluiu junto dos rios Paraná e Paraguai até a área que compreende-se atualmente como Rio Grande do Sul. Havendo superado a margem esquerda do rio Jacuí e adentrado a Serra do Sudeste entre os séculos IX e XIII da era comum (ROGGE, 2004 *apud* MILHEIRA, 2008). Local em que puderam se estabelecer com relativa facilidade devido às Florestas Estacionais Deciduais e Semideciduais possuírem um sistema ecológico semelhante às florestas tropicais (ROGGE, 2004 *apud* MILHEIRA, 2008).

Em um terceiro momento, por volta de 900 anos antes do presente passaram a ocupar também a planície litorânea, um espaço não tradicional à sua cultura. O que demandou não só uma adaptação ecológica, mas a elaboração de estratégias de interação¹¹ com grupos já consolidados naquele espaço (tradição Vieira e Taquara). A importância de pontuar tal trajetória está na hipótese auferida pelo autor referência no estudo. Em sua análise sobre os indícios arqueológicos (utensílios, materiais, dispersão, datação, etc) dos sítios da região, Milheira (2008) postulou uma possível dinâmica de interação entre as aldeias Guaranis da serra e do litoral. A primeira área, mais antiga e tradicional ao modo de ser Guarani (*ñande reko*), abrigaria o cacicado de prestígio, enquanto as lideranças de menor influência estariam conformadas à periferia do território. Todavia, essas aldeias conformaram, juntas, o *tekoá* do arroio Pelotas via redes sociais de reciprocidade.

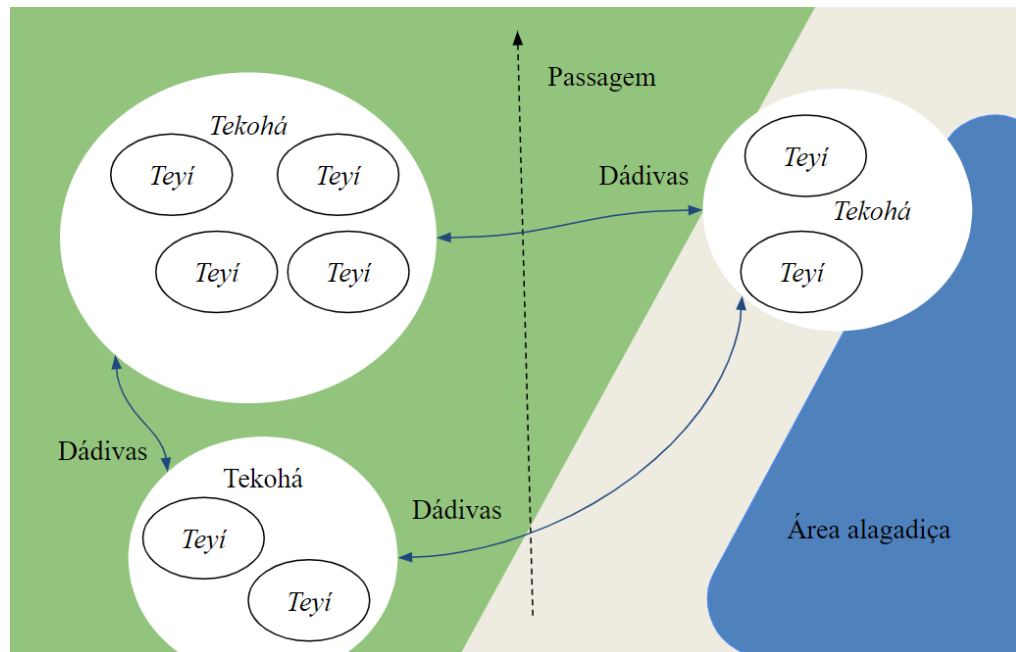
Usualmente, os assentamentos Guarani (*tekohá*) predominavam em áreas de floresta densa, e eram organizados territorialmente no seu interior a partir de laços de parentesco. Nesses territórios poderiam haver até seis núcleos familiares (*teýi*), enquanto a captação de recursos ocorria nas áreas circundantes através da agricultura, coleta, caça e pesca

¹⁰Segundo Milheira (2008), diversos são os fatores de migração, entre eles, desdobramentos das relações com outros grupos (amistosas ou belicosas), escassez de recursos, aumento populacional e a procura por uma terra sem males (*yvy marane'y*).

¹¹Milheira (2008) relembra que foram encontrados indícios de influência mútua nas produções cerâmicas guaranis e cerríticas (tradição Vieira).

(MILHEIRA, 2008; NEVES, 2014). Num sentido mais amplo, tal sistema social mantinha relações amistosas com outros aglomerados humanos, conformando junto a demais *tekohás* a nação Guarani (*guará*)¹². Mas também eram comuns contatos multi-étnicos, resultando em trocas materiais e imateriais — o que possibilitou, por exemplo, essa exploração do ecossistema natural litorâneo, pouco habitual à cultura guarani. A seguir uma esquematização da ocupação guarani na serra, em relação à área alagadiça.

Figura 4 - Representação do *Guará* na Serra dos Tapes e região



Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

Aqui, deve-se atentar para importância do processo de mútua influência para com seu meio, protagonizado pelos nativos, em que foram estudadas e domesticadas espécies locais, e introduzidas outras, exóticas. Estima-se que nessa época, em geral, eram cultivadas cerca de 180 espécies pelos Guarani (DELLA MEA *et al.*, 2014). Autores apontam que tais populações utilizavam a técnica da coivara, em que se fazia a derrubada e queimada da vegetação nativa para plantio de alimentos — inúmeras espécies de mandioca (*mandiong*), milho (*avati*), batata (*jety*), feijão (*kumanda*), pimentão (*ky'yi*), etc. (DELLA MEA *et al.*, 2014).

A força de trabalho indígena era livre e coletiva (COTRIM, 2003) e os diferentes assentamentos mantinham relações de troca entre si (GOIS, 2018) em um sistema descrito como economia da dádiva¹³ (DELLA MEA *et al.*, 2014). Praticando rodízio de áreas

¹²Alguns dos utensílios escavados foram confeccionados de matérias-primas que só são encontradas a 200 km do local (MILHEIRA, 2008).

¹³ Economia da dádiva “é uma forma de organização social na qual os membros fazem doações de bens e serviços valiosos, uns aos outros, sem que haja, formal ou explicitamente, expectativa de reciprocidade imediata

produtivas para regeneração das florestas e conseqüente conservação da fertilidade do solo. Atualmente, com a elaboração do conceito de Sistemas Agroflorestais, faz-se profícuo questionar se tal nomenclatura não seria a condizente. Inclusive, os próprios conhecimentos tradicionais elaborados na região seriam de inestimável valor para a elaboração de sistemas agrários melhor adaptados à realidade local contemporânea e, portanto, sustentáveis no longo prazo.

Após cerca de sete séculos de continuidade, o sistema agrário Guarani na Serra dos Tapes encontraria seus limites. Entre as explicações debatidas pela academia, perdurou a que ressalta o aspecto supostamente benéfico ao Guarani no contato para com o “velho mundo”. Uma versão melhor acabada pode ser encontrada no seguinte parágrafo:

[a]o tempo da colonização européia, no século XVI e XVII, todas as áreas de mata subtropical ao longo da costa, na borda do planalto, na serra do Sudeste e ao longo dos rios, estava ocupada pelos agricultores guaranis. Já não havia possibilidade de novas expansões e a população deveria se defrontar com um sério impasse, provavelmente não consciente, mas registrado pelos missionários espanhóis, que escreveram não existir nas matas um só lugar de terra suficientemente conservado para organizar uma missão. A crise não se tornou mais aguda porque todo o sistema foi modificado através da incorporação do índio nas economias e nas culturas de Espanha ou de Portugal (SCHMITZ, 2006. p. 37-38).

Todavia, o pressuposto de que o sistema social ameríndio se encontrava a beira de um colapso é carente de factualidade por dois aspectos. Primeiramente, como demonstrado na seção anterior, é registrada a plena capacidade de adaptação, através de alianças e troca de conhecimento/tecnologia, por parte das diversas populações que habitavam onde hoje tem-se por Rio Grande do Sul. Limites na exploração de recursos, não necessariamente desembocariam em conflitos violentos, e mesmo que o ocorressem, não há justificativa para ver neles o alvorecer de uma crise sistêmica. Tal preocupação, mais do que nada, diz respeito à experiência europeia de resolução de disputas territoriais.

O eurocentrismo também é latente no raciocínio de que o meio ambiente local seria explorado à exaustão. Quando na realidade, em estudo específico sobre os coletivos Guaranis no Rio Grande do Sul, foi apontada a concordância entre sua agricultura tradicional, de sucessão agroflorestal das matas, com a promoção de biodiversidade e sustentabilidade de serviços ecossistêmicos. Tendo sido essenciais para a própria constituição das Florestas Tropicais em que habitaram (GOBBI *et al.*, 2010).

Apesar da omissão acerca do passado indígena na região — a nomenclatura de locais, montanhas e rios, além das evidências guaraníticas, os cerritos em banhados, e de outros vestígios encontrados por locais, servem de registro histórico da sua presença (LIMA, 2006). O próprio batismo da Serra dos Tapes advém do guarani *tapê*, que significa caminho,

ou futura, como no escambo ou num mercado. Todavia, a reciprocidade existe, não necessariamente envolvendo as mesmas pessoas, mas como uma corrente contínua de doações” (CHEAL, 1988, pág. 190).

passagem. Visto que a circulação entre o Sul e o Norte da região tendia a ser feita pela serra, evitando a área alagada próxima às lagoas (NEVES, 2014). Posteriormente, os colonizadores passaram a se referenciar aos nativos dessa região como “Tapes” (SCHMIDTZ, 2006) enquanto utilizavam do trajeto para transportar animais criados nas Vacarias do Mar (NEVES, 2014).

4.1.2 Etnocídio e periferização: a inserção do Tapê na economia-mundo

As transformações no sistema agrário regional passam a ser sentidas por duas vias. Subindo pela bacia do rio da prata, e se espalhando pela região que atualmente se entende como Paraguay, as missões jesuíticas arregimentaram indígenas em suas reduções. Vinculados aos objetivos geopolíticos espanhóis, as principais metas da Companhia de Jesus eram converter e “civilizar” a população nativa, o que foi respondido por diferentes formas de resistência e agenciamento Guarani¹⁴. Economicamente, houvera forte impacto na produção, ao se introduzir técnicas e espécimes europeias de cultivo, com o auxílio de junta de bois. Nesse processo, o gado tomara suma importância na sua dieta alimentar (KERN, 2011). Cabendo aqui assinalar a gênese das extensas Vacarias do Mar e dos Pinhais. Nos embates pelos territórios e nas migrações de populações indígenas, os rebanhos de gados eram deixados para trás. Esses, acabaram se proliferando e dando origem às "vacarias". Futuramente vitais ao tropeirismo e as charqueadas.

Os jesuítas se estabeleceram também no interior do território gaúcho em 1626. Na Serra dos Tapes, os indígenas criaram uma guarda avançada, em um local chamado de *Caa-guaçu*¹⁵ (mato alto). Por meio desta, buscavam impedir o avanço português para o interior, em direção às missões¹⁶ (COTRIM, 2003). Todavia, o litoral foi invadido pelo bandeirante Raposo Tavares em 1633. Esse, cinco anos depois destrói e anexa parte dessas missões do sul para o território português (SERRA, 2008).

No entanto, mais de um século de disputas entre as coroas ibéricas se passou para que ocorresse a colonização lusitana do extremo sul, através da Povoação do Rio Grande de São Pedro (CONCEIÇÃO *et al.*, 2009). A partir de então, se intensifica drasticamente a pressão sobre o território Tapê, e a presente argumentação expõe que o sistema agrário Guarani na Serra dos Tapes sofreu sua ruptura a partir do contato com colonizadores europeus

¹⁴Para uma discussão sobre o processo, acessar *Missões jesuítico-guarani e protagonismo indígena: inserção de contranarrativas no ensino de História por meio da educação patrimonial* (SANTOS, 2019).

¹⁵Atual sede do município de Canguçu.

¹⁶Conjunto de reduções, pequenas vilas de indígenas gerenciadas por jesuítas.

e a contínua subjugação de seu território, recursos e população às dinâmicas da economia-mundo moderna.

A fundação da cidade de Rio Grande em 1737 e a construção do Forte São Gonçalo em 1755, junto da doação das primeiras sesmarias a militares marcam o início da ocupação dos campos e das incursões portuguesas na serra (DELLA MEA *et al.*, 2014). Dessa forma, apesar da persistência residual do sistema agrário indígena até a atualidade, as transformações na região comprometem seu pleno funcionamento (GOIS, 2018). No mais, os conhecimentos da população indígena acerca da flora e da fauna locais foram reapropriados por outros grupos, e sua herança também pode ser notada nos traços da população local e nos seus costumes.

Como exposto na seção 2.4, houveram distintos ciclos de economia-mundo, cada qual com suas características, sua hierarquia. No entanto, o sistema-mundo Moderno deu saltos quantitativos e qualitativos, expressos na anexação e capitalização de amplas redes comerciais. Assim, pode-se dizer que em 1492 surgem, em um só movimento, as Américas, o sistema-mundo Moderno, e o Capitalismo (AMADEO; ROJAS. 2011).

A criação desta entidade geosocial, América, foi o ato constitutivo do sistema mundial moderno. A América não se incorporou a uma já existente economia-mundo capitalista. Uma economia-mundo capitalista não teria lugar sem a América (QUIJANO, WALLERSTEIN, 1992. p. 583, tradução livre)¹⁷.

Tais instâncias estão umbilicalmente ligadas porque necessitam uma das outras para a própria existência¹⁸. Isso, devido à polarização do sistema-mundo: só é possível haver um centro em relação a outra zona, convertida em periferia. Ou seja, a Europa se torna centro desse sistema global ao perifêrizar a América. Também a expansão territorial, faz parte da dinâmica capitalista. Já que é uma condição *sine qua non* para que haja capital sendo acumulado e reproduzido no interior do sistema econômico (WALLERSTEIN, 2001 *apud* AMADEO; ROJAS. 2011).

Assim, através da colonização, foram incorporados novos recursos humanos e materiais ao mercado europeu (AMADEO; ROJAS. 2011). Em variadas localidades, as classes dominantes do “novo mundo” se associavam ao processo (*Ib.*). O arrasamento das

¹⁷“La creación de esta entidad geosocial, América, fue el acto constitutivo del moderno sistema mundial. América no se incorporó en una ya existente economía-mundo capitalista. Una economía-mundo capitalista no hubiera tenido lugar sin América.” (QUIJANO, WALLERSTEIN, 1992. p. 583).

¹⁸Desde meados do século XX vem ganhando corpo um viés crítico à inserção das demais economias ao capitalismo europeu. Pode-se traçar à literatura e aos estudos Pós-coloniais uma tentativa de pensar a partir da perspectiva do “outro”, do colonizado. Um novo momento, ocorrido na América Latina a partir do “giro decolonial” aprofundou as questões e postulou a colonialidade como o lado obscurecido, pouco vislumbrado, mas vital para a existência da modernidade. Para introdução ao tema, consultar Ballestrin (2013).

culturas nativas é explicitado na substituição de seus idiomas pelos das metrópoles coloniais, mas as identidades coletivas como um todo passavam a estar articuladas à hegemonia ocidental. E através dessa dominação, também o trabalho passou a ser controlado em torno do capital (AMADEO; ROJAS. 2011).

No caso das sociedades Guaranis, todavia, não há produção de excedente para vendas ou ímpeto de acumulação de bens, já que sua economia está baseada na reciprocidade (COMANDULLI, 2010). Portanto, não haveria interesse financeiro para os colonizadores portugueses manterem relações amistosas com tal sociedade. Dessa forma, foi necessário criar toda uma estrutura com classes dominantes intimamente conectadas às transformações dos modos produtivos locais. Ao que se pode concluir, não só as novas relações (terra, capital, trabalho) impostas às regiões colonizadas limitavam a reprodução do modo de vida nativo, por vezes era necessário o soerguimento de sistemas sociais articulados à economia-mundo moderna. Ao que se lançava mão de genocídios étnicos. Movimento, portanto, que está no cerne do Capitalismo moderno e sua expansão.

Assim sendo, o modo de ser Guarani (*nãnde reko*) fora desligado da Serra dos Tapes, na medida em que seu sistema agrário era extinto. Ao passo de que os componentes do território em questão assumiram a lógica capitalista e foram inseridos na economia-mundo. Todo esse processo, no entanto, não se furtou às bases materiais. Através de um longo exercício de inferiorização e apagamento, toda a diversidade de memórias e identidades não-europeias foi homogeneizada. A dizer, inúmeros sistemas sociais foram desfeitos e reorganizados sob a égide de “índios”, no caso americano, e “negros”, no caso africano (AMADEO; ROJAS. 2011). Seriam eles um passado da humanidade, enquanto a experiência europeia se impunha como modelo universal de racionalidade, tal qual fosse a culminação de uma trajetória progressiva (MIGNOLO, 2010). Para compreender esse processo, o próximo trecho possui o intuito de vislumbrar as transformações no sistema-mundo, para posteriormente debater suas implicações no ecossistema da Serra dos Tapes.

4.2 CICLOS DA ECONOMIA-MUNDO EM SEU IMPACTO À SERRA DOS TAPES: O SURGIMENTO DE DOIS SISTEMAS AGRÁRIOS NA REGIÃO

Há de se notar que o texto apresentado terá enfoque na disputa pelo domínio do tráfico negreiro no atlântico. Tal narrativa é justificada pela importância africana na região da Serra dos Tapes. Primeiramente, pela centralidade econômica do Charque na economia local. Alimento que se utilizava de mão de obra negra e era, em sua maioria, destinada a outros

escravizados. Todavia, para o presente exercício, há especial interesse no surgimento do sistema agrário quilombola, engendrado em resposta ao escravagismo charqueador.

4.2.1 As disputas pela hegemonia do tráfico de africanos escravizados

Como delineado na seção 2.3, o capitalismo histórico possui uma lógica cíclica de longa duração. Dinâmica essa, cujo início é rastreado ao século XV, momento em que os banqueiros mercantis da cidade-estado de Gênova expandiram suas rotas comerciais mundialmente, através do apoio bélico dos estados ibéricos (ARAMOR, 2018). Dessa forma, os capitalistas genoveses eram encarregados da gestão comercial e financeira, enquanto Portugal e Espanha garantiram a expansão ultramarina dos negócios (VIEIRA, 2012). O que vale ressaltar é o início da formação de entrepostos avançados que possibilitariam o comércio através do Oceano Atlântico. Marcado, por um lado, pela inserção periférica das américas no sistema internacional. Mas também pela presença portuguesa na África Tropical a partir de 1485 (VISENTINI, 2014 *apud* ARAMOR, 2018) o que culminaria na lenta, porém radical, incorporação da África à economia-mundo.

Futuramente, há formação de um segundo ciclo de acumulação sistêmica, em que os Países Baixos do Norte assumiram a liderança, ao se consolidar como instituição política coesa, capaz de se especializar em setores agrícolas de alto lucro e dominar indústrias chaves, notadamente naval e têxtil (WALLERSTEIN, 1998 *apud* VIEIRA, 2012). Por outro lado, acumulavam-se vitórias militares. Em 1602 é fundada a Companhia Holandesa das Índias Orientais, que arrebatou o Oceano Índico dos portugueses, e entre 1637 e 1642, a Companhia Holandesa das Índias Ocidentais tomam as principais feitorias lusitanas (VISENTINI, 2014 *apud* ARAMOR, 2018). Assim, graças ao apoio da marinha nacional e as inovações tecnológicas no transporte, a Companhias Holandesas mantiveram o monopólio do comércio de escravos nos séculos XVII e XVIII (ARAMOR, 2018). Por fim, os interesses da burguesia batava e a vitória contra o Império Espanhol são formalizados na Paz de Westfália. Podendo se considerar que

[...] a partir de então (1648), o capitalismo se consolida como a forma de organização econômica, por dizer assim, oficial, do sistema interestatal, e contará com o apoio do estado para moldar a vida social à sua imagem e semelhança e, não menos importante, punir os recalcitrantes, sejam indivíduos, organizações ou mesmo regiões inteiras, incluindo, é claro, países (VIEIRA, 2012, p. 246).

Já o terceiro ciclo de acumulação seria encabeçado pelo império britânico. Após três guerras sucessivas contra a Holanda, a Grã Bretanha consegue impor as Leis de Navegação da

Inglaterra¹⁹ e adquirir o monopólio do tráfico negreiro. Dessa forma, as Províncias Unidas passam à condição de meros sócios subalternos da coroa. Também Portugal, se tornara um protetorado Inglês, ao buscar seu apoio contra a Holanda e a Espanha (ARAMOR, 2018). Nesse contexto, Aramor (2018) postula que o tráfico triangular do Atlântico foi monopolizado no seguinte esquema: mercadorias europeias de baixo valor eram negociadas por escravos na África; Africanos escravizados, comercializados por minérios e produtos de *plantation*²⁰ na América; e o ciclo se fechava com tais matérias-primas²¹ adentrando o mercado europeu.

A prática racionalizada do mercado e de seus mecanismos econômicos fez da manutenção do monopólio do tráfico de escravos africanos, transformados em mercadoria, excedentes extraordinários pelas trocas desiguais no circuito comercial do Atlântico (ARAMOR, 2018. p. 18).

Tamanha a importância do tráfico escravagista é que esse foi o circuito comercial mais lucrativo até o século XX (ARAMOR, 2018). De acordo com Arrighi (1996), devido à alta concentração de capital e o estímulo dos mercados interligados, foram proporcionadas as bases da dita revolução industrial britânica. Enquanto que “[a] esta altura, a condição de quase-Estado e de uma economia fundada na escravidão colocavam Portugal — e sua colônia americana — na condição de periferia da economia-mundo”(VIEIRA, 2012, p. 212).

No que diz respeito ao continente africano, o tráfico de escravos foi determinante para sua história, principalmente acerca do esfacelamento de sistemas sociais que ali se perpetuavam. Grande parte da acumulação de capital no centro europeu se deu às custas da mortandade e do despovoamento africano, que ainda podem ser consideradas as principais causas de seu subdesenvolvimento (NUNN, 2008 *apud* GERBEAU, 2017). Já Wallerstein (2010) contra argumenta que suas problemáticas atuais, em grande maioria, advêm do acirramento de disputas por colônias ocorrido no final do século XX. Ainda que o comércio escravagista marque a inserção africana na periferia da economia-mundo, e que as dinâmicas desse capitalismo planetário tenham resultado no citado evento.

4.2.2 A importância do charque pelotense

No íterim do processo assinalado, o cone sul americano encontrava-se envolto pelas querelas fronteiriças dos impérios Espanhol e Português. Isso porque conforme o Tratado de

¹⁹Atos de navegação que buscavam restringir o uso de portos e o comércio marítimo dos demais impérios.

²⁰Monocultivos de grandes proporções, utilizadores de mão-de-obra escrava, que visavam produzir para atender a cadeia mercantil europeia.

²¹Lembrando que também a extração e o cultivo de tais produtos estava à cargo, em sua absoluta maioria, da mão-de-obra escravizada.

Tordesilhas (1494), a corrente unidade federativa Rio Grande do Sul estaria na área castelhana. Entretanto, as incursões portuguesas em busca de recursos preciosos e indígenas para escravizar já se expandiam ao Rio da Prata. O que seria consolidado pela coroa lusitana ao fundar a colônia do Sacramento (1680). Após avanços e retrocessos, as fronteiras, correspondentes às atuais seriam estabelecidas somente em 1777 através do tratado de Santo Ildefonso. No mesmo ano, há distribuição de novas sesmarias²², e o primeiro dos charqueadores, José Pinto Martins, chega à Capitania de Rio Grande de São Pedro (CONCEIÇÃO *et al.*, 2009).

Inicialmente, os portugueses ali se instalaram entre os séculos XVIII e XIX. Eram militares luso-açorianos que recebiam grandes latifúndios da Coroa Portuguesa e se dedicavam à exploração pecuária. A criação de gado (*vacuum* ou moares) era transportada pelos tropeiros ou utilizada no charque — carne salgada e seca ao sol (GUTIERREZ, 2001 *apud* GOIS, 2018). Dessa forma, foram priorizadas as áreas planas entre a Serra do Sudeste e a Planície Costeira, pela sua topografia, pastagem e abundância de água (LIMA, 2006). Dando início ao sistema agrário das Sesmarias.

As estâncias eram compostas pela família do proprietário, pelo capataz e por seus subordinados. Estes poderiam ser gaúchos (mestiços) assalariados, ou indígenas e africanos escravizados (LUCCAS, 1997 *apud* LIMA, 2006). Já o pólo charqueador de Pelotas e Rio Grande era composto essencialmente por mão de obra negra escravizada (SALAMONI; WASKIEWICZ, 2013). Para subsistência da fazenda, eram cultivados, principalmente, mandioca e trigo. Na Serra dos Tapes se extraía madeira e praticava-se olaria (GUTIERREZ, 2001 *apud* GOIS, 2018).

As charqueadas foram implantadas no intuito de suprir a demanda alimentícia de populações marginalizadas, em um momento em que a produção de carne-seca nordestina encontrava-se em crise. Graças à extensa oferta de gados *vacuum* na região e à proximidade do porto de Rio Grande, o município de Pelotas tornou-se o principal pólo charqueador do império. A capitania possuiu 43 estabelecimentos ao longo do século XIX, momento em que exportava, em média, anualmente 820 mil arrobas (VARGAS, 2014). Desses, mais da metade escoava para os portos do nordeste, que retornavam os navios com sal, escravos, aguardente, fumo e açúcar (OSÓRIO, 2007 *apud* VARGAS, 2014).

²²Extensa porção de terra doada a particulares no intuito de estabelecer o domínio do império Português. Esse regime de terras teve fim em 1822, quando José Bonifácio estabeleceu a livre posse no país. Mas no ano de 1850, a Lei de Terras reconheceu as antigas sesmarias e estabeleceu a compra como único meio de obtenção de propriedade.

Tal atividade se tornou deveras lucrativa, demandando grande fluxo de escravizados para a região. Tanto é que, o censo de 1833 postula que 51% da população pelotense era escrava, sendo dois terços negra (VARGAS, 2014). Sobre o assunto, Florentino (1997) arremata que o charque compunha uma tripla relação com a escravidão: era suprimento dos cativos que atravessavam o Atlântico, era produzido através do trabalho dessas pessoas escravizadas, e por fim, o charque era base alimentar para a mão-de-obra dos demais escravos de Américas e Caribe.

Ainda que o charque fosse vital para a sustentação do comércio triangular no Atlântico, ocupava um papel periférico na cadeia mercantil internacional. Portanto, seus agentes capitalistas não foram capazes de incorporar as taxas de lucro e renová-las através de outro ciclo de acumulação. Do contrário, transformações tecnológicas no refrigeração e transporte da proteína animal vieram a superar tal setor econômico. No século XX, os Estados Unidos da América dominavam tais inovações e seus agentes empresariais monopolizavam o mercado europeu (PERREN, 1971 *apud* VARGAS, 2014).

Como dito, ao longo do Século XIX, as principais atividades econômicas desenvolvidas na região foram a criação de gado associada à produção de charque. Segundo Cerqueira (2010), esse período é marcado pela riqueza e desenvolvimento da área da planície costeira, uma vez que Pelotas era um grande polo produtor e exportador. Enquanto as áreas de serra serviam apenas como atividade secundária. Ou, como será registrado, eram usadas de esconderijo pelos que fugiam das estâncias e charqueadas (CERQUEIRA, 2010).

Nota-se portanto, um sistema agrário que utilizava recursos da região, mas cuja produção estava direcionada a localidades externas. No mais, apesar de o presente sistema utilizar de recursos da Serra dos Tapes e interferir na sua dinâmica, sua principal contribuição foi como local de escape para as pressões vigentes em seu meio. O que se deu através de outro sistema agrário, apontado no tópico porvir.

4.2.3 Resistindo ao sistema-mundo Colonial, o antissistema quilombola

Com o advento da colonização ibérica, a primeira empreitada a se estabelecer na região foi o sistema agrário das Sesmarias. Que mantinha a Serra do Sudeste como mera esfera de influência e fonte de recursos secundários. Tal espaço, no entanto, fora essencial para criação de movimentos de resistência às condições degradantes a que os trabalhadores eram submetidos.

Ainda que já se tenha citado o impacto do tráfico negreiro à África, seria impossível medir as consequências para os 12 milhões de sujeitos — sobreviventes — da diáspora forçosa, tratados como meros produtos da economia-mundo capitalista.

A separação dos indivíduos traficados pelo comércio infame de seres humanos ocasionou o rompimento de alianças, grupos, amizades e vínculos familiares organizados e estabelecidos no continente africano. Aportados em terras desconhecidas, esses sujeitos tiveram de reelaborar laços sociais e familiares e novas identidades na ânsia de tentarem sobreviver nas novas comunidades em que estavam inseridos (PINTO *et al.*, 2020. p. 38)

Todavia, perante o subjugamento, em paralelo, cresce a insubordinação dos grupos dominados (ROJAS, 2013)²³. Para o escravo, “fugir foi o principal mecanismo de protesto” (PINTO *et al.*, 2020. p. 38). Assim, concomitantemente às sesmarias, se desenvolveram formas de reprodução social que buscavam resistir ao sistema escravista vigente no Rio Grande do Sul (NEVES, 2014).

Na linguagem africana Iorubá *quilombo* significa habitação, o que, com o tempo passou a designar territórios étnicos “com costumes, tradições, condições sociais, culturais e econômicas específicas, que os distinguem de outros setores da coletividade nacional.” (LIMA, 2006. p.60). Tais formações populacionais podem ser originárias da fuga de pessoas escravizadas, da doação de terras degradadas, da compra do local pelos próprios escravos, da troca por serviços religiosos (terras de santíssima), ou até pela prestação de serviços de guerra contra insurgentes (LIMA, 2006).

Surge o aquilombamento como estratégia de territorialização, em que a terra dava condições de liberdade. O local de esconderijo e/ou morada foi basilar para a construção de uma nova forma de vida. Assim, o meio natural e as demais populações vizinhas começaram a fazer parte de uma rede de relações (de trocas e hierarquias) e o conhecimento da região tornou-se importante aliado. Essa trama serviu de auxílio para os embates contra persecutores particulares e o próprio Estado. Para tal, as comunidades precisavam ser móveis, alternando entre posturas de defesa e ataque. Ou seja, a dinâmica não era restrita ao sedentarismo (PINTO *et al.*, 2020).

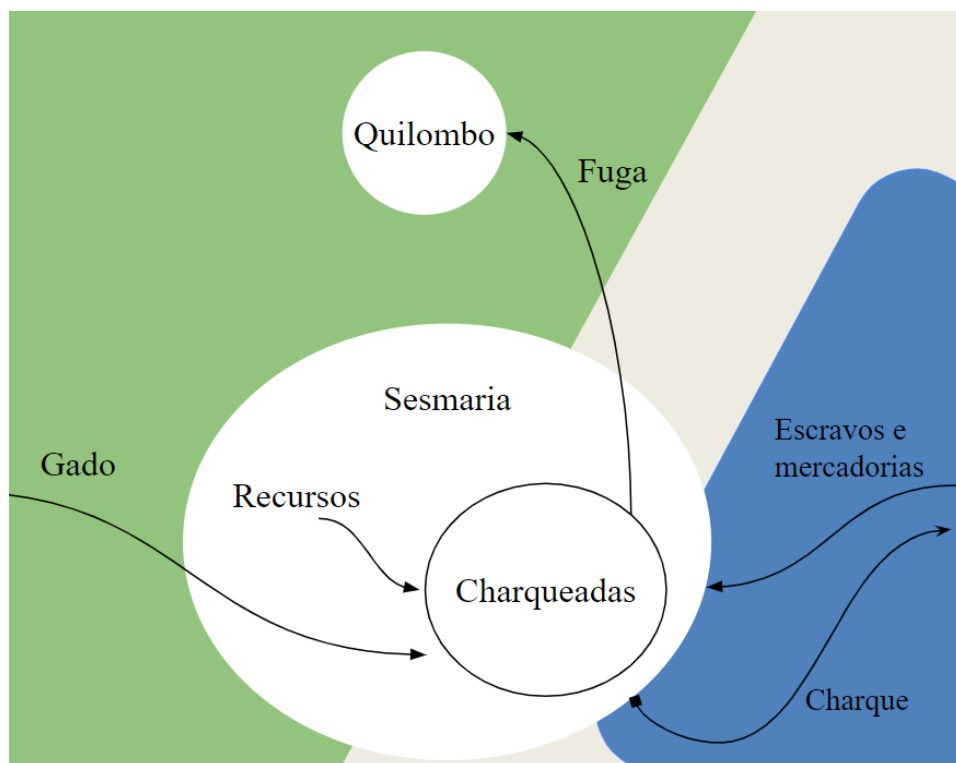
Graças às condições naturais da Serra dos Tapes (difícil acesso e abundância de recursos naturais), a região se tornou abrigo de grupos subordinados que viam ali um local de resistência, sendo habitada por indígenas, posseiros, agregados e lavradores nacionais (PINHEIRO, 2014; ZARTH, 2002 *apud* GOIS, 2018). Os quilombos, em específico, eram

²³Tomando proveito da bibliografia central à pesquisa, para analisar essa mobilização social será feita referência à noção de “movimento antissistêmico” elaborada por Wallerstein e posteriormente repensada, atualizada por diversos autores (ROJAS, 2013). De forma que a reflexão é adaptada ao contexto que a necessita, assumindo os riscos do exercício.

formados por ranchos de *giribá*, onde habitavam as famílias. Nas proximidades, praticavam caça, pesca e coleta de frutos e raízes, além da agricultura de queimada, em que eram cultivados mandioca, milho e feijão (ÁVILA; RIBEIRO, 2013 *apud* GOIS, 2018). É notório o contato com indígenas, que transmitiram conhecimentos acerca de plantas medicinais. Também havia a compra clandestina de insumos em bodegas da região. No mais, havia razia de propriedades vizinhas, na busca de mantimentos e novos integrantes para o quilombo (PINTO *et al.*, 2020).

Líderes comunitários serviam de referência em levantes, porquanto inspiravam medo nas autoridades escravagistas. Na Serra dos Tapes, o General Manoel Padeiro foi retratado como “zumbi dos pampas”, mas também o Juiz de Paz João, o casal de forros Simão e Tereza, e a andrógina Roza eram cruciais no estabelecimento de libertações bem sucedidas (PINTO *et al.*, 2020). Podendo se identificar nas socializações desses grupos, novas formas, revolucionárias perante às estruturas da época. Características a se ressaltar em uma mobilização social, antissistêmica no combate ao colonialismo capitalista. Na Figura 5 buscou-se abordar os impactos mais notórios à Serra dos Tapes, no que diz respeito à emergência do sistema agrário quilombola e a interação das charqueadas com o ecossistema e a economia-mundo.

Figura 5 – Impacto do sistema agrário sesmeiro na Serra dos Tapes.



Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

Em 1850 é promulgada a Lei de Terras, determinando que a aquisição de propriedades só poderia ser feita através da compra. O que dificultava a apropriação legal das terras por parte de grupos marginalizados²⁴, como os negros. No mesmo período, passou a ser incentivada a imigração europeia não-ibérica²⁵ para a região, conforme a Serra dos Tapes era loteada, cedida ou comercializada (LIMA, 2006). Dessa forma, o acesso à terra se deu de forma desigual (PINHEIRO, 2014 *apud* LIMA, 2006) o que influenciou na relação estabelecida entre os imigrantes europeus e as autoridades locais e, conseqüentemente, acirrou as tensões étnico-raciais (RUBERT, 2009 *apud* LIMA, 2006). Nesse momento, é notada a emergência de outro sistema agrário, marcado pela crescente ocupação territorial, novas relações sócio-econômicas, e uma distinta exploração da natureza (LIMA, 2006).

4.3 ESTABELECIMENTO DO SISTEMA AGRÁRIO COLONIAL NA SERRA DOS TAPES: OS MARGINALIZADOS DO CENTRO FLUEM PARA A PERIFERIA DA PERIFERIA

Como tratado na seção 4.2.1 o tráfico de escravos no atlântico atendia às necessidades de acumulação do coração da economia-mundo. Em um cenário de competição interestatal, a expansão produtiva para as américas originou forte demanda por mão-de-obra barata (GERBEAU, 2017). Nessa toada, Gerbeau (2017) argumenta que, a partir do século XVI²⁶, migrações massivas estariam moldadas às articulações da superestrutura capitalista. Sendo tais movimentos, conseqüências naturais da penetração dos mercados através das fronteiras nacionais (WALLERSTEIN, 1990). Não que o migrante se tornara totalmente passivo, mas sua agência no processo está restrita e condicionada às articulações do sistema-mundo (GERBEAU, 2017).

Ao avaliar o estágio da arte nas discussões sobre os motivos das migrações massivas no final do século XIX, Hatton e Williamson (1994) foram capazes de elencar fatores

²⁴De maneira muito semelhante, antigos capatazes, peões e agregados passaram a ocupar áreas de relevo acidentado a partir da década de 1870. Nesse momento, os estancieiros da região começaram a cercar as terras e reclamar propriedade dos lotes, não permitindo mais a moradia e cultivo daqueles em suas propriedades. Em outras regiões, essas populações foram extremamente significativas, compondo o sistema agrário proeminente, chamado Caboclo, tal qual proposto por Miguel (2018). Esse não é o caso da Serra dos Tapes, visto que esse grupo era diminuto e teve práticas semelhantes aos quilombolas.

²⁵População europeia não originária de Portugal nem da Espanha, que compunha um segundo momento de colonização da América Latina, com enfoque no povoamento do território.

²⁶Momento em que o capitalismo se estabeleceu como projeto sócio-político-cultural e ecológico global (GERBEAU, 2017).

decisivos nos casos europeus. Primeiramente, a transição demográfica, causada pela diminuição das taxas de mortalidade infantil, gerava *surplus* populacionais nas áreas rurais, ao mesmo tempo em que o acesso extremamente restrito à terra impedia a absorção de novas famílias. O principal motor, todavia, foi a perspectiva de uma melhoria salarial. É o caso de áreas “proto-indústrias” da Alemanha, em que a combinação de crescimento populacional, escassez agrícola e o declínio da indústria algodoeira foi responsável pelos maiores índices de emigração (KAMPHOEFNER, 1976 *apud* HATTON; WILLIAMSON, 1994). Outro ponto decisivo é a influência de parentes e conhecidos. Imigrantes anteriores foram capazes de impactar em novos fluxos, seja na construção de redes de informação ou até mesmo ao bancar financeiramente as empreitadas. Fenômeno batizado como “persistência de imigração” (HATTON; WILLIAMSON, 1994).

É o que se percebe, ao analisar as transformações pelas quais a Serra dos Tapes passou em meados do século XIX. Argumenta-se que avanços produtivos e embates geopolíticos intra-europeus criaram determinadas condições, principalmente o estabelecimento de grupos marginalizados, que no cenário da dita revolução industrial foram constrangidos a migrarem para certas áreas do globo. Em específico no estudo da Serra dos Tapes, uma nova fase seria inaugurada por meio do assentamento de “colônias de povoamento” no território. Grupos de europeus não-ibéricos alteraram drasticamente o sistema agrário, num primeiro momento, pela expansão demográfica, e posteriormente devido à transição técnica.

4.3.1 Intensificação e espraiamento das dinâmicas capitalistas na Europa

Em meados do século XVII a hegemonia Holandesa perdia sua posição em setores industriais e se mostrava cada vez mais inadequada ao sistema de Estados europeus. Por outro lado, a Grã-bretanha angariava supremacia em diversas cadeias comerciais. Isso, através de medidas mercantilistas²⁷, que eram suportadas, na prática, pela sua marinha. Com o Tratado de Utrecht (1731), rotas imensamente lucrativas já haviam sido cedidas aos ingleses (KOÇAK, 2006). Mas, através da articulação entre colonização, escravidão e nacionalismo econômico, é que surgirão os Estados capazes de protagonizar a contenda pela próxima hegemonia do sistema (ARRIGHI, 1996).

A França também despontava, e tentaria se consolidar durante as Guerras Napoleônicas. Nesse contexto, de grande importância para o presente estudo fora o Bloqueio

²⁷ Principalmente as Leis de Navegação e os subsídios de proteção à indústria nascente.

Continental (1806), que visava impedir o atracamento de qualquer navio das Ilhas Britânicas nos portos de países dominados pelo Império Francês. Como consequência, pôde-se notar a proliferação de indústrias e centros urbanos no interior da Europa, na tentativa de suprir a escassez de mercadorias. Como será visto adiante, outro fato importante é a vinda da Corte portuguesa ao Brasil, que fugia das repercussões da guerra em seu solo.

Por fim, a França não foi párea à superioridade naval britânica e sua liderança na primeira Revolução Industrial. Esses elementos chave se expressavam, respectivamente, no acesso à Ásia e às Américas e na disponibilidade de cobre e ferro — essenciais para inovações no setor têxtil e na criação do motor a vapor (GILPIN, 1975 *apud* KOÇAK, 2006).

Segundo Gerbeau (2017) a posse das indústrias passou a ser central na produção de *commodities* e, conseqüentemente, na concentração de poder dos Estados. Cidades interligadas às colônias via ferrovias e portos cresceram em velocidade sem precedente, centralizando meios de produção e acumulando conhecimentos técnicos. Para executar o processo, no entanto, havia necessidade de um amplo contingente de mão-de-obra proletária. O êxodo rural esteve inserido nesse movimento, na medida em que o campo era esvaziado e as grandes cidades, superpovoadas.

Por outro lado, Mazoyer e Roudart (2018) apontam que tal contexto esteve intimamente ligado à revolução agrícola empreendida na Europa ocidental entre os séculos XVI e XIX. A inserção de plantas forrageiras e/ou capináveis (sem alqueive) no ciclo produtivo permitia a manutenção da fertilidade do solo, enquanto se ampliava os números de colheitas. Em paralelo, os Estados nacionais mudaram o regime da terra, dando maior liberdade no seu uso e comercialização. Assim, o excedente agrícola não melhorava a alimentação da população num geral, mas dava condições de manutenção de um setor urbano crescente, especialmente em países que adotavam o novo sistema de cultivo.

Em retrospectiva, os autores conseguem discriminar dois grupos, conforme o ritmo empregado na revolução agrícola. França, Inglaterra e Países Baixos praticavam um desenvolvimento vigoroso, enquanto o sul de Portugal, Espanha e Itália, bem como Prússia e Rússia se mantinham distantes dos centros de industrialização. É identificada ainda, outra fase, impactada pela revolução nos transportes e pela produção em larga escala de equipamentos de tração pesada. Essas transformações permitiram o espriamento de adubos sintéticos por longas distâncias, aliado ao aumento significativo de área cultivada por cada pessoa. A repercussão que cabe aqui ressaltar é que muitas das pequenas unidades produtivas se tornaram inviáveis e o trabalhador agrícola, cada vez menos necessário.

4.3.2 Branqueamento como força de atração

Enquanto no velho mundo havia o contexto de exclusão de parte de sua população, no Brasil criaram-se incentivos à sua vinda. A partir da chegada da Corte portuguesa em 1808 os portos são abertos para estrangeiros, e é permitido a esses a posse da terra. No mais, núcleos coloniais passam a ser estabelecidos no território brasileiro e são providos o custeio de “transporte, terra, sementes, animais, ferramentas e diárias” (HACKENHAAR, 2018. p.35) aos recém-chegados. O sucesso de tais empreendimentos, no entanto, só se daria a partir de meados de século, quando vários fatores confluíram para tal.

Dentre as justificativas para a busca de mão-de-obra externa, autores apontam a necessidade de preenchimento de áreas desabitadas, visando a posse efetiva dos territórios, e a criação de uma classe intermediária, que dinamizaria a economia através do consumo, do trabalho qualificado e da diversificação produtiva (PETRONE, 1982; SEYFERTH, 2002).

Todavia, é necessário apontar que os ditos vazios demográficos e a demanda por mão-de-obra eram problemas de percepção, não de fato. Em paralelo ao estabelecimento da colônia, do império e da república, sempre houveram populações a construir relações mútuas com o território hoje chamado de brasileiro. Mas como já apontado, as contribuições nativas foram marginalizadas e apagadas ao longo da história. Também os afrodescendentes foram negados no processo. Para se ter ideia, no período da independência (1822), cerca de 68% dos 3,5 milhões de habitantes eram escravos — negros em absoluta maioria (HACKENHAAR, 2018). Portanto, a questão não fora ocupar o espaço ou empregar e qualificar o povo brasileiro. O objetivo era criar *outro povo*, aos moldes eurocêntricos.

Nas sociedades ibero-americanas, a elite dos Estados independentes e das sociedades coloniais não podia ter nenhum interesse social em comum com índios, negros e mestiços. Ao contrário, seus interesses sociais eram antagônicos, de modo que não havia nenhum terreno de interesse comum entre brancos e não brancos, e conseqüentemente, nenhum interesse nacional comum a todos eles (AMADEO;ROJAS, 2011, p. 39).

Quando são retomados os motivos do incentivo à migração europeia é comum citar também o projeto de branqueamento da população, como um entre os demais. Todavia, é preciso considerar que os pressupostos de discriminação racial atravessavam qualquer argumentação, estando as próprias noções dos problemas e suas soluções impregnados na raiz. Por outro lado, se construía uma perspectiva de abolição da escravatura, devido à pressão social interna, somada à coação inglesa, que não se contentava com o baixo custo da produção agrícola brasileira. O açúcar era a principal preocupação, mercadoria de concorrência direta,

visto que nas Antilhas Inglesas era feito por mão-de-obra assalariada. Assim, a Grã-bretanha passou a barganhar o reconhecimento da independência brasileira em troca de tratados que impedissem o tráfico e a exploração de pessoas escravizadas (HACKENHAAR, 2018).

Em simultâneo às restrições legais ds escravidão²⁸, se criava um aparato estatal²⁹ de incentivos para o estabelecimento dos europeus migrantes, o que gerou trajetórias extremamente distintas entre os grupos sociais. Um claro exemplo é a Lei de Terras (1850) que limitava o título de propriedade à compra ou concessão. Intensificando, assim, o processo de marginalização dos que faziam uso efetivo da terra, mas que não haviam se instalado nela a partir de doações da coroa ou transação financeira — comunidades indígenas, comunidades negras rurais, e até pequenos produtores nacionais. Lei esta, que não coincidentemente fora promulgada logo após o início da repressão ao tráfico de escravizados.

Dessa forma, pode ser constatado o reflexo das desigualdades perpetradas pelo Estado brasileiro, ao serem comparadas as condições materiais e as relações trabalhistas entre as diferentes populações que atualmente habitam a Serra dos Tapes. Ao se debruçar sobre o tema em *Relações interétnicas e formas de acesso à terra: reciprocidade e dependência entre quilombolas e pomeranos na Serra dos Tapes, Rio Grande do Sul*, Schneider e Menasche (2016) identificam um longo percurso, de redução das áreas cultiváveis por descendentes de quilombos. De forma que estes precisam retirar seu sustento a partir do trabalho em propriedades vizinhas. Se estabelece, assim, uma relação de dependência para com os proprietários de maiores espaços, significativa parte, descendentes de pomeranos. Tanto é que, apesar dos direitos garantidos em lei, as comunidades quilombolas estudadas afirmam não ter perspectiva de passar pelo processo de regularização de suas terras, principalmente pelo temor de represálias das famílias que contratam suas diárias de trabalho na região.

4.3.3 Tapes das colônias

As primeiras experiências de criação de colônias³⁰ se deram próximas à Vila São Francisco de Paula, atual município de Pelotas, mas não obtiveram considerável êxito. Foi somente a partir de meados do século XIX, após o fim da Revolução Farroupilha, que uma

²⁸Lei Eusébio de Queirós (1850), Lei do Ventre Livre (1871), Lei do Sexagenário (1885), e por fim, a Lei Áurea (1888).

²⁹Os incentivos variaram ao longo do espaço-tempo, havendo cortes em meados do século XIX, mas a partir da década de 1870 terras, ferramentas, dinheiro, e produtos para subsistência eram entregues à totalidade dos migrantes (HACKENHAAR, 2018. p. 203).

³⁰O termo colônia se refere às porções de terra doadas ou vendidas entre os séculos XIX e XX para que grupos de europeus não-ibéricos se estabelecessem em determinada região.

nova frente de investimento surgiu na região — através do financiamento de empresários e de apoio governamental. Em 18 de Janeiro de 1858, os sócios José Antônio de Oliveira Guimarães e Jacob Rheingantz fundaram a Colônia de São Lourenço, próximo à localidade da Freguesia do Boqueirão. Para ocupá-la, facilitaram a vinda de imigrantes de origem alemã com grande presença de indivíduos da etnia pomerana, tornando-se assim a primeira colônia pomerana da Serra dos Tapes (SALAMONI; WASKIEVICZ, 2013).

Num geral, os fluxos migratórios mais significativos advieram de regiões que hoje são identificadas como Alemanha, Itália e França. Tanto o é que essas são as etnias que possuem instituições museológicas estabelecidas³¹ (GEHRKE, 2018). No território brasileiro vinha sendo evitado o estabelecimento de migrantes de países que possuíssem suas próprias colônias, enquanto germânicos, italianos e suíços eram melhor vistos. No período do império, devido à ascendência da princesa Leopoldina, houve forte preferência por súditos à casa Habsburgo — da Áustria, do norte da Itália e regiões alemãs (HACKENHAAR, 2018).

O Sacro Império Romano Germânico, em específico, que possuía importantes pontos comerciais na era feudal, vinha testemunhando relativo declínio de sua economia devido ao enfoque marítimo das rotas comerciais capitalistas. Durante a Guerra dos Trinta Anos (1618–1648), disputas religiosas e de cunho constitucional fizeram da região o principal palco bélico, trazendo fortes prejuízos materiais, sem contar as 8 milhões de vidas perdidas — principalmente na Europa central. O apaziguamento do conflito fora selado na Paz de Westphalia, que resultara na fragmentação político-espacial germânica. Consolidou-se, assim, a posição semi-periférica de grande parte dos estados alemães, que viriam a servir de fornecedores agrícolas, aos agora independentes, Países Baixos. Visto que no momento da chegada de seus expatriados, a Alemanha estava em pleno processo de unificação, os imigrantes aqui estabelecidos variam muito em sua nomenclatura. Tendiam a ser registrados com germanos ou prussos, mas muitos foram os originários da Renânia, Pomerânia, Westfália e demais regiões.

Salamoni (2001) sublinha o impacto da unificação alemã e da guerra franco-prussiana para os fluxos populacionais. O que se somava à intensificação da industrialização e da urbanização, promovidos à custa do desmantelamento da estrutura feudal. Como resultado, havia um grande contingente de deserdados e desocupados no país. Até 1875 a origem alemã predominava entre os que se deslocavam para o Rio Grande do Sul.

³¹Museu da Imigração Pomerana, Museu Etnográfico da Colônia Maciel e Museu da Colônia Francesa.

Momento em que os italianos despontam numericamente³² (MANFRÓI, 1999 *apud* GEHRKE, 2018).

Os vênetos e trentinos sofriam de situação semelhante à anteriormente citada, envolvidos nos conflitos dos Habusburgos. Mas também fora impactante a unificação italiana, que em seus embates debilitara a economia. Engrossavam, ainda, o contingente de migrantes, sicilianos e calabreses. Outras questões de gravidade eram o desemprego crônico e o empobrecimento do campo. Inicialmente, as migrações massivas de italianos se davam para outras regiões europeias, mas por volta de 1870 as Américas se tornaram o principal destino (NICOLI *et al.*, 2014).

No presente caso, ainda vale mencionar a colônia francesa na Serra dos Tapes, única do Rio Grande do Sul. Sua excepcionalidade vem confirmar o já dito. Ao contrário de outras regiões, a França manteve uma economia pujante e pressão demográfica baixa, gerando um excedente populacional relativamente menor. Portanto, os que se deslocavam, o faziam de forma espontânea, focados em atividades do terceiro setor — dificilmente estavam inseridos na política oficial de colonização (GEHRKE, 2018).

De acordo com Salamoni e Waskiewicz (2013), rapidamente se reconheceu o êxito da colonização na Serra dos Tapes, pois em menos de cinco anos após a chegada dos imigrantes, já eram produzidos milho, feijão, batata, ovos, leite, entre outros gêneros alimentícios — destinados tanto ao autoconsumo das famílias rurais quanto ao abastecimento do mercado local e regional. Ainda, conforme os autores, os colonos enfrentaram dificuldades para adaptação de suas práticas agrícolas, que vão desde “os condicionantes físicos, representados por um relevo íngreme, coberto por mata densa, até a precariedade da infraestrutura oferecida aos colonos (falta de instrumentos de trabalho e péssimas condições de moradia)” (SALAMONI; WASKIEWICZ, 2013, p. 84).

No âmbito técnico, houve uma conjunção das práticas agrícolas dos diferentes grupos étnicos que moravam na região (GOIS, 2018). Consolidando-se a agricultura de queimada com rotação de terra (WAIBEL, 1979 *apud* GOIS, 2018) e o policultivo (SALAMONI; WASKIEWICZ, 2013). A mão de obra era familiar, e a produção de insumos tendia a ser artesanal. No entanto, mantinha-se certa dinâmica com mercados locais, seja na compra de ferramentas, ou na venda de frutas *in natura* e em doces/compotas confeccionados artesanalmente (LIMA, 2006).

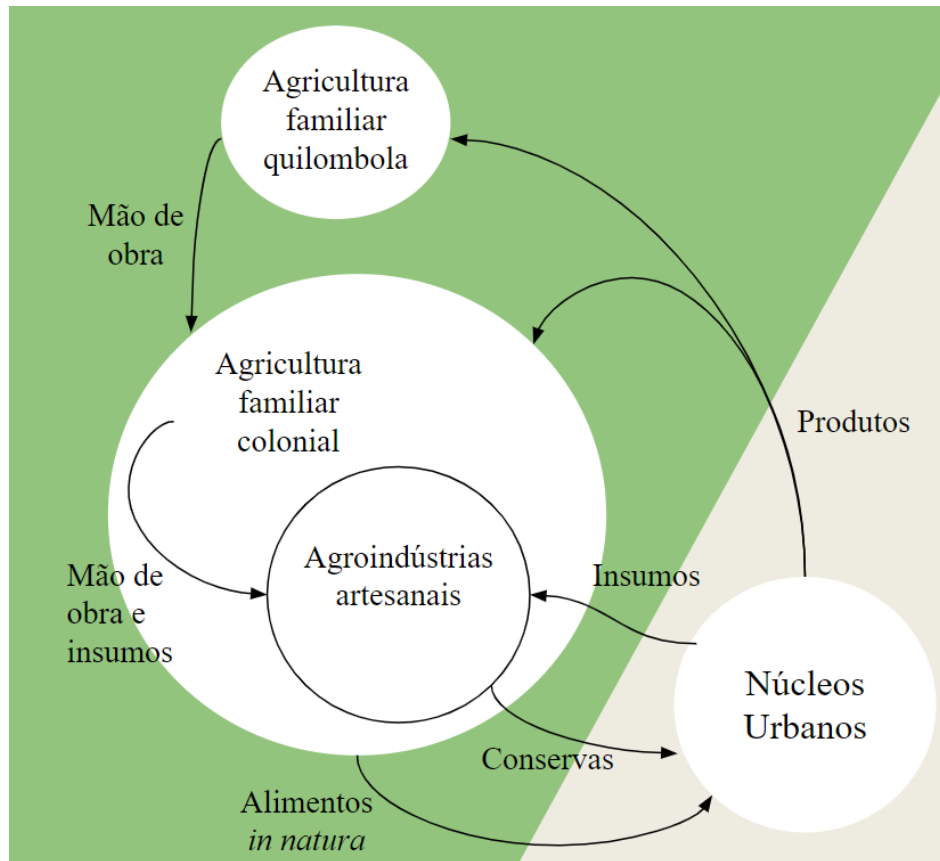
³² As famílias da primeira leva, alemãs, receberam 77 hectares de terra, além de animais para criar. Já as famílias Italianas receberam apenas 24 hectares, e tinham prazo para pagá-los (COTRIM, 2003).

Nos anos seguintes à colonização, começa a se notar uma mudança na paisagem da Serra dos Tapes, pois os habitantes que nela se fixaram imprimiram, neste espaço, condições de adaptação ao meio físico. Com isso, se estabelece um modo particular de vida dos colonos baseado em sua organização social e econômica (SALAMONI; WASKIEVICZ, 2013). Importante lembrar que 1888 marca a abolição formal do regime escravista, o que permitiu maior participação negra na propriedade serrana. Todavia, suas condições de vida se mantinham precárias, visto a já citada falta de apoio mínimo do Estado, além da crescente pressão pelos recursos serranos.

Retrospectivamente, esse período é marcado pela transformação demográfica dos grupos sociais da região. Não só os migrantes europeus passaram a contribuir para a composição fisionômica daqueles que habitavam as serras, como também houve uma explosão populacional em todos os grupos. O que, por sua vez, impactou o meio natural devido à demanda por maior espaço produtivo. No âmbito técnico, houveram certas transformações, mas apesar de os colonos carregarem alguma novidade, as condições de capital e do próprio terreno limitaram muito sua aplicação.

Já com a queda das charqueadas, se estabeleceram os primeiros frigoríficos na região de Pelotas e Rio Grande. Por sua vez, o crescimento dos centros urbanos-industriais demandou uma intensificação da produção colonial. Assim, as famílias de agricultores passaram a utilizar de tração animal em complementaridade às ferramentas manuais, semi-especializando sua produção para o mercado local (NEVES, 2014; SALAMONI, 2001). No mais, também passou-se a cultivar frutíferas como pêssego e figo destinadas às fábricas de doce e conserva da região. Ao se comparar as trajetórias das etnias, no entanto, é possível notar distinções. Tal qual a comum venda informal de mão de obra de descendentes quilombolas para as famílias descendentes coloniais (GOIS, 2018). Portanto, começa a se consolidar um sistema agrário formado por pequenos agricultores familiares (Figura 6) uma transição que se estende até meados do século XX.

Figura 6 – Sistema agrário regional



Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

Tal sistema agrário sofre sua destituição final por volta dos anos 1960, quando a produção de pequena escala se vê desafiada pela diminuição de mão-de-obra rural, enquanto ocorre a substituição por novas técnicas, que usam equipamentos e insumos de origem exógena à propriedade (GOIS, 2018). A implementação desse novo paradigma tecnológico no campo será destrinchado de forma detalhada a partir do tópico 4.4.3.

4.4 FORMAÇÃO DO SISTEMA AGRÁRIO CONTEMPORÂNEO ATRAVÉS DA INTENSIFICAÇÃO DO CAPITAL NA SERRA DOS TAPES

Como aponta Polany (1975 *apud* KOÇAK, 2006) a hegemonia britânica é marcada por um período sem precedentes no seio da civilização ocidental: a paz dos cem anos (1815–1914). Tal momento é caracterizado como Concerto das Nações, em que a Inglaterra foi capaz de impedir a sublevação geopolítica de seus principais rivais, visto que sua superioridade produtiva, comercial, financeira e militar era incomparável. Ainda, o controle do sistema bancário internacional e a proeminência de sua burguesia garantiam a liberalização de mercados globalmente, de forma que atendesse seus interesses. Apogeu este, que perdurou até a grande depressão (1873–1896), a partir da qual Estados Unidos da América e Alemanha atingem capacidades concorrenciais através da industrialização, ainda que comparativamente tardia. Aqui se inicia a transição para uma nova ordem, e seu estabelecimento gerou consequências internacionais. Assunto tratado no presente tópico, que culminará na averiguação das transformações sofridas na Serra dos Tapes, principalmente no que diz respeito ao seu acoplamento às cadeias produtivas transnacionais.

4.4.1 Declínio do *hegemon* Britânico

Ao fim de todo ciclo de acumulação sistêmica do sistema capitalista, um crescente caos no sistema interestatal tende a marcar o declínio do Estado hegemônico, visto que o mesmo já não possui as vantagens econômicas necessárias para estabelecer a ordem unipolar condizente com seus interesses. No correlato, potências rivais se engajam em conflitos e competições hostis visando arrebatá-lo o papel de hegemonia mundial (KOÇAK, 2006).

À época da supremacia britânica, um concorrente surgiu com a unificação alemã. O novo Estado passara a desenvolver um “capitalismo coletivo de larga escala” (TERLOUW, 2003. p.10), em que o sistema bancário estimulava intensivamente companhias organizadas em cartel, e a indústria do aço tinha forte proeminência. Também o investimento em ferrovias, encabeçado pela Prússia, serviam de base para aprimorar “integração política, mobilidade militar e desenvolvimento econômico” (TERLOUW, 2003. p.10). Para além de copiar as inovações inglesas, estas eram aprimoradas (*Ib.*), tornando a Alemanha o principal ator no

coração da Europa, engajado em uma competição de natureza político-militar (KOÇAK, 2006).

Já o outro rival, Estados Unidos da América, mantinha uma postura isolacionista nesse quesito, se concentrando no desafio econômico. Visto que sua produtividade industrial em ascensão era potencializada pelo tamanho continental do país (*Ib.*). E conforme as constatações de autores da linha de pesquisa, é na área produtiva que o *hegemon* começa a perder sua liderança, visto que a disseminação de tecnologia permite que estados próximos ao centro da economia-mundo atinjam um mesmo patamar sem altos custos. Nesse sentido, os países citados estavam ultrapassando a Inglaterra nos ramos da elétrica, da química e dos metais leves por volta da década de 1880.

O trajeto de esfacelamento de uma hegemonia tende a continuar na área comercial. E após a Grande Depressão iniciada em 1873 se testemunhava o crescimento de medidas protecionistas pelos Estados que tivessem condições de arcá-las. Também o comércio multilateral (mediado pela Inglaterra) perdia espaço para as transações bilaterais. No mais, a economia bretã entrara na crise como maior credora e saíra como maior devedora do mundo. Sua dominação financeira, todavia, se manteria até o explodir da Primeira Guerra Mundial, visto que este tende a ser o último âmbito de atrito antes dos Estados chegarem nas vias de fato (*Ib.*).

4.4.4.1 A guerra mundial chega às colônias

No período de maior acirramento da disputa interestatal, compreendido como segunda Guerra Mundial (1937–1945), a política nacionalista de Getúlio Vargas se alinhara à tentativa de suprimir qualquer manifestação identitária que remetesse aos países do eixo — Alemanha, Itália e Japão. Nesse sentido, os imigrantes, principalmente os concentrados em colônias, e que mantinham tradições culturais e/ou contato com seu país de origem sofreram forte repressão. A língua materna fora proibida, havendo destruição de materiais gráficos no idioma. Também associações (de filantropia, educação) relacionadas a tais grupos foram fechadas ou tiveram de trocar de nome para se manterem operantes. Houveram diversos conflitos, com ocasião de incêndio de residências e extravios de objetos pessoais. Pessoas foram presas sob acusação de distribuir propaganda nazista. Os próprios colonos alemães trocaram de nome, tratavam de se desfazer de pertences passíveis de suspeita, e, não raro,

exibiam fotografia do busto de Vargas em sua residência — no intuito de demonstrar patriotismo (GEHRKE, 2018).

4.4.2 Consolidação da Hegemonia Norte-Americana e a importância da Revolução Verde

Como já apontado por Wallerstein (2001) as duas Guerras Mundiais (1914–1945) deveriam ser consideradas como um só conflito de disputa pela hegemonia do sistema-mundo, em que os Estados Unidos saíram como nova potência. Sua superioridade tanto econômica quanto militar (marítima e aérea), bem como a posição geográfica distante lhe garantiria a vitória com o mínimo de impacto na planta produtiva. Portanto, no pós-45 os EUA utilizaram suas vantagens em capital, tecnologia e recursos para modelar a ordem mundial que surgiu dos escombros da anterior. Buscava, assim, consolidar posições decisivas nas esferas econômicas: uma produção com margens satisfatórias, mercados lucrativos para bens manufaturados e a concentração mundial de serviços financeiros. No mais, suas vantagens comparativas em tais terrenos seriam garantidas por meio das instituições nascidas do pós-guerra, principalmente no que diz respeito à modelagem do sistema monetário internacional. Um marco é a conferência de Bretton Woods (1944), que resultou na criação do Banco Mundial, do Fundo Monetário Internacional, e, não menos importante, no estabelecimento do dólar como padrão monetário.

Segundo Koçak (2006), a prioridade norte-americana inicial foi reconstruir a economia-mundo que permitiria a exportação de seus excedentes. Assim, o Plano Marshall (1947)³³ buscava restabelecer as antigas economias centrais e compeli-las a aderir ao multilateralismo, enquanto o dólar seria fortalecido como moeda comum. Ainda, havia a preocupação de manter tais nações fora da zona de influência da única potência capaz de competir com os EUA em alguma instância, a União Soviética.

Grandes proporções desse esforço financeiro custeavam alimentos e insumos produtivos. Partindo disso, também se consolidou o entendimento da produção alimentar como instrumento geopolítico e foram elaboradas as bases institucionais para transferência de recursos produtivos e financeiros que partiam dos EUA (PAULA, 2017). Posteriormente, a exportação de alimentos norte-americanos se estendeu a novos mercados, através do

³³Oficialmente, o Plano de Recuperação Europeu, foi uma iniciativa que englobou 16,5 bilhões de dólares (11 bilhões doados) destinados à restauração de 16 países europeus. As quantias estavam sujeitas à contratação equivalente de empresas norte-americanas, e deveriam ser usadas na compra de produtos, insumos e na execução de obras.

programa *Food for peace*³⁴ e outras iniciativas. Internamente, essa exportação de excedentes visava aliviar os estoques derivados do aumento de produtividade e evitar uma crise de superprodução. Grandes empresas agroindustriais estavam envolvidas nesse movimento³⁵, articulando por meio de incentivo estatal, significativo aprimoramento tecnológico (*Ib.*).

Como consequência dessa abundante oferta no comércio internacional, alguns países importadores puderam focar esforços em sua industrialização³⁶. Enquanto outros, produtores dos mesmo gêneros alimentícios, arcaram negativamente com a baixa internacional dos preços. Nesse ínterim, os hábitos alimentares estadunidenses, baseados no trigo e na proteína animal, se alastraram, gerando um novo padrão global de consumo. Assim, na década de 1970 os Estados Unidos se tornou o principal exportador das *commodities* agrícolas, e países anteriormente autossuficientes³⁷, se tornaram dependentes de tais mercadorias (PAULA, 2017).

O ciclo de expansão até agora abordado, no entanto, viu seus limites, na medida em que as empresas transnacionais sediadas nos EUA passaram a replicar o modelo produtivo da Revolução Verde em conjunto de outros Estados (*Ib.*). A partir daí, novos países se tornam plataformas exportadoras, que passam a disputar o comércio internacional de *commodities*.

É possível classificar a Revolução Verde como uma sequência de transformações na prática da agricultura, que visavam o aumento da produtividade através do controle científico-industrial da natureza. Algumas de suas primeiras inovações são rastreadas aos Estados Unidos no início do século XX, mas após os anos de 1950 elas passaram a ser difundidas em outros locais. Partindo de um ímpeto de modernização do campo, diversos Estados intervieram³⁸, fomentando a replicação indiscriminada do pacote tecnológico³⁹ produzido por empresas transnacionais. Assim, o emergente modelo capitalista ocidental da

³⁴Legislação que possibilitou a contínua exportação agrícola e compôs as ações da *United states Agency for International Development* (USAID).

³⁵A intensificação do uso de insumos e maquinários gerou concentração fundiária e redução de demanda por mão-de-obra agrícola (PAULA, 2017).

³⁶Uma população urbana crescente fornecia trabalho proletário, na medida em que eram abandonados os cultivos tradicionais e um nova dieta se consolidava (PAULA, 2017).

³⁷Principalmente os países do terceiro mundo, incorporaram na base de sua dieta alimentar produtos que não eram produzidos localmente (PAULA, 2017).

³⁸No caso brasileiro, os principais aportes se deram pelo Sistema Nacional de Crédito Rural (1965) e pela Política de Garantia de Preços Mínimos (1966). Também foram importantes as criações da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA) e da Empresa Brasileira de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMBRATER) nos anos 1970.

³⁹Esse pacote corresponde ao uso de insumos químicos, agrotóxicos, variedades de plantas e animais com alto rendimento e, mais recentemente, Organismos Geneticamente Modificados. Esses são administrados via intensiva mecanização, com o auxílio do controle do ambiente (irrigação e estufas, por exemplo) e tende a estar condicionados à produção de larga escala (PEREIRA, 2012).

agricultura gradualmente se consolidou em grande parte do globo, e novas instâncias da vida social se submetiam à lógica do mercado (CARDONA *et al.*, 2016).

A globalização desse modelo de agricultura industrial capital-intensiva foi pivotal na liderança hegemônica norte-americana (MOORE, 2010). A dizer, no passo que a internacionalização das cadeias agrícolas possibilitou a intensificação da produção, foi estabelecida uma dependência de produtores de todo o mundo para com um seletivo número de empresas. Nesse sentido, as cadeias produtivas atravessam fronteiras nacionais e passam a ligar incontáveis sub-setores agrícolas. Tal movimento, sendo moldado pelos interesses do grupo dominante citado (MCMICHAEL, 2004).

4.4.3 Integração dependente: especificidades da Serra dos Tapes

No Brasil, a modernização agrícola foi condicionada pela entrada massiva de capital estrangeiro, disponível a juros baixos no mercado financeiro internacional (PRETTO, 2019). Os governos militares (1964–1985) direcionaram parte de tal quantia às grandes agroindústrias (SEVERO *et al.*, 2020), mas também foram beneficiados os maiores produtores agrícolas⁴⁰. Como resultado, houvera um forte incremento produtivo⁴¹ e a economia se mostrava aquecida, dando alcunha de “milagre econômico brasileiro” ao período (PRETTO, 2019).

Nesse momento, incentivos fiscais e creditícios possibilitaram a indústrias de alimentos em conservas de outras localidades expandirem suas operações para Pelotas. Assim, a região experimentou forte acréscimo na demanda por matéria-prima (notoriamente pêssego e figo) e mão-de-obra.

A indústria passou a orientar o plantio, financiar insumos e equipamentos e, em contrapartida, compromete-se a comprar toda a safra para, em seguida, realizar o processamento industrial do produto. Essa relação de dependência ao capital monopolista, representado pelas grandes empresas, reduziu o produtor à situação de mero fornecedor de matéria prima e comprador de produtos industriais. E, ainda, criou relações diretas de exploração entre empresários industriais e colonos, quando o trabalho excedente na zona rural foi canalizado para a indústria [...] (SALAMONI; WASKIEWICZ, 2013. p. 87).

Importante notar que parcela das indústrias artesanais locais não puderam competir tecnologicamente e foram excluídas do mercado. Tanto é que na década de 1960 haviam 57 unidades fabris, que se reduziram a 29 no decorrer de dez anos (SEVERO *et al.*, 2020).

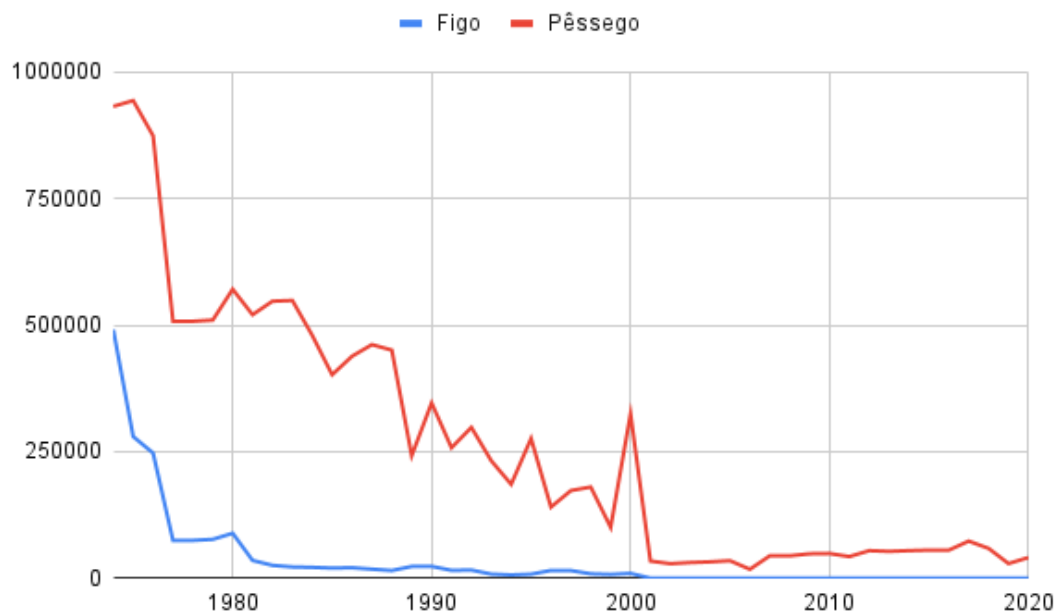
⁴⁰Escalando de 8,25 bilhões de dólares em 1970 para 35 bilhões em 1979 (PRETTO, 2019).

⁴¹A produção agrícola brasileira duplicou entre 1965 e 1980 (PRETTO, 2019).

Todo esse ciclo chega ao fim em 1979, com a brusca elevação da taxa de juros norte-americana, que buscava concentrar capital financeiro para lidar com a estagflação interna. Conseqüentemente, já não havia disponibilidade de crédito para manter o modelo econômico brasileiro e em um curto espaço de tempo, sua dívida externa foi multiplicada por três⁴². No campo, o aumento das dívidas de produtores e cooperativas gerou a quebra dos negócios, e como decorrência se intensificou a concentração da terra. Nas cidades, o cenário foi de crescente desemprego, ficando evidente a questão do êxodo rural (PRETTO, 2019).

Aqui fora inaugurada uma sequência de crises as quais o setor conserveiro da região da Serra dos Tapes vem atravessando, tendo muitas empresas fechado no decorrer dos anos. A produção de pêsego e figo, em concordância, enfrenta franca decadência, como pode ser visto no gráfico 1⁴³.

Gráfico 1 – Evolução da produção (em toneladas) de frutos perenes utilizados na fabricação de conservas nos municípios localizados na Serra dos Tapes ao longo das décadas



Fonte: IBGE (2022a), elaborado pelo autor (2022).

Severo *et al.* (2020) apontam a tendência de os pequenos agricultores migrarem de cultura, enfatizando que “o crescimento no número de explorações dedicadas ao tabaco se fez, *pari passu*, com o declínio do pêsego, sobretudo em Pelotas e nos municípios do extremo sul

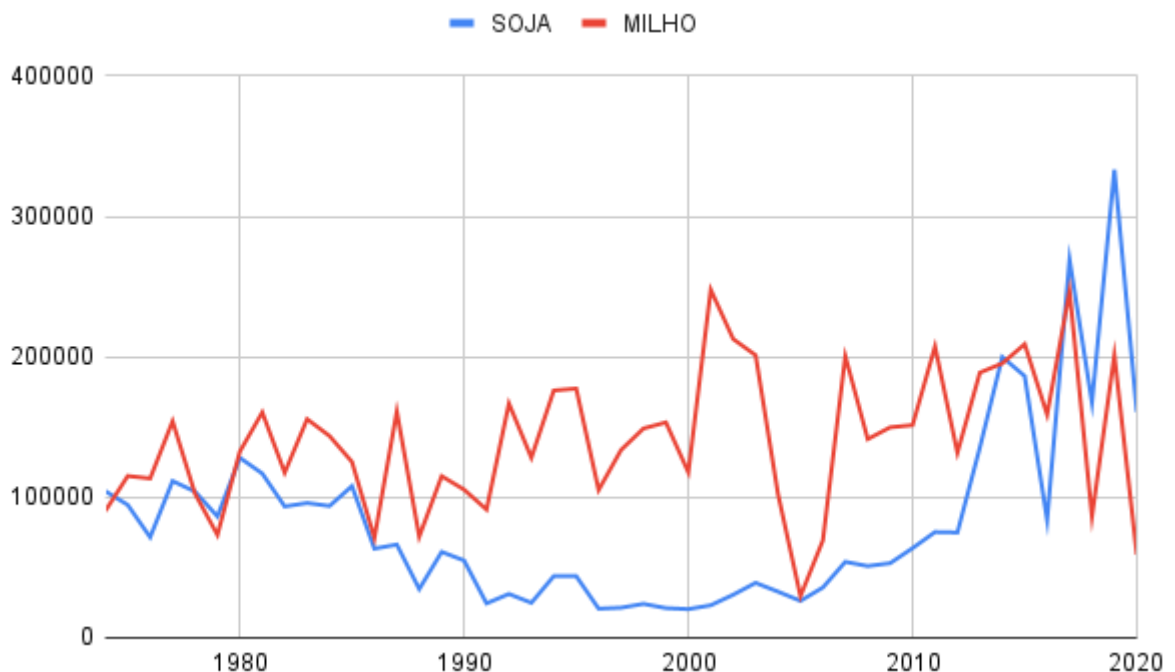
⁴²No ano do golpe (1964), o Brasil possuía US\$ 3 bilhões de dívida externa, no fim da ditadura militar, esta chegara a US\$ 100 bilhões (PRETTO, 2019).

⁴³Foram utilizados os dados da produção total (em toneladas) de Arroio do Padre, Canguçu, Morro Redondo, Pelotas, São Lourenço do Sul e Turuçu.

gaúcho em geral” (SEVERO *et al.*, 2020. p. 140). Esse movimento condiz com o crescente engajamento de atividades agrícolas locais a um circuito comercial protagonizado por agentes globais (PAULA, 2017), o que não deixa de estar articulado ao envelhecimento e esvaziamento demográfico do campo, e a redução da demanda por força de trabalho na agropecuária (SEVERO *et al.*, 2020).

Outro plantio que vem substituindo os alimentos que eram produzidos para serem consumidos regionalmente é a Soja. Todos os municípios⁴⁴ da serra vêm apresentando estrondoso crescimento de área colhida desde 2009⁴⁵, apesar da produtividade variar consideravelmente entre as safras, como testemunhado no próximo gráfico. De acordo, Mantelli *et al.* (2019) pontuam que os últimos quinze anos condizem com a implementação do pacote tecnológico modernizante, que possibilitou o avanço da soja sobre propriedades maiores, que se dedicavam ao milho e à pecuária. Esse processo agrava a tendência de esvaziamento de população jovem e aumento do tamanho médio das propriedades, já que “[a]s áreas utilizadas no cultivo da soja são usualmente repulsoras de mão-de-obra.”(MANTELLI *et al.*, 2019. p.19).

Gráfico 2 – Variação na produção (em toneladas) de grãos *commodities* nos municípios localizados na Serra dos Tapes ao longo das décadas



Fonte: IBGE (2022a), elaborado pelo autor (2022).

⁴⁴Foram utilizados os dados da produção total (em toneladas) de Arroio do Padre, Canguçu, Morro Redondo, Pelotas, São Lourenço do Sul e Turuçu.

⁴⁵Todos municípios, tirando Arroio do Padre, destinam ao menos metade da área de plantio para soja. Os três maiores municípios, Canguçu, Pelotas e São Lourenço do Sul aumentaram por volta de 4 vezes a área plantada entre 2009 e 2020, alcançando mais da metade da área (IBGEa, 2022).

Ao analisar a inserção do Brasil na cadeia de *commodity* da soja, Soendergaard (2018) identificou características de periferação da atividade, a partir da análise de sistema-mundo. Baseado em Wallerstein e Hopkins (1982), o autor avalia até que ponto as dinâmicas de incorporação, concentração do processo produtivo, conversão da força de trabalho e simples reprodução estão presentes no caso brasileiro e a partir de suas conclusões serão apontados os argumentos que estão de acordo com o evidenciado na Serra dos Tapes.

Primeiramente, nota-se que a incorporação da região no eixo global do trabalho se presta à dinâmica da economia-mundo, em sua propensão de expandir o cultivo de grãos para atender a uma longa cadeia, conforme os interesses de países centrais. Tal situação está associada à insustentabilidade do modelo frente à forte dependência da entrada de pesticidas, fungicidas, herbicidas e fertilizantes, além das consequências degenerativas: exaustão do solo e da água e perda de biodiversidade (GEREAU; BORREGO, 2012. *apud* SOENDERGAARD, 2018). Em segundo lugar, é condizente o processo de concentração, tanto na queda de diversidade dos cultivos quanto na eliminação das menores propriedades. O que, por sua vez, impacta na segurança alimentar local (SOENDERGAARD, 2018). Outro ponto é a subjugação da força de trabalho ao capital, como mero recurso, que deve ser explorado ao seu limite. De forma que o trabalhador internaliza em sua saúde impactos negativos da atividade e recebe salários/taxas de lucros que apenas permitem sua reprodução social (SOENDERGAARD, 2018). Por último, na medida em que mais da metade da soja é exportada do Brasil sem ter sido processada, se nota uma simples reprodução de capital. Empresas transnacionais, notoriamente Bunge e Cargill, estão presentes em todos os elos da cadeia, desde a provisão de crédito em forma de sementes até a comercialização, por via de infraestrutura e logística que elas provêem. Tal *status* oligopolístico possibilita que elas impactem de sobremaneira os preços no mercado (ALBANO; DE SÁ. 2011, *apud* SOENDERGAARD, 2018).

Há de se fazer ressalvas nesse último aspecto, já que o instituto de pesquisa EMBRAPA detém um alto grau de desenvolvimento em variedades de soja adaptadas às regiões brasileiras. Todavia, tal tecnologia foi criada em parceria com a Monsanto e essa detém a patente da soja transgênica resistente a agrotóxicos. Aspecto que garante à mesma posição de dominação na cadeia e contínua repatriação de importantes fatias dos lucros.

No mais, destoando da simples reprodução de capital, são notados impactos positivos na economia das regiões que vêm investindo intensivamente no plantio do grão. Conforme

reflexões do artigo (SOENDERGAARD, 2018) e o perfil de uma das cidades estudada⁴⁶, se notam certo espraiamento de capital e acréscimo na disponibilidade de verbas por parte do poder público. No entanto, o desenvolvimento socioeconômico se dá de forma extremamente desigual. A conclusão do autor (SOENDERGAARD, 2018) é que a margem de lucro disponibilizada não é suficiente para incorporar benefícios que compensem as externalidades socioeconômicas e ambientais de tal atividade.

Retomando a evolução histórica da geopolítica internacional, os anos de 1970 marcam o esforço estadunidense pelo restabelecimento de sua hegemonia. A aproximação com a China foi de forte impacto nesse cenário por dois motivos. Por um lado, havia o intuito de suplantando a importância do Japão como *locus* fabril, que crescia a 10% o ano entre 1953 e 1973 (PRETTO, 2019). Por outro, buscava-se desequilibrar a influência soviética no oriente distante e na esfera comunista.

No âmbito financeiro, o desmonte do sistema de Bretton Woods retirou a obrigação da paridade ouro, e a elevação drástica das taxas de juros anuais dos EUA colocou os países credores em grave crise. Em adição, a capacidade fiscal dos governos nacionais, num geral, foi fortemente abalada pelos dois choques do petróleo da década de 1970. Assim, o *hegemon* se restabeleceu em um sistema financeiro desregulamentado, em ostensivo processo de globalização — graças às novas tecnologias de processamento e transmissão de dados. A esses fatos decorreu uma onda de políticas de austeridade, enquanto o neoliberalismo se consolidava como ideologia no ocidente, em oposição ao *welfare state* (PRETTO, 2019).

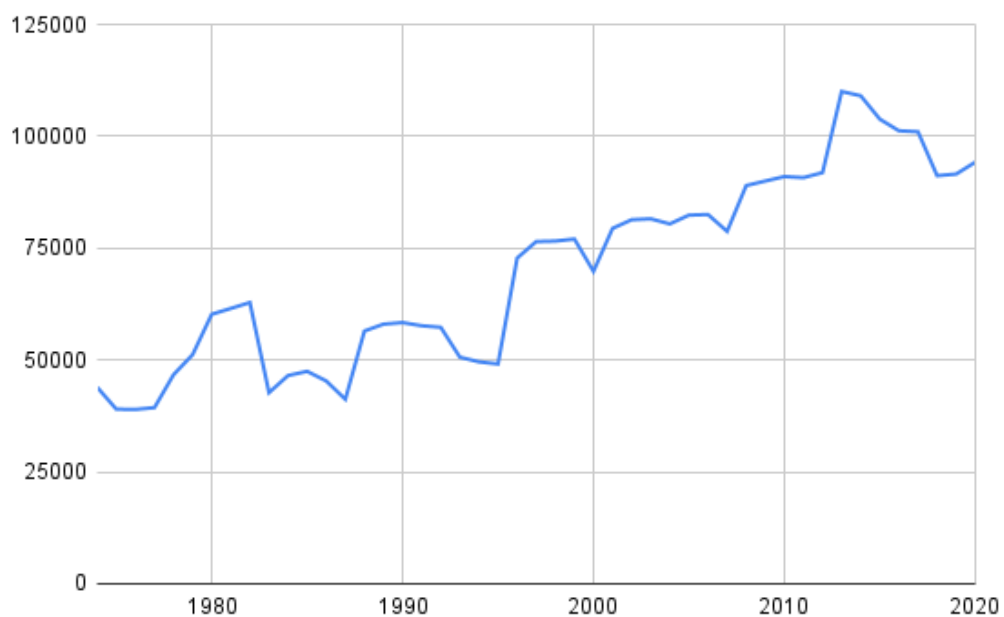
A compreensão de tal cenário se faz especialmente vital no estudo dos fatores que condicionaram as transformações recentes da cadeia leiteira. Internacionalmente, a União Europeia optou por mudanças na política agrícola que levaram à expansão de empresas lácteas para fora da Europa, enquanto houveram diversas fusões do setor em seu território⁴⁷. Já no Brasil, em 1990, o governo Collor decretou o fim do tabelamento de preços, que vigorava desde 1946 e implementou a redução de custos de programas sociais federais de fornecimento de leite a populações de baixa renda (*Ib.*). Essa década também é marcada pela abertura do mercado nacional, que até então era formado por pequenos e médio produtores pouco especializados no ramo (SOUZA *et al.*, 2011).

⁴⁶Bandeira *et al* (2019) trata das contradições de tal processo em *As transformações na relação campo-cidade no município de Canguçu/RS*.

⁴⁷Em meio à ofensiva neoliberal, as políticas de incentivos à produção leiteira do pós-guerra foram reduzidas. Em 1984 foram criadas cotas para a produção de leite, que limitavam o crescimento de empresas lácteas em seu território, restando a essas fundirem-se e/ou se internacionalizarem (PRETTO, 2019).

Outro fator de importância na década de 1990 foi a popularização dos leites longa vida, de ultrapasteurização (UHT). Ancorados na ofensiva de mercado protagonizada pela francesa Parmalat, que em uma década foi capaz de se estabelecer com mais da metade do mercado e transformar definitivamente o padrão de consumo da população (PRETTO, 2019). Como consequência, os produtores que não se adaptaram à nova realidade foram excluídos do mercado. O campo brasileiro sofreu diminuição do número de produtores de leite, em paralelo ao aumento da produção total, um processo de concentração, portanto.

Gráfico 3 – Crescimento da produção (mil litros) de leite nos municípios localizados na Serra dos Tapes ao longo das décadas



Fonte: IBGE (2022a), elaborado pelo autor (2022).

Conforme comparação entre os censos de 2006 e 2017, a região Sul foi a que apresentou maior abandono da comercialização do produto. Cabe se atentar ao papel das cooperativas de produtores de leite, que por certo tempo conseguiram se manter competitivas e reservar importante fatia do mercado⁴⁸ (*Ib.*). Segundo o autor, no entanto, tais cooperativas “remavam contra a maré” (PRETTO, 2019. p.124) e dificilmente resistiram às tendências de liberalização e concentração. Desde 2015 há um cenário de diminuição e até liquidação de tais empresas. Sendo a COOPAR⁴⁹, sediada em São Lourenço do Sul, a única das cooperativas da

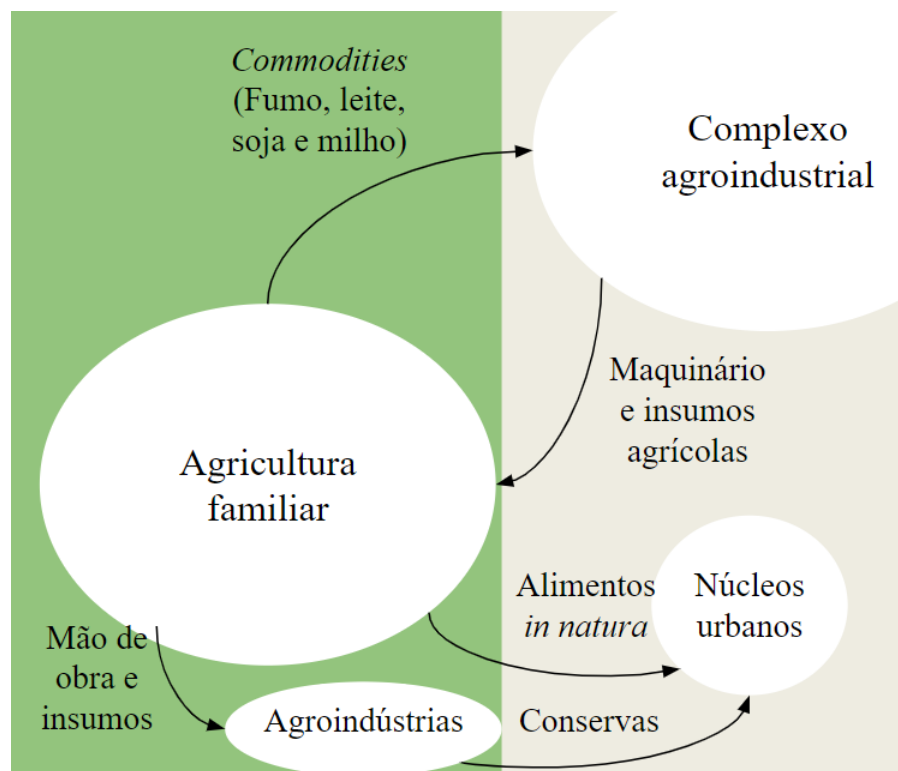
⁴⁸Entre os anos de 2006 e 2018, as 13 maiores cooperativas do ramo foram responsáveis por 38,42 % do leite industrializado e 26,46% do leite produzido no país (PRETTO, 2019).

⁴⁹A Cooperativa Mista dos Pequenos Agricultores da Região Sul Ltda. é constituída por mais de 5000 associados. Fundada em 1992 com o auxílio da CAPA (Centro de Apoio e Promoção da Agroecologia), recebe cerca de 200 mil litros de leite/dia e processa parte deste. Assim, comercializa 20 produtos derivados do leite através da marca Pomerano. Também seca e armazena grãos, com capacidade de 21,9 mil toneladas (COOPAR, 2022).

região sul que mantém indústria própria e alguma perspectiva financeira positiva (*Ib.*). Quantitativamente, a Serra dos Tapes vem apresentando uma crescente na sua produção, puxada por São Lourenço do Sul⁵⁰, que se estabelece como uma importante bacia leiteira no Estado, como visto no gráfico 3⁵¹. Quanto a outros produtos de origem animal, ovos de galinha apresentam queda produtiva, e mel de abelha apresenta crescimento brusco em Canguçu e Pelotas (IBGE, 2022b).

Segundo Gois (2018), a atualidade corresponde a uma profunda interligação entre a agricultura familiar e os complexos agroindustriais, de sobremaneira o leiteiro, o fumageiro e, até certo ponto, o de doces e conservas. Nesse sentido, as indústrias orientam o plantio, financiando insumos e equipamentos, e exigem em contrapartida a totalidade da safra. De forma que as famílias perdem autonomia no gerenciamento das Unidades Produtivas, estando incorporadas aos interesses de um sistema agroindustrial transnacional. No mais, se observa crescente produção de grãos, comercializados no mercado internacional como *commodities*. Uma representação gráfica dos elementos e fluxos considerados principais na Figura 7:

Figura 7 – Sistema agrário local integrado ao complexo agroindustrial transnacional



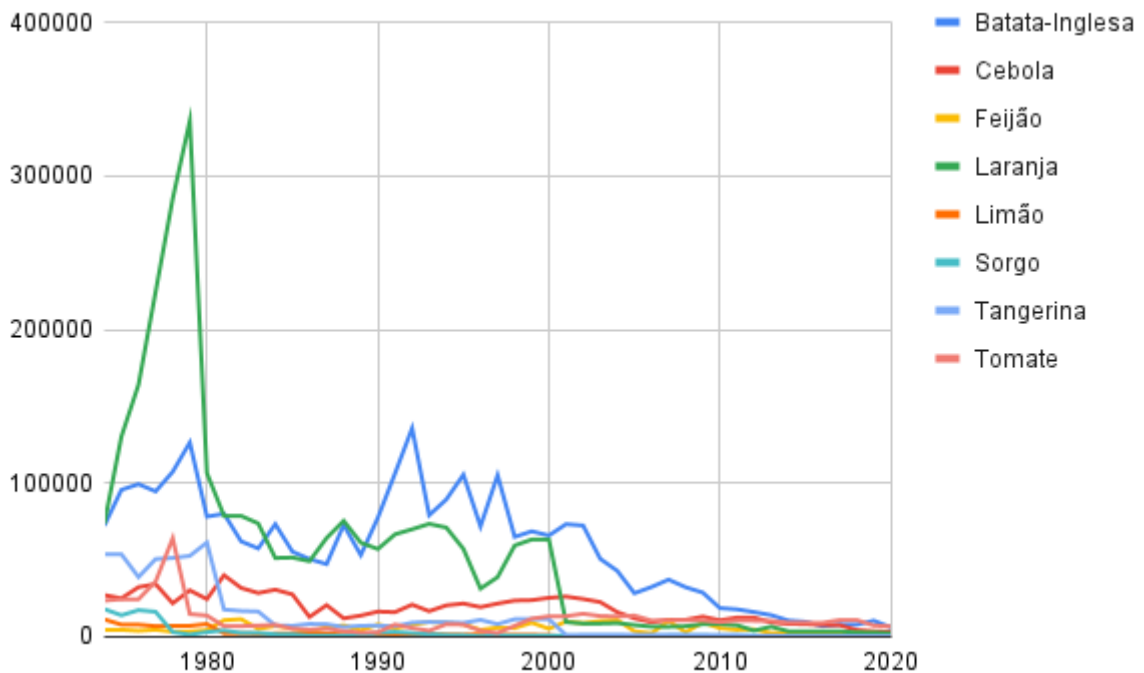
Fonte: Elaborado pelo autor (2022).

⁵⁰A produção do município cresceu cerca de cinco vezes em cinco décadas, mas apresenta tendência de retração desde 2015 (IBGE,2022b).

⁵¹Foram utilizados os dados da produção total (em toneladas) de Arroio do Padre, Canguçu, Morro Redondo, Pelotas, São Lourenço do Sul e Turuçu.

A longo prazo, a tendência vigente tem sido de diminuição na variedade de culturas e aumento na produção de insumos para complexos transnacionais. Para que haja relativa noção das transformações ocorridas no campo, a seguir, se faz a disposição gráfica das produções contabilizadas⁵² com maior proeminência desde 1974 nos municípios⁵³ que compõem a área de pesquisa:

Gráfico 4 – Evolução da produção de alimentos (em toneladas) nos municípios localizados na Serra dos Tapes ao longo das décadas



Fonte: IBGE (2022a), elaborado pelo autor (2022).

A partir daqui já é possível notar que, apesar de se expressar na homogeneização da paisagem e das relações do campo, são diferentes os resultados da interação entre o sistema-mundo e cada território a ele integrado. Ao que se pode comparar quando se retoma o pensamento sistêmico. Os sistemas complexos possuem capacidade de reagir, conforme as características internas, aos estímulos do ecossistema. Fazendo uma diálogo com as redes que compõem as cadeias de *commodities*, pode-se concluir que as relações de um componente com os demais é o que define seu espaço em determinada hierarquia. A dizer, as redes de relações entre componentes é o que constitui um sistema complexo, rede essa que não é plana, horizontal. Em outras palavras, as interações entre diferentes sistemas constitui um sistema

⁵²Salientando que o território de parte destes municípios não se encontra na serra, portanto tais dados não são absolutos. Também optou-se por retirar a produção de arroz, feita em plena maioria nas planícies alagadiças de Pelotas, São Lourenço do Sul e Turuçu.

⁵³Foram utilizados os dados da produção total (em toneladas) de Arroio do Padre, Canguçu, Morro Redondo, Pelotas, São Lourenço do Sul e Turuçu.

superior. Seus elementos se organizam hierarquicamente em relação, uns aos outros, e são propriamente essas relações que designam suas posições no ecossistema.

O que se vê, é que o sistema agrário contemporâneo na Serra dos Tapes surge da interação de seus aspectos específicos, em dinâmica, e alocados na trama do sistema-mundo. Assim sendo, as mais recentes mudanças globais da agropecuária vieram a impactar em seu espaço, porém, estando limitadas às suas condições e respostas. Argumenta-se que as características topográficas (relevo íngreme e/ou irregular) se mostraram pouco atraentes para o investimento intensivo em capital, para mecanização e implementação de monocultivo. Além da sua litologia (solo raso e pedregoso), demandante de amplas inversões em corretivos. E que ao longo do tempo, como abordado, sua estrutura agrária foi compelida a manter-se fragmentada.

Alguns municípios, por razões histórico-políticas, embora situados no sul do Rio Grande do Sul, região de predomínio dos latifúndios destinados à pecuária, ao cultivo do arroz e atualmente ao cultivo do eucalipto, contradizem o processo homogeneizante, pois as áreas localizadas fundamentalmente na Serra do Sudeste tiveram seu processo histórico de formação alicerçado na pequena propriedade familiar (DUTRA, 2010, p. 14)

Não que a região passara ileso às consequências do novo estágio da economia-mundo. É notória a gravidade do êxodo rural e a lacuna entre agricultores que capitalizaram suas produções, daqueles que não puderam/quiseram. O argumento é que as condições citadas privilegiaram o encaixe das Unidades de Produção Agrícola em cadeias produtivas intensivas em trabalho e que não demandem amplos espaços. Não por coincidência, culturas permanentes (frutas) tiveram um importante papel, e a criação de gado leiteiro mantém posição de destaque. Todavia, o próximo tópico busca se concentrar na emergência do cultivo do fumo, tendo em mente que sua estrutura se mostra especialmente proveitosa para o entendimento da participação da Serra dos Tapes na economia-mundo contemporânea.

4.4.3.1 Desigualdade na cadeia fumageira

Dois aspectos são vitais para entender a estrutura da cadeia mundial do tabaco. O primeiro é a concentração de seu controle. Seis corporações transnacionais sediadas no centro da economia-mundo são responsáveis por cerca de metade do mercado, e a venda anual dessas empresas supera o Produto Interno Bruto de qualquer país (FREY, 2013). As três maiores estão presentes em praticamente todos os países e há cerca de 60 anos vem

direcionando sua produção e venda para países periféricos. O que leva à outra questão. Produtos, processos produtivos e rejeitos de alta periculosidade⁵⁴ tendem a ser transferidos para a periferia do sistema-mundo através de corporações transnacionais (*Ib.*).

O cultivo de fumo demanda altas quantias de pesticidas, extremamente danosos aos produtores que os utilizam e entram em contato direto, mas também de forte impacto no ecossistema natural. A contaminação do solo, da água e do ar gera efeitos cascata que prejudicam a fauna e a flora, e no longo prazo geram espécies transmissoras de doenças resistentes aos venenos. Ainda, a alta demanda por madeira queimada nas estufas de secagem da folha acentua o desflorestamento (*Ib.*). Socialmente, sua produção está atrelada ao trabalho infantil e análogo à escravidão. Já o crescimento da área utilizada tende a substituir o cultivo de gêneros agrícolas, o que impacta na oferta de comida às populações mais vulneráveis (*Ib.*).

O direcionamento das transnacionais do ramo para as bordas do sistema-mundo está ligado ao baixo custo produtivo e ao escasso impacto das articulações da sociedade civil nesta região. Tanto é, que a maioria do tabaco produzido na periferia do capitalismo está condicionado a subsidiárias dessas grandes corporações (OTANEZ, 2008, *apud* FREY, 2013). Ainda que a maior fatia de sua produção advenha de pequenos produtores (SHAFEY *et al.*, 2009 *apud* FREY, 2013), como veremos a seguir, as transnacionais são responsáveis pela captação de empréstimos necessários, pelo fornecimento de sementes e demais insumos, pelo controle do plantio e pela compra do produto (OTANEZ, 2008, *apud* FREY, 2013).

Esse cenário, no entanto, só é possível devido ao apoio de capital despendido por organizações internacionais como o Banco Mundial, a *Food and Agricultural Organization* da ONU, e agências de países centrais. O que vai de acordo com o interesse de países periféricos por uma cultura que tem baixa flutuação no mercado internacional e um bom retorno econômico — relativamente maior do que dos alimentos. Tais atores trabalham em conjunto para criar uma estrutura de incentivos fiscais e auxílio técnico por meio de programas de extensão (SHAFEY *et al.*, 2009 *apud* FREY, 2013). Como resultado, o tabaco tem se estabelecido como a semente não-alimentícia mais cultivada no mundo (FREY, 2013).

⁵⁴O uso de agrotóxicos na fumicultura está ligado à intoxicação crônica e o agravamento nos índices de câncer, má formação congênita e distúrbios neurológicos. Também a jornada de trabalho exaustiva e o endividamento para com as empresas fumageiras impactam na qualidade de vida dos agricultores (MURAKAMI *et al.*, 2017). Esse quadro se relaciona no contexto de São Lourenço do Sul e Canguçu, que possuem índices de suicídio cerca de três vezes maior que a média nacional (CEVS, 2021).

4.4.3.2 O fumo na agricultura familiar da região

O Brasil se insere no panorama exposto como o maior exportador de fumo do mundo desde 1993. Como produtor, vêm revezando entre o segundo e o terceiro lugar com a Índia, enquanto a China é líder incontestável desde os anos 1980 (SINDITABACO, 2021). À primeira vista, o tabaco parece deveras lucrativo ao estado brasileiro. Na última década, os impostos sobre o produto têm estado na casa dos 60%, gerando mais de 14 bilhões em tributos no ano de 2020 (AFUBRA, 2022). No entanto, diversos estudos apontam que os prejuízos diretos e indiretos dessa cadeia excedem qualquer benefício (FREY, 2013). Estima-se que o custo anual do tabagismo para a sociedade brasileira gire em torno de R\$ 125,15 bilhões (SUDRÉ, 2021). Um problema, que pode ser mitigado com o aumento de impostos sobre o produto, visto que tal medida tem mostrado resultado na diminuição de seu consumo ⁵⁵.

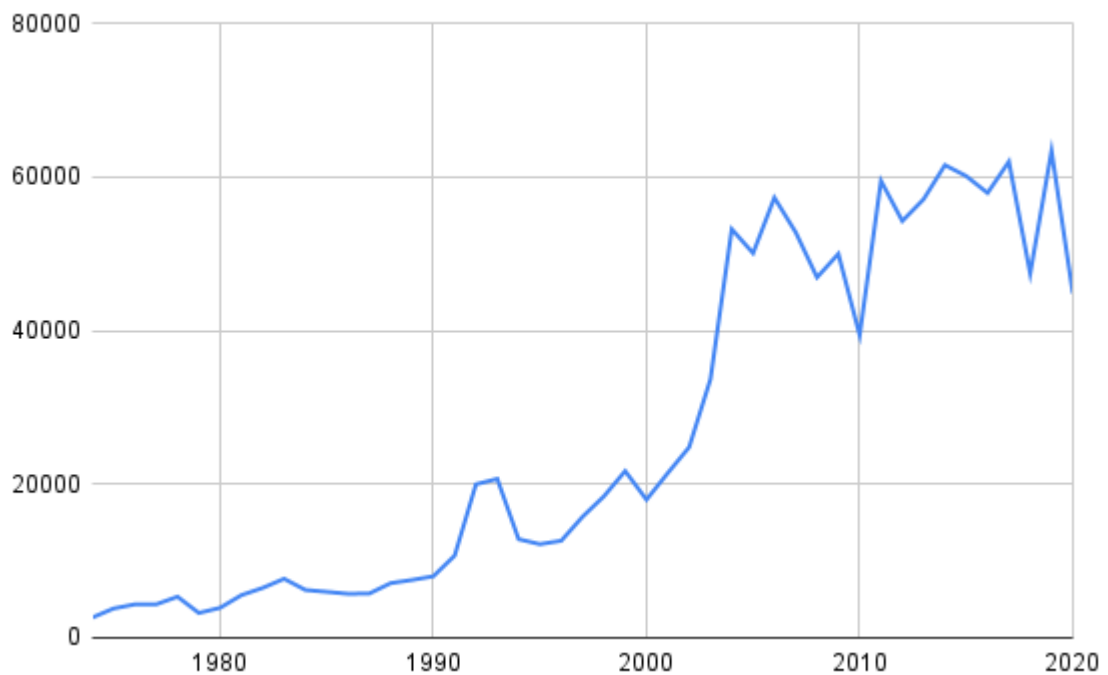
Entretanto, esse não é o interesse de corporações transnacionais do ramo. Pelo contrário, essas se articulam por meio de lobbies para barrar qualquer avanço regulatório. É o caso da *British American Tobacco* (BAT), da Philip Morris e da *Japan Tobacco International* (JTI), que possuem representantes no Sindicato Interestadual da Indústria do Tabaco (SindiTabaco), que vem a facilitar suas ligações com agentes do Executivo, do Legislativo e do Judiciário. Um grande esforço do momento é colher o maior benefício possível com a aprovação da Reforma Tributária (MATHIAS, 2022b). De forma concatenada, existem provas da atuação dos deputados Marcelo Moraes (PTB-RS) e Onyx Lorenzoni (PL-RS) na extinção da CONICQ (Comissão Nacional para Implementação da Convenção-Quadro para o Controle do Tabaco), colegiado antitabaco criado a partir de ratificação de tratado internacional (MATHIAS, 2022a).

As reflexões ensejadas podem ser testemunhadas no local da pesquisa. Leva-se em conta que a Serra dos Tapes é destaque fumageiro nacional: Canguçu é o principal produtor do país há quatro anos, enquanto São Lourenço do Sul vem ocupando a terceira posição (MALISZEWSKI, 2021). Na região, esta cultura passou a ocupar espaço por volta de 1960, em substituição aos gêneros agrícolas tradicionais, que apresentavam dificuldades no escoamento (AGOSTINELLO *et al.*, 2000 *apud* SCHNEIDER; MENASCHE. 2016). Com o tempo, a estrutura agrária da região se mostrou extremamente compatível às necessidades do tabaco. Suas plantações exigem pequenas extensões de terra. Além do mais, há demandada

⁵⁵Entre 1985 e 2018 a porcentagem de fumantes entre a população adulta caiu de 35% para 9,3%, sendo que metade dessa redução é consequente da política tributária (SODRÉ, 2021).

por uma intensa disponibilidade de mão-de-obra em determinados períodos (plantio, colheita, classificação e estoque), quando as famílias dos produtores contribuem para o processo sem necessidade de remuneração (BIOLCHI; BONATO; OLIVEIRA, 2003 *apud* SCHNEIDER; MENASCHE, 2016). Essas condições são atrativas para transnacionais se relacionarem com os agricultores através do sistema integrado de produção, que está fortemente estabelecido nos municípios⁵⁶ da região, como se vê no Gráfico 5:

Gráfico 5 – Evolução da produção de fumo em folha (em toneladas) nos municípios localizados na Serra dos Tapes ao longo das décadas



Fonte: IBGE (2022a), elaborado pelo autor (2022).

As empresas que atuam no Rio Grande do Sul são a *Philip Morris International*, *Universal Leaf Tobacco Inc* e a *Alliance One International*, sediadas nos EUA, assim como a *Kanemborg Barker, Hail & C*, adquirida pela *Japan Tobacco International (JTI)* em 2009, além da *China Brasil Tabacos Exportadora S.A.*. Mais significativo, para a região estudada, é a *British American Tobacco Company (BAT)*. Já que o principal destino do fumo produzido na região da Serra dos Tapes é Santa Cruz do Sul/RS, para que seja processado pela *Souza Cruz S.A.*⁵⁷ (DUTRA, 2015).

Para além do monopólio econômico e da força política dessas corporações, a produção do tabaco tende a estar inserida em uma dinâmica especialmente restritiva para o

⁵⁶Foram utilizados os dados da produção total (em toneladas) de Arroio do Padre, Canguçu, Morro Redondo, Pelotas, São Lourenço do Sul e Turuçu.

⁵⁷Empresa essa que se estabeleceu na cidade em 1920, a partir do subsídio anglo-americano do grupo BAT.

agricultor. Desde a inserção de um empreendimento familiar no ramo fumageiro é necessário grande investimento em estrutura e maquinário. Os insumos para as safras, também, mobilizam altas quantias de capital. Aqui entra todo um aparato de incentivo com empréstimos, e principalmente, contratos de integração vertical. As empresas fornecem as bases produtivas mediante a garantia de que o resultado final será destinado integralmente à elas. Essas corporações estabelecem os métodos de plantio e gestão da terra, que combinam sementes transgênicas, adubos artificiais e defensivos agrícolas. Portanto, cabe ao produtor pouca liberdade de escolha e administração do próprio negócio.

Esse modelo é extremamente lucrativo para as transnacionais, já que não arcam com os riscos da colheita, nem se responsabilizam pela terra ou a mão-de-obra — e questões trabalhistas atreladas. Tais problemáticas recaem sobre o pequeno produtor que se submete a insalubres e extensas jornadas de trabalho, principalmente na etapa da secagem da folha. Por fim, o resultado é entregue à empresa contratante, que estabelecerá o preço de compra, conforme seu tabelamento de classificação. Os gastos com insumos e assistência técnica que haviam sido “cedidos” são descontados do montante repassado ao produtor (DUTRA, 2015).

4.5 SISTEMAS EM DISPUTA, UM BALANÇO DO PRESENTE

Um esforço que vem direcionando o presente texto é o de demonstrar a relevância de Wallerstein ao apresentar o ritmo cíclico e as tendências seculares do capitalismo na economia-mundo. O que nos traz ao momento atual, de analisar as possibilidades de impactar os rumos da história. Aqui, se faz um breve aporte sobre as crises vivenciadas pela hegemonia do centro, a superação da atual configuração e as perspectivas de inserção da Serra dos Tapes em tal movimento.

A partir de Wallerstein, Pennaforte (2020) aponta marcas na fratura do poder norteamericano. Inicia citando a derrota no Vietnã, que colocaria em xeque seu poderio militar. Destrincha sobre o impacto das rebeliões de 68, em sua crítica à dicotomia da guerra-fria. Fala da importância da dissolução do bloco soviético em 1989 para minar o controle ideológico ocidental, e termina citando os ataques do 11 de setembro, que colocou minou a segurança do território estadunidense. Ainda, a resposta unilateral e desproporcional a esse último evento acabaria por corroer a percepção internacional de que os EUA seriam agentes de salvaguarda de certos valores universais.

Pelo viés econômico, se percebe a crescente dificuldade em manter as margens de lucro na produção dos países centrais. Como resposta, os agentes capitalistas transferem as bases produtivas para locais com menor custo, aliando a esse movimento a perspectiva de ampliar seus mercados para as margens do capitalismo. A contradição do processo está no fato de que nações semi-periféricas também podem se beneficiar do investimento de capital e, no longo prazo, se tornarem concorrentes páreos à hegemonia (NOGUEIRA, 2008).

Atualmente, pode se citar a China como país “que caminha a passos largos na intenção de ocupar uma posição central na economia-mundo” (*Ib.* p.11) na medida em que integra à produção global a partir de sua grande escala, calcada em uma postura nacionalista. Wallerstein (2017), no entanto, não vislumbrava capacidade chinesa para manter vantagens competitivas, principalmente pelas limitações do mercado interno e da disponibilidade de financiamento. Ainda que o autor não descarte a possibilidade do sistema capitalista sofrer, tal qual anteriormente, uma transferência de centro para outro *hegemon* (que poderia ser a China, em duas ou três décadas).

Fato é que a perspectiva de um novo ciclo hegemônico se dá em meio a um sistema internacional de multipolaridade assimétrica e instável (MORAIS SILVA *et al.*, 2020 *apud* SILVA, 2022). Com os EUA buscando perpetuar sua posição de centralidade no

sistema-mundo, enquanto outros Estados, notoriamente China e Rússia, direcionam esforços para suplantar e substituí-lo. Segundo Silva (2022, p. 200)

[e]sta competição combina, essencialmente, duas disputas que se relacionam dialeticamente: a disputa econômica, por recursos energéticos e o controle sobre tecnologias da informação, e a disputa político-militar, por zonas de influência e projeção geopolítica.

Como consequência, se nota uma maior ingerência em regiões periféricas do globo. No caso da América do Sul, a primeira década do século XXI corresponde ao crescimento da presença sino-russa, e em resposta se desenrola uma ofensiva neointervencionista por parte dos Estados Unidos da América. Recentemente, o apoio a governos neoconservadores e neoliberais pró-EUA geram na região um clima de instabilidade política severa — levando em conta que tais atores incorporam em sua estratégia de tomada de poder táticas como golpes de Estado jurídico-parlamentares e intensificação do *lawfare* (SILVA, 2022). Nesse contexto de incertezas, a autora opina que é essencial a retomada de arranjos político-institucionais em que os países sul-americanos possam se articular e assumir protagonismo na política internacional.

4.5.1 Antissistemas na Serra dos Tapes

Para além da transferência de um novo ciclo hegemônico, Wallerstein (2017) vê maior interesse em pensar e agir na direção de um sistema nunca antes visto, mais igualitário e democrático. De acordo, o próximo trecho busca mapear e discutir as localizadas na Serra dos Tapes que possuem o intuito de impactar seu meio nesse sentido. Referenciando o caráter popular dos movimentos sociais que buscam superar a escassez artificial e a desigualdade de classes estruturantes do atual sistema econômico (ROJAS, 2013), pode-se analisar a área rural como campo privilegiado de disputa. Portanto, as trajetórias de determinados atores e grupos que hoje interagem com a Serra dos Tapes é repleta de exemplos profícuos.

O panorama anteriormente citado, de intensificação da exploração dos pequenos produtores familiares por parte de fumageiras transnacionais, vem gerando respostas da população da região. Um número considerável de agricultores se engaja em modos de cultivo alternativos, e a agroecologia se consolida como alternativa viável. Pode ser trazida à baila a Associação Regional dos Produtores Agroecológicos da Região Sul (Arpa-Sul), constituída por cerca de trinta famílias, incentivadoras da transição produtiva. Há também a Cooperativa Sul Ecológica, que congrega mais de duzentos cooperados (PINHEIRO *et al.*, 2018).

Medeiros (2011) também aponta a capacidade da consolidação de cadeias curtas de comercialização, tanto as feiras livres quanto os mercados institucionais, de prover maior autonomia aos participantes. Através desses mecanismos é possível inserir produtos ecológicos em um nicho de mercado crescente. O autor ainda relembra as iniciativas de industrialização de produtos agroecológicos, que vêm sendo empreendidas por famílias do meio rural. É levada em conta a potência das agroindústrias de pequeno porte em agregar valor ao produto e gerar independência de comerciantes atravessadores. De quebra, é estimulada a preservação da identidade das populações rurais, nos seus hábitos de convivência e no saber-fazer tradicional. Além de viabilizar sua reprodução social.

No entanto, podem ser questionadas as limitações e contradições de tais iniciativas. Principalmente quando analisadas quantitativamente as tendências de ampliação da demanda por alimentos ligados à cadeia agroindustrial⁵⁸, num geral, e a concentração de terras e limitação dos cultivos, em específico (IBGEa, 2022). Oliveira (2018, p.287) aponta que, apesar de o atual regime alimentar ser baseado por cadeias globais de *commodities*, há em paralelo, a formação de uma diferenciação por consumo no núcleo da economia capitalista. Nesse nicho, corporações transnacionais vêm incorporando discursos que carregam críticas sociais e ambientalistas em vias de inaugurar uma nova rodada de acumulação de capital.

Os pequenos produtores familiares se inserem no mercado externo, portanto, de duas formas diferentes. A primeira, através de cooperativas agroindustriais ou contratos com grandes empresas, cujos exemplos estiveram ao longo do presente texto. Mas também surge outra modalidade, em que ONGs, igrejas, redes de distribuição, órgãos de governo, etc. capacitam os produtores para atender à demanda dos padrões sócio-ambientais do centro do sistema-mundo.

Assim, mesmo as iniciativas agroecológicas, com seu aparato de resistência à corporificação da agricultura e suas relações, sendo menos agressivo social e ambientalmente, também estão submetidas a um regime alimentar e, graças aos atores que controlam a comercialização deste nicho, inserem-se num regime particular de extração de valor e acumulação (OLIVEIRA, 2018. p. 287)

Ao que o autor conclui que, nem mesmo as mudanças de métodos produtivos que buscam independência de mercados e insumos estrangeiros podem reclamar-se inteiramente antissistêmicas. Tendo em vista que a superexploração do trabalho semiproletário das pequenas propriedades se mantém, e qualquer choque e flutuação no mercado precisará ser absorvido por esses empreendimentos familiares (OLIVEIRA, 2018).

⁵⁸Na última década foi registrada queda no consumo de alimentos *in natura*, principalmente arroz e feijão, enquanto cresce a demanda por alimentos ultraprocessados, tendência que se acentua entre os mais pobres. Ingredientes culinários processados, alimentos processados e alimentos ultraprocessados já compõem mais da metade da alimentação do brasileiro (IBGE, 2011; 2019)

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O texto lido faz parte de dois movimentos, que dizem respeito à trajetória do autor, de tentar entender sua inserção em um contexto subjetivo, e de forma concatenada, repensar sobre sua própria percepção do que é esse contexto. Nesse sentido, foram elencadas duas correntes teóricas, ou melhor dizendo, um paradigma científico e um movimento do saber com potencialidade de dialogar entre si e se complementar no empreendimento. Ao longo do processo foi possível identificar vários pontos de congruência entre as reflexões empreendidas pela abordagem sistêmica e a bibliografia amparada na noção de sistema-mundo.

Assim, foi possível engendrar uma nova percepção, de que as mudanças dos sistemas agrários foram fortemente impactadas pela dinâmica da economia-mundo. Mas que, por outro lado, os seus componentes estavam constantemente se reordenando e autororganizando no intuito de responder ao estímulo externo. Ou seja, não como um sistema passivo, mas sim, um sistema aberto, com capacidade de se perpetuar ao limitar a influência de seu meio.

De início, se percebe a especificidade do ecossistema da Serra dos Tapes, facilitadora do estabelecimento dos grupos Guaranis. Estes imprimem uma relação mútua com o meio, tendo contribuído para sua própria constituição. Nesse sentido, seriam profícuos estudos sobre o impacto desse primeiro sistema agrário na constituição da fauna e flora regional. Um interessante ponto é a dinâmica impressa, visto que a serra assumia centralidade na organização social, enquanto o assentamento do litoral era secundário.

Dinâmica que se inverterá através da colonização, quando a planície se torna o coração da região. A própria produção, submete-se a fluxos externos, e sua principal vocação se torna o escoamento de uma mercadoria em específico (charque). Passa, portanto, a integrar uma cadeia comercial que atende de sobremaneira a objetivos externos. Também a mão-de-obra utilizada, é reificada e subordinada a um regime que visava os menores custos possíveis. O que demandou, inclusive, um fluxo massivo de pessoas escravizadas originárias do além mar. Ao que se deve lembrar, todo esse sistema, produtivo e comercial, está submetido à *auri sacra fames*⁵⁹, a disputa pelo monopólio dos lucros da economia-mundo. Como resposta, se estabelece um antissistema agrário, o quilombo como estratégia de resistência e necessidade de sobrevivência. Tendo tirado o melhor proveito das características da Serra dos Tapes, fez dela aliada.

Um terceiro momento corresponde às transformações produtivas e geopolíticas na Europa. Por um lado, as mudanças de técnicas de cultivo, a privatização da terra, o

⁵⁹Do latim, ambição insaciável por riqueza.

crescimento populacional, a urbanização e a industrialização das sociedades criaram um ciclo vicioso, cujo resultado gerou um amplo contingente europeu, ocioso e com péssimas condições de vida. Por outro, as disputas pela hegemonia do novo ciclo econômico condicionavam a integração do território brasileiro às cadeias produtivas. À tal cenário, se acumulavam as iniciativas de europeização de tal sociedade. Assim, aquelas pessoas, periféricas em pleno centro da economia-mundo, encontraram incentivos materiais para se estabelecer no Brasil. O que se somavam às características edafoclimáticas da Serra dos Tapes, não tão destoantes de suas terras natais quanto outras áreas da periferia do globo. Processo esse, deve-se mencionar, que esteve condicionado à exclusão das populações que já habitavam a serra.

Na sequência, foi tratada a intensificação da relação entre a produção agrícola da Serra dos Tapes e os circuitos de comercialização. Inserido na tendência da Revolução Verde, o campo brasileiro sofreu transformações produtivas, seja em métodos, seja em culturas. O que se intensificou através da ação conjunta do Estado brasileiro e grandes empresas, que visavam redirecionar o campo para a posição de fornecedor de mão de obra e integrá-lo ao processo de industrialização. Em um segundo momento, se nota a intensificação da reorganização dos sistemas agrários, em que as Unidades de Produção Agrária se tornam meros elos em uma ampla cadeia produtiva, como demandantes e fornecedoras de insumos. Sendo especialmente sintomática a integração às empresas transnacionais, que passaram a ditar a gestão e organização de crescente parte das unidades produtivas. Um processo atrelado à periferação dos agentes nas cadeias produtivas, em conjunto da perda de soberania alimentar da população do território.

Por fim, foram pinceladas algumas iniciativas de questionamento à estrutura vigente. Novas formas de organizar os processos e fluxos, que surgem nas frestas da crise contemporânea e que visam ser menos danosas socioambientalmente. Por outro lado, buscou-se contrapor uma reavaliação do impacto de tais empreendimentos, não no intuito de menosprezar sua importância, mas situá-los em um amplo movimento sistêmico. Afinal, como podemos ver, tanto a Serra dos Tapes quanto a economia-mundo estão inseridos em estruturas que foram construídas durante, no mínimo, meio milênio. Entretanto, é sempre vital manter no horizonte que a realidade é mutante e transformações sistêmicas surgem de novas soluções para momentos de crise, tal qual a hodierna.

Se destaca, então, a abrangência da abordagem sistêmica, que se fez deveras útil nos momentos em que o estudo se encontrou em encruzilhadas. Desde o início, para compreender o advento da colonização como um desmembramento do(s) sistema(s) então vigentes na Serra

dos Tapes, e como esta seria impactada a partir de então. Como as tramas do centro do sistema-mundo influíram na distribuição de alguns sistemas, na constituição de outros. Sempre sob a lógica do fluxo e acumulação de capital em nós melhor posicionados na hierarquia internacional. Nesse sentido, faz-se profícuo o estudo de outras regiões, no intuito de averiguar o impacto da economia-mundo na transformação de seus sistemas-agrícolas. Se um comportamento semelhante é presente no restante do globo.

Aventou-se, por fim, a mudanças para além do capitalismo. Não mais como única realidade possível, mas um entre os vários sistemas a serem formulados. Um sistema como outro qualquer, que inevitavelmente terminará. Cabendo a seus componentes (atores sociais) reorganizá-lo com uma rede mais horizontal, numa dinâmica de relação distinta com seus ecossistemas — principalmente o natural. Tal tarefa, no entanto, não é simples, demanda a reorganização dos sistemas componentes da Serra dos Tapes rumo à maior autonomia. Mas, invariavelmente, necessita de um ambiente propício para tal em outros sistemas correlatos, tal qual o internacional.

REFERÊNCIAS

- AFUBRA. Fumicultura no Brasil. 2022. Disponível em: <https://afubra.com.br/fumicultura-brasil.html#tab-cigarros-e-impostos> Acesso em: 09 Jun 2022.
- AGUIRRE ROJAS, Carlos Antonio. Braudel, o mundo e o Brasil. São Paulo: Cortez, 2003.
- AMADEO, Javier. ROJAS, Gonzalo. Marxismo, pós-colonialidade e teoria do sistema-mundo. *Lutas Sociais*, São Paulo, n.25/26, p.29-43, 2º sem. de 2010 e 1º sem. de 2011.
- ARRIGHI, Giovanni. O longo século XX: dinheiro, poder e as origens de nosso tempo. Rio de Janeiro: Contraponto; São Paulo: Editora Unesp, 1996.
- ARAMOR, Marlon Henrique. Os ciclos sistêmicos de acumulação e o continente africano: uma análise sobre o comércio de escravos na economia-mundo capitalista. *Revista de Iniciação Científica da FFC*. v. 18 n. 2. 2018.
- BANDEIRA, Silvana de Matos. DUTRA, Éder Jardel da Silva, MAZZIN, Luiz Fernando. As transformações na relação campo-cidade no município de Canguçu/RS. *Boletim Gaúcho de Geografia*, VOL. 46, Nº 1/2. 2019.
- BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. *Revista Brasileira de Ciência Política* [online]. n. 11, pp. 89-117. 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-33522013000200004> Acesso em: 19 Maio 2022.
- BERTALANFFY, Ludwig von, *et al.* General system theory: a new approach to unity of science. *Human biology*, V. 23, 1951.
- BERTONCELO, Edison. Classe Social e Alimentação Padrões de consumo alimentar no Brasil contemporâneo. Universidade Federal de São Paulo. *RBCS* Vol. 34 nº 100 /2019.
- CAPRA, Fritjof. LUISI, Pier Luigi. A visão sistêmica da vida: uma concepção unificada e suas implicações filosóficas, políticas, sociais e econômicas. São Paulo: Cultrix; 2014. 615 p.
- CARDONA, Juan de Los Ríos; CRUZ, Mailane; VENDRUSCOLO, Rafaela; RADOMSKY, Guilherme. (2016). Desenvolvimento rural: do agrícola ao territorial. In *Introdução às teorias do desenvolvimento* (pp.113-122) UFRGS: PORTO ALEGRE, 2016.
- CASANOVA, Pablo González. As novas ciências e as humanidades: da academia à política. Tradução de Mouzar Benedito. Boitempo Editorial: São Paulo, 2006.
- CERQUEIRA, F. V. Serra dos Tapes: mosaico de tradições étnicas e paisagens culturais. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL EM MEMÓRIA E PATRIMÔNIO: MEMÓRIA,

PATRIMÔNIO E TRADIÇÃO. Anais do IV Seminário Internacional em Memória e Patrimônio: memória, patrimônio e tradição. Pelotas: Ed. UFPEL. p. 872 – 874. 2010.

COOPAR. Pomerano alimentos. 2022. Disponível em: <http://pomeranoalimentos.coop.br/sobre-a-coopar-pomerano/> Acesso em: 22 Jun. 2022.

COMANDULLI, Carolina Schneider. UNIDADES DE CONSERVAÇÃO SOBREPSTAS AO TERRITÓRIO GUARANI: O CASO DA ALDEIA GUARANI DE ITAPUÃ, VIAMÃO - RS *in* PORTO ALEGRE. Assembléia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul / Comissão de Cidadania e Direitos Humanos. Coletivos Guarani no Rio Grande do Sul: territorialidade, interetnicidade, sobreposições e direitos específicos. Porto Alegre: ALRS/CCDH, 2010. p. 64-77.

CONCEIÇÃO, Josuan Ávila da. CARVALHO, Magnólia dos Santos. RAMOS, Shana Monte Pereira. VIEIRA, Sidney Gonçalves. Espaço e Tempo na Formação Urbana de Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil. Anais do 12º Encuentro de geógrafos de América Latina. Montevideu, 2009.

COTRIM, Marcelo. ‘Pecuária Familiar’ na região da ‘Serra do Sudeste’ do Rio Grande do Sul: um estudo sobre a origem e a situação socioagroeconômica do ‘pecuarista familiar’ no município de Canguçu/RS. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural - Área de Concentração em Agricultura, Meio Ambiente e Sociedade). Faculdade de Ciências Econômicas. Universidade Federal do Rio Grande do Sul: Porto Alegre, 2003.

CHEAL, David J. The Gift Economy. New York: Routledge, 1988.

DAL SOGLIO, Fábio. KUBO, Rumi Regina. Desenvolvimento, agricultura e sustentabilidade. Porto Alegre: Editora da UFRGS. Série Ensino Aprendizagem e Tecnologias UFRGS. 2016.

CEVS. O cenário epidemiológico do suicídio no estado do Rio Grande do Sul. Secretaria de Estado da Saúde Centro Estadual de Vigilância em Saúde Núcleo de Vigilância das Doenças e Agravos Não Transmissíveis. Agosto de 2021. Disponível em: <https://saude.rs.gov.br/upload/arquivos/202108/27161315-cenario-epidemiologico-suicidio-2021.pdf> Acesso em: 22 Jun 2022

DELLA MEA, Alex; FREITAS, Vânia Maria Oliveira de; CAMARGO, Maria Aparecida Santana. Elementos Culturais dos Índios Guarani no Rio Grande Do Sul. XVI Seminário Internacional de Educação no Mercosul. Unicruz. Cruz Alta, RJ: 2014.

DUTRA, Éder Jardel da Silva. A fumicultura no Passo dos Oliveiras, Canguçu/RS: consequências na reorganização do setor agrário. Dissertação (Mestrado) — Pós-Graduação em Geografia. Universidade Federal do Rio Grande. Rio Grande, 2010.

- DUTRA, Éder Jardel da Silva. A produção de fumo em perspectiva: A tipologia dos produtores de fumo no município de Canguçu, Rio Grande do Sul, Brasil. Tese (Doutorado) — Pós-Graduação em Geografia. Instituto de Geociências. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, agosto de 2015
- FLORENTINO, Manolo. Em costas negras: uma história do tráfico atlântico de escravos entre a África e o Rio de Janeiro (séculos XVIII e XIX). São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- FREY, R. Scott. Cigarette Trafficking in the World-System. *Journal of Globalization Studies*, Vol. 4 No. 2, November 2013. p. 74–81.
- GERBEAU, Yoan Molinero. Mass Migrations across the World-System's History. *E-International Relations*. 2017. Disponível em: <https://www.e-ir.info/2017/08/01/mass-migrations-across-the-world-systems-history/> Acesso em: 20 Mai. 2022
- GEHRKE, Cristiano. Imagens e cotidiano de imigrantes alemães, franceses, italianos e seus descendentes na Serra dos Tapes/RS: descrição e interpretação dos acervos fotográficos do Museu da Imigração Pomerana, Museu da Colônia Maciel e Museu da Colônia Francesa. Tese (Doutorado) — Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, 2018
- GOBBI, Flávio Schardong; BAPTISTA, Marcela Meneghetti; PRINTES, Rafaela Biehl; COSSIO, Rodrigo Rasia; Breves aspectos socioambientais da territorialidade Mbyá-Guarani no Rio Grande do Sul *In* Porto Alegre. Assembléia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul / Comissão de Cidadania e Direitos Humanos. Coletivos Guarani no Rio Grande do Sul: territorialidade, interetnicidade, sobreposições e direitos específicos. Porto Alegre: ALRS/CCDH, 2010. p. 19-32.
- GOIS, Gabriela Rodrigues. Evolução e diferenciação dos sistemas agrários na Serra dos Tapes, Rio Grande do Sul. *Geographia Meridionalis*. v. 04, n. 01. Jan-Jun/2018. p. 57-83
- GOMES, Gustavo Crizel; CARDOSO, Joel Henrique; FERRER, Rogério Soares; RODRIGUES, Paulo Ricardo Faraco; RODRIGUES, Walter Fagundes. Árvores da Serra dos Tapes: guia de identificação com informações ecológicas, econômicas e culturais – Brasília, DF: Embrapa, 2013.
- GOMES, Gustavo; GOMES, João; BARBIERI, Rosa; MIURA, Adalberto; SOUZA, Leticia. Environmental and Ecosystem Services, Tree Diversity and Knowledge of Family Farmers. *Floresta e Ambiente*. 26(1). 12p. 2018.

- HATTON, Timothy J.. WILLIAMSON, Jeffrey G.. What Drove the Mass Migrations from Europe in the Late Nineteenth Century? *Population and Development Review*, Vol. 20, No. 3, p. 533-559. 1994.
- HACKENHAAR, Daniele, Vida e trajetória do povo pomerano: a imigração pomerana para o Brasil. Trabalho de Conclusão de Curso para obtenção do título de bacharel e licenciatura em História pela Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis. 2018.
- HOPKINS, Terence; WALLERSTEIN, Immanuel. *Commodity Chains in the World-Economy Prior to 1800*. Binghampton: Fernand Braudel Center, 1986.
- HOPKINS, Terence; WALLERSTEIN, Immanuel. *World-Systems analysis, theory and methodology*. Sage Publications, 1982.
- IBGE. Pesquisa de Orçamentos Familiares 2008–2009: Análise Do Consumo Alimentar Pessoal No Brasil. Rio de Janeiro: 2011
- IBGE. Pesquisa de orçamentos familiares 2017-2018 : primeiros resultados. Coordenação de Trabalho e Rendimento. Rio de Janeiro: 2019.
- IBGE. Sidra: sistema IBGE de recuperação automática. Produção Agrícola Municipal. Rio de Janeiro, 2022a. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/5457>. Acesso em: mar. 2022.
- IBGE. Sidra: sistema IBGE de recuperação automática. Pesquisa da Pecuária Municipal. Produção de origem animal, por tipo de produto. Rio de Janeiro, 2022b. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/74>. Acesso em: mar. 2022.
- KERN, Arno Alvarez. *Arqueologia pré-histórica do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1991.
- KERN, Arno Alvarez. O impacto das práticas missionárias nas Missões Jesuítico-guaranis: da aldeia guarani ao núcleo urbano colonial. *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH • São Paulo*, julho 2011
- KOÇAK, Yunus Emre. *Power and decline in the british and american hegemonies: a Wallerstenian analysis*. M.Sc., Department of International Relations. Thesis submitted to the graduate school of social science. Middle East Technical University. Ankara, Turkey. December, 2006.
- LAUX, Jorge Henrique. STROPPER, José Luciano. PROVENZANO, Carlos Augusto. SCHERER, Oscar L. Bertoldo. *Revisão Estratigráfica do Batólito Pelotas*. 49º Congresso Brasileiro de Geologia. Serviço Geológico do Brasil - CPRM. Rio de Janeiro . 20 a 24 de agosto de 2018.
- LIMA, Maria Imaculada Fonseca. *Paisagem, terroir e sistemas agrários : um estudo em São Lourenço do Sul*. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural) - Universidade Federal

do Rio Grande do Sul, Faculdade de Ciências Econômicas, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Porto Alegre, 2006.

MALISZEWSKI, Eliza. Conheça a cidade campeã em tabaco na safra 2020/2021: Produção total nos três Estados do Sul foi de 628.4 mil toneladas. AGROLINK. 2021. Disponível em: https://www.agrolink.com.br/noticias/conheca-a-cidade-campea-em-tabaco-na-safra-2020-2021_457001.html Acesso em: 09 Jun. 2022

MANTELLI, Jussara, DUTRA, Éder Jardel da Silva. KONZE, Queli Rejane da Silva. A agricultura familiar no contexto do agronegócio no município de Canguçu, estado do Rio Grande do Sul, Brasil. Geosul, Florianópolis, v. 34, n. 71- Dossiê Agronegócios no Brasil, p. 500-524, Abril. 2019.

MATHIAS, Maíra. Deputado vice-líder de Bolsonaro confessa ter “combinado” com Onyx extinção de colegiado antitabaco. O Joio e O Trigo. 2022a. Disponível em: <https://ojoioeotrigo.com.br/2022/02/deputado-vice-lider-de-bolsonaro-confessa-ter-combinado-com-onyx-extincao-de-colegiado-antitabaco/> Acesso em: 09 Jun 2022.

MATHIAS, Maíra. Indústria do tabaco tenta passar ileso pela reforma tributária. O Joio e O Trigo. 2022b. Disponível em: <https://ojoioeotrigo.com.br/2022/02/industria-do-tabaco-tenta-passar-ileso-pela-reforma-tributaria/> Acesso em: 09 Jun 2022.

MAZOYER, Marcel. ROUDART, Laurence. Origem e Expansão da Agricultura no Mundo *in* MIGUEL, L. de A. (org.). Dinâmica e Diferenciação de Sistemas Agrários. Porto Alegre: Editora da UFRGS. Série Ensino Aprendizagem e Tecnologias UFRGS. Pág 55-81. 2018.

MCMICHAEL, Philip. Global development and the corporate food regime. Symposium on New Directions in the Sociology of Global Development, XI World Congress of Rural Sociology, Cornell University. Trondheim. July 2004.

MEDEIROS, Monique. Diversidade de saberes em situações de interface : a emergência da agricultura de base ecológica entre agricultores familiares no sul do Rio Grande do Sul. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Ciências Econômicas, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Porto Alegre, 2011.

MIGUEL, Lovois de Andrade; MAZOYER, Marcel; ROUDART, Laurence; WIVES, Daniela Garcez Abordagem sistêmica e sistemas agrários *in* MIGUEL, L. de A. (org.). Dinâmica e Diferenciação de Sistemas Agrários. Porto Alegre: Editora da UFRGS. Série Ensino Aprendizagem e Tecnologias UFRGS. Pág 11-55. 2018.

- MIGUEL, L. de A. (org.). *Dinâmica e Diferenciação de Sistemas Agrários*. Porto Alegre: Editora da UFRGS. Série Ensino Aprendizagem e Tecnologias UFRGS. 2018.
- MIGNOLO, Walter. *Desobediência Epistêmica II*. *Otros logos*, Neuquén, v. 1, p. 8–42. 2010.
- MILHEIRA, Rafael Guedes. *Território e estratégia de assentamento Guarani na planície sudoeste da Laguna dos Patos e Serra do Sudeste-RS*. Dissertação (Mestrado em Arqueologia). Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. São Paulo. 2008.
- MOORE, Jason W. *The End of the Road? Agricultural Revolutions in the Capitalist World-Ecology, 1450–2010*. *Journal of Agrarian Change*, Vol. 10 No. 3, July 2010, pp. 389–413.
- MORIN, Edgar. *Introdução ao Pensamento Complexo*. Traduzido por Eliane Lisboa. 5 ed - Porto Alegre: Sulina, 2015.
- MURAKAMI, Y.; PINTO, N. F.; ALBUQUERQUE, G. S. C.; PERNA, P. O.; LACERDA, A. *Intoxicação crônica por agrotóxicos em fumicultores*. *Saúde Debate - Rio de Janeiro*, V. 41, N. 113, P. 563-576, ABR-JUN 2017.
- NEVES, Cristian Costa das. *A Ocupação Humana no Espaço da Serra dos Tapes: os casos dos distritos de Cerrito Alegre e Quilombo/Pelotas-RS*. 2014. 145f. Dissertação (Mestrado em Antropologia – Área de Concentração em Arqueologia). Programa de Pós-graduação em Antropologia, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas. Pelotas. 2014.
- NICOLI, S.; GENOVEZ, P. F.; SIQUEIRA, S. *Migração, memória e território: os descendentes de imigrantes italianos da microrregião de Aimorés/MG*. *Revista História & Perspectivas*, [S. l.], v. 26, n. 49, 2014. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/historiaperspectivas/article/view/24991>. Acesso em: 2 jun. 2022.
- NOGUEIRA, Isabela. *O lugar da China na economia-mundo capitalista Wallersteiniana*. *Textos de Economia*, v. 11, n. 1, p. 39-53, 2008.
- PAULA, Nilson Maciel de. *Sistema Agroalimentar Mundial: Contradições e Desafios - Curitiba: CRV*. 2017.
- PENNAFORTE, Charles. *Movimentos antissistêmicos e relações internacionais [recurso eletrônico] : uma perspectiva teórica para compreender o sistema-mundo*. Pelotas: Ed. UFPel, 2020.
- PEREIRA, Mônica Cox de Britto. *Revolução Verde*. In: CALDART, Roseli Salete; PEREIRA, Isabel Brasil; ALENTEJANO, Paulo; FRIGOTTO, Gaudêncio. (Orgs.). *Dicionário de Educação no Campo*. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012. P. 687-691.

- PETRINI, Carlos, *Slow Food, princípios da nova gastronomia*. Tradutora: Renata Lucia Bottini. Senac - São Paulo : 2009;
- PETRONE, Maria T. S. *O imigrante e a pequena propriedade*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1982.
- PINHEIRO, Patrícia dos Santos Pinheiro, MENASCHE, Renata. MAGNI, Claudia Turra. MACHADO, Carmen Janaína. *Tramas agroecológicas na colônia de Pelotas*. Anuário Antropológico, Brasília, UnB, v. 43, n. 1: 93-122, 2018.
- PINTO, Natália Garcia. MOREIRA, Paulo Roberto Staudt. AL-ALAM, Caiuá Cardoso. *Os Calhambolas do General Manoel Padeiro: práticas quilombolas na Serra dos Tapes (RS, Pelotas, 1835)*. 2. ed., rev. e ampl., e-book. São Leopoldo: Oikos, 2020.
- PRETTO, José Miguel. *As cooperativas de leite autodenominadas da agricultura familiar, CLAFs : o equilíbrio instável entre inclusão e sustentabilidade*. Tese (Doutorado em Política Social e Direitos Humanos) - Universidade Católica de Pelotas, 2019.
- PREVIDELLI, Maria de Fátima. SOUZA, Luiz Eduardo Simões de. *Ondas Longas em Braudel, Kondratieff, Wallerstein e Arrighi: da empiria à teoria*. Anais do VI Colóquio Brasileiro de Economia Política de Sistemas-Mundo, 27 e 28 de agosto. UNESP - Campus de Marília/SP. 2012.
- QUIJANO, Aníbal. *Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina*. In: LANDER, E. (Org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latinoamericanas*. Buenos Aires: Clacso, p. 107–130. 2005.
- QUIJANO, Anibal; WALLERSTEIN, Immanuel. *La Americanidad como Concepto, o América en el Moderno Sistema Mundial*. *Revista Internacional de Ciencias Sociales*, vol. XLIV, n o 4, pp. 583-591. 1992.
- RIBEIRO, Luiz César de Queiroz, DINIZ, Nelson. *Financeirização, mercantilização e reestruturação espaço-temporal: reflexões a partir do enfoque dos ciclos sistêmicos de acumulação e da teoria do duplo movimento*. *Cad. Metrop.*, São Paulo, v. 19, n. 39, pp. 351-377, maio/ago 2017.
- ROJAS, Carlos Antonio Aguirre. *O que são os movimentos antissistêmicos?* Traduzido por FONSECA, André Dione Fonseca; SALGUEIRO, Eduardo de Melo. *Revista Eletrônica História em Reflexão: Vol. 7 n. 13 – UFGD – Dourados, jan/jun - 2013*.
- SALAMONI, Giancarla. *A imigração alemã no Rio Grande do Sul – o caso da comunidade pomerana de Pelotas*. *História em Revista, Pelotas*, v. 7, 25-42, dezembro/2001.
- SALAMONI, Giancarla; DREHMER, Ana Carolina Bilhalva; WASSMANSDORF, Luiz Felipe; SODRÉ, Maiara Tavares; COSTA, Maria Regina Caetano; DA ROSA, Mateus Silva;

- DA SILVA, Tieissa Fonseca. A Geografia da Serra dos Tapes [recurso eletrônico]: natureza, sociedade Pelotas : Ed. UFPel, 140 p. 2021.
- SALAMONI, G; WASKIEVICZ, C. A. Serra dos Tapes: espaço, sociedade e natureza. Revista Tessituras, Pelotas. v. 1, n. 1, p.73-100, 2013.
- SANTOS, Victória Deckmann. Missões jesuítico-guarani e protagonismo indígena: inserção de contranarrativas no ensino de História por meio da educação patrimonial. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da. Curso de Museologia. Porto Alegre: 2019.
- SCHMITZ, Pedro Ignácio. Migrantes da Amazônia: a tradição Tupiguarani. *in* SCHMITZ, Pedro Ignácio. Arqueologia do Rio Grande do Sul. PRÉ-HISTÓRIA do Rio Grande do Sul. Instituto Anchieta de Pesquisas - UNISINOS, São Leopoldo: 2006.
- SCHNEIDER, Maurício; MENASCHE, Renata. Relações interétnicas e formas de acesso à terra: reciprocidade e dependência entre quilombolas e pomeranos na Serra dos Tapes, Rio Grande do Sul. Revista de Ciências Sociais, nº 45, p. 123-138, Julho/Dezembro de 2016.
- SERRA, Michel. Panmythica. Mapas Históricos do Brasil. 2008. Disponível em: <https://www.panmythica.com/2008/04/mapas-historicos-do-brasil.html> Acesso em: 23 maio 2022.
- SEVERO; Patrícia Schneider; ANJOS, Flávio Sacco dos; SILVA, Fernanda Novo da. Os pêssegos não caem do céu: relações de trabalho e agricultura familiar na região de Pelotas-RS. DRd - Desenvolvimento Regional em debate, v. 10, p. 137-160, 23/04/2020.
- SEYFERTH, Giralda. Colonização, imigração e a questão racial no Brasil. Revista USP, São Paulo, n. 53, p. 117-149, 2002.
- SILVA, Ana Karolina Moraes. Os impactos da transição hegemônica sobre a periferia: uma análise dos arranjos político-institucionais da América do Sul no século XXI desde a perspectiva do sistema-mundo. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Integração Latino-Americana. Instituto Latino-Americano de Economia, Sociedade e Política. Programa de Pós-Graduação em Integração Contemporânea da América Latina. Foz do Iguaçu-PR, 2022.
- SINDITABACO. Brasil: o grande exportador e segundo maior produtor. 2021. Disponível em: <https://www.sinditabaco.com.br/item/brasil-o-grande-exportador-e-segundo-maior-produtor/> Acesso em: 09 Jun 2022.

- SOENDERGAARD, Niels. Modern Monoculture and Periphery Processes: a World Systems Analysis of the Brazilian soy expansion from 2000-2012. RESR, Piracicaba-SP, Vol. 56, No 01, p. 069-090, Jan./Mar. 2018
- SOUZA, Mariluce Paes de. SOUZA FILHO, Theophilo Alves de. MULLER, Carlos André da Silva. SOUZA, Dércio Bernardes de. Custos da produção em unidades rurais produtoras de leite: avaliação do gerenciamento e produtividade. Revista Custos e @gronegócio online, v. 7, n. 1, p. 140-158, 2011.
- SUDRÉ, Luciene. A indústria do cigarro ainda sufoca os cofres públicos e não quer pagar a conta. O Joio e O Trigo. 2021. Disponível em: <https://ojoioeotrigo.com.br/2021/09/a-industria-do-cigarro-ainda-sufoca-os-cofres-publicos-e-nao-quer-pagar-a-conta/> Acesso em: 09 Jun 2022.
- SUERTEGARAY, Dirce Maria Antunes; GUASSELLI, Laurindo Antonio. Paisagens (imagens e representações) do Rio Grande do Sul. In: VERDUM, Roberto; BASSO, Luís Alberto; SUERTEGARAY, Dirce Maria Antunes. Rio Grande do Sul: paisagens e territórios em transformação. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2004.
- TAVARES, Marisa Sandra Wienke. A cultura da erva-mate na Serra dos Tapes, RS, como contribuição ao desenvolvimento rural sustentável e conservação da agrobiodiversidade. Tese (Doutorado em Agronomia) – Programa de Pós-Graduação em Sistemas de Produção Agrícola Familiar, Faculdade de Agronomia Eliseu Maciel, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2020.
- TERLOUW, Kees. Semi-peripheral developments: from world-systems to regions. *Capitalism, Nature, Socialism*. 14. 71-90. 2003.
- VARGAS, Jonas Moreira. Abastecendo plantations: A inserção do charque fabricado em Pelotas (RS) no comércio atlântico das carnes e a sua concorrência com os produtores platinos (século XIX). *História (São Paulo)* v.33, n.2, p. 540-566, jul./dez. 2014.
- VASCONCELLOS, Maria José Esteves de. *Pensamento Sistêmico: O novo paradigma da ciência*. 7. ed. Campinas: Papirus, 2006.
- VIEIRA, Pedro Antonio. A economia-mundo, Portugal e o “Brasil” no longo século XVI (1450-1650) *in* VIEIRA, Pedro Antonio; VIEIRA, Rosângela de Lima; FILOMENO, Felipe Amin. *O Brasil e o capitalismo histórico : passado e presente na análise dos sistemas-mundo*. São Paulo, SP : Cultura Acadêmica Editora, 2012.
- WALLERSTEIN, Immanuel. A África e a economia-mundo *in* AJAYI, J.F.A. (Org.). *História Geral da África, VI: África do século XIX à década de 1880*. p. 27-46. Brasília: UNESCO, 2010.

WALLERSTEIN, Immanuel. Capitalismo histórico e civilização capitalista. Tradução de Renato Aguiar, revisão da tradução de César Benjamin. Rio de Janeiro: Editora Contraponto, 2001.

WALLERSTEIN, Immanuel. O Sistema Mundial Moderno, vol. I. Edições Afrontamento, Lisboa, 1990.

WALLERSTEIN, Immanuel. A Análise dos Sistemas-Mundo como movimento do saber in VIEIRA, Pedro Antonio *et al.* O Brasil e o capitalismo histórico : passado e presente na análise dos sistemas-mundo. São Paulo, SP : Cultura Acadêmica Editora, 2012.

WALLERSTEIN, Immanuel. What about China? 2017. Disponível em: <https://iwallerstein.com/what-about-china/> Acesso em: 09/06/2022

WÜNSCH, J. Diagnóstico e Tipificação de Sistemas de Produção: Procedimentos para Ações de Desenvolvimento Regional. Piracicaba (SP.), ESALQ, 178p. (Dissertação de Mestrado em Agronomia). 1995.